



Maigret

Simenon

Maigret e o
finado sr. Gallet

INÉDITO

L&PM POCKET

Copyrighted material

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TÍTULO

GEORGES SIMENON

MAIGRET E O FINADO SR GALLET

(M. Gallet Décédé - 1931)

Comissário Maigret #03

* * *

ÍNDICE

Capa

Título

Índice

O Autor

Série

Resumo

Capítulos

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

* * *

O AUTOR

GEORGES JOSEPH CHISTIAN SIMENON (Liège, 13 de fevereiro de 1903 - Lausanne, 4 de setembro de 1989) foi um escritor belga de língua francesa de uma fecundidade extraordinária: Escreveu 192 romances, 158 novelas, além de obras autobiográficas e numerosos artigos e reportagens sob seu nome e mais 176 romances, dezenas de novelas, contos e artigos sob 27 pseudônimos diferentes.

Simenon nasceu na Rua Leopold, em Liège, primeiro filho de Desire Simenon, empregado em um escritório de seguros e Henriette. Em 1905 a família mudou para a rua Pasteur, hoje chamada Rua Georges Simenon. A família é originária do “Limburgo belga”, uma região de terras baixas próximo a Meuse, um corredor de passagem entre a Flandres, a Valônia e os Países Baixos. Georges começou a aprender a ler aos três anos na escola Sainte-Julienne. A partir de 1908, começa o primário no Instituto Santo André, onde foi pelos seis anos seguintes um dos três melhores alunos. A partir de 1914, vai estudar com os jesuítas no Colégio São Luís. Passa então ao colégio Saint-Servais, onde completa o colegial e se desilude com as classes sociais por causa do convívio com colegas mais abastados. Em 1918, a pretexto dos problemas cardíacos do pai, decide parar com os estudos, sem fazer nem os exames finais, arrumando pequenos empregos sem qualificação como aprendiz de confeitoiro. Em janeiro de 1919, começa como repórter no jornal "La Gazette de Liège", período extraordinário para o jovem de dezesseis anos, que escreve mais de 150 artigos com o pseudônimo de "G. Sim.". Interessa-se particularmente pelos inquéritos policiais, e

assiste conferencias sobre policia científica feitos pelo criminalista francês Edmund Locard. Nesse ano redige ainda seu primeiro romance, "Au pont dês Arches", publicado em 1921 com seu nome de jornalista. Nessa época aprofunda seu conhecimento do meio boêmio, das prostitutas, dos bêbados, anarquistas, artistas e mesmo futuros assassinos. Frequenta também um grupo de artistas chamados "La Caque", onde encontrara uma estudante de Belas-Artes, Regine Renchon, com quem se casa em 1923.

Com a morte de seu pai, parte para se instalar em Paris com Regine. Começa a escrever com diversos pseudônimos e sua criatividade lhe assegura um rápido sucesso financeiro. Em 1930, numa série de novelas escritas para "Detective", coleção encomendada por Joseph Kessel, aparece pela primeira vez o personagem "Comissário Maigret". Em 1972 Simenon renuncia ao romance, mas não havia acabado de explorar os meandros do homem, a começar por ele mesmo, em uma longa autobiografia com 21 volumes ditada em um pequeno gravador.

As tiragens acumuladas de seus livros atingem mais de 500 milhões de exemplares. É o autor belga, e o quarto autor de língua francesa mais traduzido em todo o mundo.

* * *

LIVROS DA SÉRIE COMISSÁRIO MAIGRET

1. *1931; Pietr-le-Letton;*
2. *1931; Le Charretier de la Providence;*
3. *1931; M. Gallet Décédé;*
4. *1931; Le Pendu de Saint-Pholien;*
5. *1931; L'homme de la Tour Eiffel;*
6. *1931; Le Chien Jaune;*
7. *1931; La Nuit du Carrefour;*
8. *1931; Un Crime en Hollande;*
9. *1931; Au Rendez-Vous des Terre-Neuves;*
10. *1931; La Danseuse du Gai-Moulin;*
11. *1932; La Guinguette à Deux Sous;*
12. *1932; L'ombre Chinoise;*
13. *1932; L'affaire Saint-Fiacre;*
14. *1932; Chez les Flamands;*
15. *1932; Le Port des Brumes;*
16. *1932; Le Fou de Bergerac;*
17. *1933; L'écluse N° 1;*
18. *1934; Maigret;*
19. *1937; Liberty Bar;*
20. *1938; Une Erreur de Maigret;*
21. *1938; L'amoureux de Madame Maigret;*
22. *1938; Stan le Tueur;*
23. *1938; L'Auberge aux Noyés;*
24. *1938; La Péniche aux Deux Pendus;*
25. *1938; L'affaire du Boulevard Beaumarchais;*

26. 1938; *La Fenêtre Ouverte*;
27. 1938; *Monsieur Lundi*;
28. 1938; *Jeumont, 51 Minutes D'arrêt*;
29. 1938; *Les Larmes de Bougie*;
30. 1938; *Rue Pigalle*;
31. 1938; *La Vieille Dame de Bayeux*;
32. 1938; *L'Étoile du Nord*;
33. 1938; *Tempête Sur la Manche*;
34. 1938; *Mademoiselle Berthe et Son Amant*;
35. 1938; *L'improbable Monsieur Owen*;
36. 1938; *Ceux du Grand Café*;
37. 1938; *Le Notaire du Châteauneuf*;
38. 1939; *L'Homme Dans la Rue*;
39. 1939; *Vente à la Bougie*;
40. 1940; *La Maison du Juge*;
41. 1942; *Les Caves du Majestic*;
42. 1942; *Cécile est Morte*;
43. 1942; *Menaces de Mort*;
44. 1944; *Signé Picpus*;
45. 1944; *Félicie est Là*;
46. 1944; *L'Inspecteur Cadavre*;
47. 1945; *La Pipe de Maigret*;
48. 1945; *Maigret se Fâche*;
49. 1946; *Le Témoignage de L'enfant de Chœur*;
50. Mars 1946; *Maigret à New York*;
51. 1946; *Le Client le Plus Obstiné du Monde*;
52. 1946; *Maigret et L'inspecteur Malgracieux*;
53. 1946; *On Ne Tue Pas Les Pauvres Types*;
54. 1946; *Sous Peine de Mort*;
55. 1947; *Les Vacances de Maigret*;
56. 1948; *Maigret et Son Mort*;
57. 1948; *La Première Enquête de Maigret*;
58. 1949; *Mon Ami Maigret*;
59. 1949; *Maigret Chez le Coroner*;

60. 1949; *L'amie de Mme Maigret*;
61. 1950; *Un Noël de Maigret*;
62. 1950; *Les Mémoires de Maigret*;
63. 1950; *Maigret et la Vieille Dame*;
64. 1950; *Maigret au Picratt's*;
65. 1951; *Maigret en Meublé*;
66. 1951; *Maigret et la Grande Perche*;
67. 1951; *Maigret, Lognon et Les Gangsters*;
68. 1952; *Le Revolver de Maigret*;
69. 1953; *Maigret et L'homme du Banc*;
70. 1953; *Maigret a Peur*;
71. 1953; *Maigret se Trompe*;
72. 1953; *Maigret à L'école*;
73. 1954; *Maigret et la Jeune Morte*;
74. 1954; *Maigret Chez le Ministre*;
75. 1955; *Maigret et le Corps Sans Tête*;
76. 1955; *Maigret Tend Un Piège*;
77. 1955; *Un Échec de Maigret*;
78. 1956; *Maigret S'amuse*;
79. 1957; *Maigret Voyage*;
80. 1957; *Les Scrupules de Maigret*;
81. 1958; *Maigret et Les Témoins Récalcitrants*;
82. 1959; *Une Confiance de Maigret*;
83. 1959; *Maigret aux Assises*;
84. 1960; *Maigret et les Vieillards*;
85. 1961; *Maigret et le Voleur Paresseux*;
86. 1961; *Maigret et les Braves Gens*;
87. 1962; *Maigret et le Client du Samedi*;
88. 1962; *Maigret et le Clochard*;
89. 1962; *La Colère de Maigret*;
90. 1963; *Maigret et le Fantôme*;
91. 1964; *Maigret s Défend*;
92. 1965; *La Patience de Maigret*;
93. 1966; *Maigret et L'affaire Nahour*;

94. *1966; Le Voleur de Maigret;*
95. *1967; Maigret à Vichy;*
96. *1968; Maigret Hésite;*
97. *1968; L'ami D'enfance de Maigret;*
98. *1969; Maigret et le Tueur;*
99. *1969; Maigret et le Marchand de Vin;*
100. *1970; La Folle de Maigret;*
101. *1971; Maigret et L'homme Tout Seul;*
102. *1971; Maigret et L'indicateur;*
103. *1972; Maigret et Monsieur Charles;*

* * *

RESUMO

O CORPO DE Emille Gallet é descoberto em um hotel em Sancerre. O comissário Maigret fica intrigado, pois parece que Gallet levava uma vida dupla. Verificou-se que ele não era o representante de vendas que todos pensavam ser, mas um trapaceiro que havia descoberto formas de chantagear algumas pessoas abastadas e, em particular, um lorde rico chamado Tiburce de Saint-Hilaire. Contudo, Gallet se tornou vítima de sua própria chantagem e tramou um esquema de seguro para beneficiar sua própria esposa. Somente Maigret, exímio conhecedor do comportamento humano, poderá encontrar as respostas para as tantas perguntas que pairam no ar.

* * *

Um

Um Trabalho Aborrecido

O PRIMEIRO contato entre o comissário Maigret e o morto, com quem ele iria viver durante semanas na mais desalentadora das intimidades, se deu em 27 de junho de 1930, em circunstâncias ao mesmo tempo banais, penosas e inesquecíveis. Inesquecíveis porque havia uma semana que a Polícia Judiciária recebia notificações, uma atrás da outra, anunciando a passagem por Paris do Rei da Espanha no dia 27 e lembrando as medidas a tomar em semelhante caso. Só que o diretor da P.J. estava em Praga, onde assistia a um congresso de polícia científica. E o subdiretor fora chamado à sua casa de praia na costa normanda por causa da doença de um de seus garotos.

Maigret era o mais antigo dos comissários e devia se ocupar de tudo, num período de calor sufocante, com efetivos que as férias reduziam ao estritamente necessário. Foi ainda em 27 de junho, logo ao amanhecer, que descobriram, na Rue Picpus, a dona de uma loja de aviamentos assassinada. E, às nove da manhã desse dia, todos os inspetores disponíveis haviam partido para a Gare du Bois-de-Boulogne, onde era esperado o soberano espanhol.

Mandara abrir portas e janelas, e, sob a ação das correntes de ar, as portas batiam, os papéis voavam das mesas. Alguns minutos depois das nove, chegava um telegrama de Nevers:

Émile Gallet, caixeiro-viajante, domiciliado em Saint-Fargeau, Seine-et-Marne, assassinado noite de 25 a 26, Hotel de la Loire, Sancerre. Muitos detalhes estranhos. Favor avisar família para reconhecimento cadáver. Se possível enviar inspetor de Paris.

Maigret não teve outro recurso senão ir ele mesmo a Saint-Fargeau, cuja existência, a 35 quilômetros da capital, ele sequer conhecia uma hora antes. Ignorava o horário dos trens. Quando chegou à Gare de Lyon, lhe disseram que um trem partia naquele instante e ele se pôs a correr, mal teve tempo de se lançar no último vagão. Foi o suficiente para deixá-lo banhado de suor. Passou o resto da viagem recuperando o fôlego e se enxugando, pois era corpulento.

Em Saint-Fargeau, foi o único passageiro a descer e ficou vagando por vários minutos na plataforma descoberta até localizar um funcionário.

— O Sr. Gallet?... No final da aleia central do loteamento. Há uma placa na casa, e está escrito Les Marguerites. Aliás, é a única construção mais ou menos terminada...

Maigret retirou o casaco e pôs um lenço sob o chapéu a fim de proteger a nuca, pois a aleia em questão era extensa e não havia a menor mancha de sombra. O sol era de uma triste cor de cobre, e as moscas atacavam com fúria, anunciando uma tempestade. Nem uma única alma para animar o cenário e dar informações ao viajante.

O loteamento não era mais que um vasto bosque que devia ter pertencido a um domínio senhorial. Limitaram-se a traçar uma rede de aleias geométricas, como a golpes de máquina de cortar cabelo, e de cabos de eletricidade que levariam luz às futuras casas. Em frente à estação ferroviária, porém, uma pracinha fora montada com fonte de mosaico e chafariz. Num barraco de madeira, se lia: **ESCRITÓRIO DE**

VENDA DE TERRENOS. Ao lado figurava um mapa onde essas aleias desertas já tinham nomes de políticos e de generais.

A cada cinquenta metros, Maigret retirava o lenço para enxugar o suor e o recolocava sobre a nuca, que começava a arder. Ele via aqui e ali embriões de construção, trechos de parede que os pedreiros decerto tinham abandonado por causa do calor. A dois quilômetros da estação, mais ou menos, encontrou Les Marguerites, uma casa de estilo vagamente inglês, com telhas vermelhas, arquitetura complicada, um muro rústico separando o jardim do que continuava sendo o bosque. Pelas aberturas do primeiro andar, avistou um leito com um colchão dobrado em dois. As cobertas eram arejadas sobre o apoio da janela. Tocou a campainha. Uma empregada de uns trinta anos, meio estrábica, olhou-o primeiro através de um postigo e, enquanto se decidia a abrir a porta, Maigret vestiu o casaco.

— A Sra. Gallet, por favor.

— Da parte de quem? Mas já uma voz, no interior, interrogava:

— Quem é, Eugénie? E a Sra. Gallet foi até a entrada, esperando, de queixo erguido, as explicações do intruso. — Deixou cair alguma coisa! Ela observou sem amabilidade, enquanto ele retirava o chapéu e se esquecia do lenço, que caiu no chão. Juntou-o e, resmungando sílabas ininteligíveis, se apresentou.

— Comissário Maigret, da primeira Brigada Móvel. Gostaria de conversar um instante com a senhora...

— Comigo? E, se virando para a empregada: — E você, o que está esperando?

Maigret observava agora a Sra. Gallet. Era uma mulher de uns cinquenta anos, francamente desagradável. Apesar da hora, do calor, da solidão da casa de campo, já estava armada de um vestido de seda malva, e nenhum de seus cabelos grisalhos saía de um rígido alinhamento. No pescoço, sobre o vestido e nos punhos, tilintavam correntes de ouro, broches e braceletes. A contragosto, ela precedeu o visitante até a sala.

Ao passar diante de uma porta entreaberta, Maigret mergulhou o olhar numa cozinha branca onde cintilavam objetos de cobre e de alumínio.

— Posso começar a encerar, madame?

— Naturalmente. Por que não?

A doméstica desapareceu na copa vizinha e logo se ouviu que esfregava a cera no soalho, ajoelhada, enquanto um forte cheiro de terebintina se espalhava pela casa. Todos os móveis da sala eram ornados de enfeites. Na parede havia o retrato ampliado de um garoto esguio, magro, com joelhos salientes, rosto antipático, em traje de primeira comunhão. Sobre o piano, uma fotografia menor mostrava um homem de cabelos abundantes, barbicha grisalha, vestindo uma casaca mal cortada nos ombros. A forma do rosto era tão alongada quanto a do garoto. Um outro detalhe chocava, e Maigret levou alguns instantes para compreender que eram os lábios, de uma estreiteza anormal e quase dividindo o rosto em duas partes.

— Seu marido?

— Sim, meu marido! Estou esperando para saber o que a polícia vem fazer aqui...

Durante a conversa que se seguiu, Maigret voltaria várias vezes a olhar essa fotografia, e foi esse, propriamente falando, seu primeiro contato com o morto.

— Tenho uma má notícia a lhe anunciar, senhora... Seu marido está em viagem, não está?

— Vamos, fale!... Será que...?

— Sim, aconteceu um acidente... Não exatamente um acidente. Peço-lhe para ser forte...

Ela se mantinha rígida diante dele, com a mão pousada numa mesinha de centro ornada com um falso bronze. O rosto era duro,

desconfiado, e somente os dedos rechonchudos se agitavam. Por que ocorreu a Maigret que ela certamente fora magra, talvez até bastante magra, durante a primeira metade da vida, e que engordara com a idade?

— Seu marido foi assassinado em Sancerre, na noite de 25 para 26. Coube a mim a penosa tarefa de...

O comissário se virou para o retrato e interrogou, apontando o garoto da primeira comunhão:

— Vocês têm um filho?

Por um instante a Sra. Gallet pareceu a ponto de perder a rigidez que julgava indispensável à sua dignidade. Disse com a ponta dos lábios:

— Um filho, sim... E em seguida, com a voz triunfante: — O senhor disse Sancerre, não foi?... E estamos no dia 27... Nesse caso, cometeu um erro... Espere...

Foi até a copa onde Maigret avistou a empregada encerando o chão. Quando voltou, estendeu um cartão-postal ao visitante.

— Esse cartão é do meu marido. Traz a data de 26, ou seja, ontem, e o carimbo da agência de Rouen... Ela mal conseguia conter um sorriso de alegria por poder humilhar o policial que se permitira entrar em sua casa. — Certamente se trata de um outro Gallet, embora eu não o conheça.

Mais um pouco e teria aberto a porta, que ela não pôde deixar de olhar.

— O nome do seu marido é Émile? E seus documentos de identidade dão sua profissão como caixeiro-viajante?

— Ele é o representante da casa Niel et Cie. para toda a Normandia!

— Receio, senhora, que se alegre sem razão. Sou obrigado a lhe pedir que me acompanhe a Sancerre. Tanto para a senhora quanto para mim...

— Mas se...

Ela sacudiu o cartão, com uma foto do velho mercado de Rouen. A porta da copa não fora fechada e ora se viam o traseiro e os pés da empregada, ora a cabeça e os cabelos que ocultavam o rosto. Ouse via o esfregar do pano com cera nas tábuas do soalho.

— Acredite que eu gostaria sinceramente que tivesse havido um erro. Mas os documentos encontrados nos bolsos do morto são os do seu marido...

— Podem ter sido roubados...

A inquietação, porém, começava a transparecer na voz, contra a vontade dela. Seguindo o olhar que Maigret lançou ao retrato, ela observou:

— Esta foto foi tirada quando ele já estava de regime...

— Se quiser almoçar, disse o comissário, — Voltarei para lhe buscar dentro de uma hora, quem sabe.

— De modo algum. Se achar que... Que é necessário... Eugénie!... Meu casaco preto de seda, minha bolsa e minhas luvas...

Maigret não sentia o menor interesse pelo caso, que tinha todas as características de um caso desagradável. E era sem querer que conservava na memória a imagem do homem de barbicha que estava de regime! E do garoto em traje de primeira comunhão.

Tudo o que ele fez a seguir tinha o aspecto de um trabalho aborrecido. Tornar a descer, numa atmosfera cada vez mais sufocante, a

aleia central do loteamento, sem poder tirar, desta vez, o casaco. Esperar 35 minutos num banco da estação de Melun, onde comprou um cesto contendo sanduíches, frutas e uma garrafa de Bordeaux.

Às três da tarde, estava instalado, em frente à Sra. Gallet, num compartimento de trem de primeira classe que faz a linha de Moulins e passa em Sancerre. As cortinas estavam fechadas, os vidros abaixados, e só de tempo em tempo se recebia um pequeno sopro de ar fresco. Maigret havia tirado o cachimbo do bolso, mas, tendo olhado sua companheira, abandonara a ideia de fumar na sua presença. O trem rodava havia cerca de uma hora quando ela perguntou, com uma voz finalmente mais humana:

— Como o senhor explicaria isso?

— Até o momento nada posso explicar, senhora. Não sei nada. Como eu lhe disse, o crime foi cometido na noite de 25 para 26, no Hotel de la Loire. Estamos em período de férias... Além do mais, as delegacias de província nem sempre são ágeis. A Polícia Judiciária só foi avisada hoje de manhã. Seu marido costumava enviar cartões-postais?

— Sempre que estava ausente.

— Ele viajava muito?

— Mais ou menos três vezes por mês. Ia a Rouen, onde ficava no Hotel de la Poste... Isso tem mais de vinte anos!... A partir dali percorria toda a Normandia, mas dava um jeito de voltar a Rouen à noite.

— Vocês só têm um filho?

— Um filho, sim. Ele trabalha num banco, em Paris.

— Não mora com vocês em Saint-Fargeau?

— É muito longe para ir e voltar todo dia. Ele passa os domingos conosco...

— Posso lhe oferecer alguma coisa para comer?

— Obrigada! Ela falou, no mesmo tom com que teria escusado uma impertinência.

E, de fato, ele não conseguia imaginá-la comendo um sanduíche ou bebendo vinho morno num copo de papel da companhia ferroviária. Se via que para ela a dignidade não era uma palavra vã. Nunca devia ter sido bonita, mas tinha as feições regulares e, menos rígida, teria um certo encanto, graças a algo de melancólico na fisionomia que sua maneira de inclinar a cabeça para o lado sublinhava.

— Por que teriam matado meu marido?

— Sabe se ele tinha algum inimigo?

— Nem inimigo, nem amigo! Vivemos isolados, como todos os que conheceram uma outra época, diferente da época brutal e vulgar do pós-guerra...

— Ah!...

A viagem não terminava. Maigret foi várias vezes até o corredor para dar algumas tragadas no cachimbo. Seu falso colarinho amolecera sob a ação do calor e da transpiração abundante. Ele invejava a Sra. Gallet que sequer percebia os 33 ou 34 graus à sombra e que mantinha exatamente a mesma pose que adotara na partida, como para um deslocamento em ônibus urbano, com a bolsa sobre os joelhos, as mãos sobre a bolsa, a cabeça um pouco inclinada para a porta do compartimento.

— De que maneira esse... Esse homem foi morto?

— O telegrama não diz. Julgo que o encontraram morto pela manhã. A Sra. Gallet teve um estremeamento, por um instante ficou com a boca entreaberta, a buscar a respiração.

— É impossível que seja o meu marido... Esse cartão é uma prova, não é? Eu nem devia ter me perturbado...

Sem saber exatamente por que, Maigret lamentou não ter trazido a fotografia sobre o piano, pois já sentia dificuldade de reconstituir a parte de cima do rosto. Contudo, recordava com clareza a boca muito larga, a barbicha abundante, os ombros mal ajustados na casaca.

Eram sete da noite quando o trem parou na estação Tracy-Sancerre, e foi preciso ainda percorrer um quilômetro pela estrada e atravessar a ponte suspensa que liga as duas margens do Loire. Este não oferecia o espetáculo majestoso de um rio, mas sim de uma infinidade de cursos d'água escoando entre bancos de areia cor de trigo maduro. Numa dessas ilhotas, uma figura vestindo uma roupa amarela pescava com linha e anzol. Podia se avistar também o Hotel de la Loire, cuja fachada se erguia ao longo do cais. Os raios do sol estavam mais oblíquos, mas o ar, carregado de umidade, continuava irrespirável.

Agora era a Sra. Gallet que conduzia a marcha, e, ao ver nas proximidades do hotel um homem que andava de lá para cá e que devia ser um colega, Maigret contraiu o rosto à ideia de que o casal que ele formava com sua companheira era de um ridículo total. Pessoas de férias, sobretudo famílias, vestindo roupas claras, se punham à mesa numa sala de parede envidraçada onde circulavam atendentes de avental e gorro brancos. A Sra. Gallet viu o letreiro do nome do hotel, cercado de brasões de vários clubes. Ela marchou diretamente até a porta.

— Polícia Judiciária? Interrogou o homem que andava de lá para cá, detendo Maigret.

— Pois não?

— O corpo foi transportado para a prefeitura. Apressem-se, pois a autópsia será às oito. Estão em cima da hora.

Hora de conhecer o morto! Nessa hora, Maigret sempre se arrastava, como um homem que cumpre uma tarefa penosa e sem atrativo. Ele teve a ocasião, mais tarde, de rememorar em detalhes essa segunda, e necessariamente última, entrada em contato com o morto.

O vilarejo era de um branco áspero na luz tempestuosa daquele fim de tarde. Galinhas e gansos atravessavam a estrada principal, e, numa oficina já coberta de sombra, dois homens de avental azul

ferravam um cavalo. Em frente à prefeitura, havia pessoas à mesa no terraço de um café sob a sombra de toldos listados de vermelho e amarelo, num ambiente de cerveja fresca, de aperitivos com pedaços de gelo flutuando, de jornais chegados de Paris. Três carros estavam estacionados junto à praça. Uma enfermeira se dirigia à farmácia. Na prefeitura, uma mulher lavava com água de balde o corredor de lajotas cinza.

— Por favor... O corpo?

— Nos fundos! No alpendre da escola... Já há uns senhores lá. Pode passar por aqui.

Ela apontou uma porta acima da qual estava escrita a palavra Meninas, enquanto a palavra Rapazes figurava na outra ala do prédio. A Sra. Gallet ia na frente com uma segurança inesperada. Mas Maigret julgou adivinhar que era antes uma espécie de vertigem que a impelia. No pátio da escola, um médico de avental branco fumava um cigarro e ia de um lado a outro como um homem que espera alguma coisa. Às vezes esfregava, uma na outra, mãos muito delicadas. Duas outras figuras conversavam à meia-voz, perto de uma mesa onde um corpo estava estendido sob um lençol.

O comissário tentou frear a marcha impetuosa da sua companheira, mas não teve tempo de intervir. Ela já chegava ao alpendre e se detinha diante da mesa. Retendo a respiração, ergueu de repente o lençol à altura do rosto. Não emitiu nenhum grito. Os dois homens que conversavam se viraram para ela, com espanto. O doutor, que havia posto luvas de borracha, chamou diante de uma porta:

— A Srta. Angèle ainda não voltou?

Enquanto ele retirava uma das luvas para acender mais um cigarro, a Sra. Gallet permanecia imóvel, rígida, e Maigret se mantinha pronto

para ajudá-la. Ela se virou bruscamente para ele, com o rosto cheio de ódio, e falou:

— Como é possível?... Quem fez isso?...

— Venha, senhora... É realmente ele, não é? Com os olhos agora inquietos, ela olhava os dois homens, o médico de branco, a enfermeira que chegava da farmácia.

— O que vão fazer? Articulou com uma voz mais rouca. E como Maigret, constrangido, hesitasse em responder, ela se lançou enfim sobre o corpo do marido e, dirigindo aos que estavam ali um olhar de cólera, de desafio, gritou:

— Não quero!... Não quero!...

Precisou ser levada à força e confiada à zeladora da prefeitura, que abandonou seus baldes de água. Quando Maigret voltou ao alpendre, o médico tinha um bisturi na mão, uma máscara no rosto e a enfermeira lhe estendia um frasco de vidro fosco. O comissário, sem querer, esbarrou com o pé num chapéu de seda preto, ornado de um nó malva e um prendedor em falso brilhante. Ele não assistiu à autópsia. O crepúsculo estava próximo, e o médico havia declarado:

— Espero sete pessoas para jantar em Nevers...

Os dois homens eram o juiz de instrução e seu escrivão. O juiz, após apertar a mão do comissário, se limitou a pronunciar:

— O senhor verá a polícia local que começou o inquérito! É um caso muito complicado.

O cadáver estava nu sob o lençol retirado. E o triste confronto durou apenas alguns segundos. O corpo era exatamente o que se podia imaginar pela fotografia: esguio, ossudo, com um peito afundado de burocrata, uma pele pálida que fazia os pelos parecerem muito escuros, embora os do peito fossem ruivos. Apenas uma metade do rosto estava

intacta: a bochecha esquerda fora arrancada pelo tiro. Os olhos estavam abertos. As pupilas, cinzentas, pareciam apenas um pouco mais sem brilho do que no retrato. Ele estava de regime... Dissera a Sra. Gallet. Sob o mamilo esquerdo, enfim, um ferimento nítido, regular, causado por uma lâmina. Atrás de Maigret, o doutor estava impaciente:

— É ao senhor que devo entregar meu relatório? Em qual endereço?

— No Hotel de la Loire.

O juiz e o escrivão olhavam para outro lado e não diziam nada. Ao sair, Maigret se enganou de porta e se viu entre os bancos de uma das classes da escola. Como ali parecia mais fresco, o comissário ficou por um momento diante das gravuras que representavam “a colheita”, “uma fazenda no inverno” e “um dia de mercado na cidade”. Numa prateleira estavam dispostas, em madeira, estanho e ferro, todas as medidas de peso e de capacidade, por ordem de tamanho. O comissário enxugou o suor. Ao cruzar a porta, encontrou o inspetor de polícia de Nevers, que o procurava.

— Ah! Aí está o senhor! Vou poder enfim me reunir à minha mulher em Grenoble... Imagine que ontem de manhã, quando nos telefonaram, eu partia de férias.

— Descobriu alguma coisa?

— Absolutamente nada! O senhor verá que é um caso inverossímil... Se quiser, podemos jantar juntos e lhe darei detalhes, se é que posso chamar isso de detalhes... Não roubaram nada! Ninguém viu nem ouviu nada! Só alguém muito astuto seria capaz de dizer por que esse sujeito foi morto... Uma única particularidade, mas que certamente não levará muito longe: quando ele se hospedava no Hotel de la Loire, o que fazia de tempo em tempo, era sob o nome de Sr. Clément, investidor em Orléans.

— Vamos tomar um aperitivo, propôs Maigret. Ele se lembrou da atmosfera tentadora do terraço, que havia pouco lhe aparecera como

um refúgio sonhado. Contudo, quando se viu diante de uma cerveja muito gelada, não sentiu a satisfação esperada.

— É o inquérito mais decepcionante que se possa imaginar, suspirou seu companheiro. — O senhor verá! Nada a que se prender! E nada tampouco que saia do comum, a não ser que esse homem foi assassinado...

Por alguns minutos ele continuou nesse tom, sem perceber que o comissário mal o escutava. Há pessoas que se vê somente uma vez na rua e cuja fisionomia, no entanto, não se pode esquecer. De Émile Gallet, Maigret vira apenas uma fotografia, a metade do rosto e o corpo esbranquiçado. Mas era essa fotografia que mais ocupava seu espírito. E ele tentava, justamente, animá-la, imaginar o Sr. Gallet frente a frente com sua mulher, na copa de Saint-Fargeau, ou então saindo da casa para tomar o trem na estação. Por relâmpagos, o alto do rosto ficava mais nítido. Maigret acreditou lembrar que havia manchas escuras sob os olhos.

— Aposto que é uma doença do fígado! Disse, à meia-voz.

— Em todo caso, não foi de uma doença do fígado que ele morreu, respondeu, irônico, o inspetor de Nevers. — Uma doença do fígado não arranca a metade do rosto e não perfura o coração.

As lâmpadas de um tiro ao alvo de feira se acenderam no meio da praça, onde um carrossel de cavalos de madeira estava desmontado.

* * *

Dois

Um Moço de Óculos

APENAS dois ou três grupos se demoravam à mesa. Dos quartos do primeiro andar se ouviam os protestos de crianças forçadas a ir para a cama. Uma voz de mulher falou, atrás de uma janela aberta:

— Viu aquele senhor forte? É um agente de polícia! Se não se comportar, ele leva você para a prisão... Enquanto comia e deixava seu olhar vagar ao redor, Maigret ouvia um zumbido constante. Era o inspetor Grenier, de Nevers, que falava pelo prazer de falar.

— Ah! Se lhe tivessem roubado alguma coisa! Tudo seria de uma simplicidade infantil. Hoje é segunda-feira... O crime foi cometido na noite de sábado para domingo... Havia festa... Nesses dias, além dos vendedores ambulantes, dos quais desconfio por princípio, vemos gente de todo tipo andando à toa... O senhor não conhece o campo, comissário! Talvez aqui se encontrem indivíduos piores do que no bas-fond da sua Paris...

— Ou seja, interrompeu Maigret, — Se não fosse a festa, o crime teria sido descoberto em seguida.

— O que está querendo dizer?

— Que foi graças ao tiro ao alvo e aos rojões que ninguém ouviu o disparo... Não me disse que Gallet não morreu em consequência do ferimento na cabeça?

— É o que o médico afirma. A autópsia confirmará essa hipótese. Primeiro o homem levou um tiro na cabeça. Mas parece que poderia ainda viver duas ou três horas. Logo em seguida, recebeu uma facada em cheio no coração, e a morte foi instantânea... A faca foi encontrada.

— E o revólver?

— Não o encontramos.

— A faca estava no quarto?

— A poucos centímetros do cadáver... E há equimoses no punho esquerdo de Gallet. Certamente foi ele que, ferido, brandiu a arma contra o agressor... Mas estava enfraquecido. O assassino lhe segurou o punho, virou-o e fez a lâmina penetrar no peito... Essa é não apenas minha opinião, mas a do doutor.

— Então, sem a festa, Gallet certamente não seria morto!

Maigret não queria se lançar em deduções engenhosas nem espantar seu colega da província. Essa ideia o impressionava, e ele apenas a seguia, curioso para ver onde ia dar. Sem o barulho dos cavalinhos de madeira, do tiro ao alvo e dos rojões, a detonação teria sido ouvida. Pessoas do hotel teriam se precipitado, talvez intervindo antes da facada.

Anoitecera. Viam-se apenas alguns reflexos da lua sobre o rio e os dois lampiões em cada extremidade da ponte. No interior do café, clientes jogavam bilhar.

— Uma história estranha! Concluiu o inspetor Grenier. — Diga, por favor, já são onze horas? Meu trem sai às 23h32 e tenho quinze minutos para chegar à estação. Eu dizia que se alguma coisa tivesse desaparecido...

— A que horas fecham as barracas da feira?

— À meia-noite. É o regulamento!

— Assim, o crime foi cometido antes da meia-noite, e, portanto, nem todos no hotel deviam estar deitados.

Cada um dos dois homens seguia o curso dos seus pensamentos, e a conversa prosseguia por intervalos.

— E há ainda esse nome de Sr. Clément que ele se dava... O dono do hotel pode lhe informar. Ele vinha de vez em quando, mais ou menos a cada seis meses. E faz uns dez anos que veio até aqui pela primeira vez. Sempre com o nome de Sr. Clément, investidor em Orléans...

— Ele tinha uma maleta como as que costumam transportar os viajantes de comércio?

— Não observei nada de semelhante no quarto. Mas o dono do hotel lhe dirá... Sr. Tardivon!... Ei!... Pode vir até aqui um instante?... Este é o comissário Maigret, de Paris, que gostaria de lhe fazer uma pergunta... Por acaso o Sr. Clément costumava vir com uma maleta de viajante de comércio?

— Contendo objetos de prata! Precisou o comissário.

— Não. Trazia sempre uma sacola de viagem com objetos de uso pessoal. Era muito cuidadoso com a aparência. Olhe, nunca o vi duas vezes com um simples terno. Na maior parte do tempo, vestia uma casaca preta ou cinza-escura...

— Eu lhe agradeço.

E Maigret pensou na casa Niel et Cie., da qual o Sr. Gallet era o representante na Normandia. Essa casa era especializada em objetos para presentes: taças, talheres de prata, cestas de frutas, trinchantes, pás de bolo... Engoliu o minúsculo doce de amêndoa que uma atendente havia colocado na mesa, encheu o cachimbo.

— Um conhaque? Perguntou o Sr. Tardivon.

— Se tiver... O dono do hotel foi buscar a garrafa e se sentou à mesa dos dois policiais.

— Então é o senhor, comissário, que prosseguirá o inquérito? Que história, hein? E isso no momento em que começa a temporada de férias! Acreditará se eu lhe disser que sete clientes deixaram esta manhã

meu hotel para se instalar no Commerce?... Um brinde, senhores... Quanto a esse Sr. Clément... Estou acostumado a chamá-lo assim... Aliás, quem teria duvidado de que não era o seu verdadeiro nome?

O terraço estava cada vez mais deserto. Um garçom colocava junto à parede os vasos de louro que ficavam entre as mesas. Um trem de carga passou na outra margem, e os três homens seguiram maquinalmente com os olhos a fumaça avermelhada que se movia ao pé da colina. O Sr. Tardivon havia começado sua carreira como cozinheiro de família nobre e conservara uma certa solenidade, uma maneira um tanto condescendente de falar ao se inclinar para o interlocutor.

— O mais extraordinário, ele disse, aquecendo seu copo de conhaque na palma da mão, — É que por muito pouco o crime não teria acontecido...

— A feira na praça! Apressou-se a dizer Grenier, lançando um rápido olhar ao comissário.

— Não sei o que está querendo dizer... Não!... Quando o Sr. Clément chegou, no sábado de manhã, eu lhe ofereci o quarto azul, que dá para o caminho das urtigas, como dizemos... É o caminho que podem ver ali à esquerda... Chamamos assim porque, não sendo mais utilizado, foi invadido pelas urtigas.

— Por que não é mais utilizado? Perguntou Maigret.

— Está vendo aquela parede, logo no final do caminho? É a casa do Sr. de Saint-Hilaire. Aqui ela é mais costumeiramente chamada de pequeno castelo, para distinguir do grande, o antigo castelo de Sancerre, localizado mais no alto da encosta... Daqui se pode avistar as torrezinhas... Há um belo jardim interno... Antigamente, quando o Hotel de la Loire não existia, esse jardim vinha até aqui, e a entrada principal, com portão em ferro forjado, ficava no fundo do caminho das urtigas... O portão ainda existe, mas não é mais usado; uma outra entrada foi aberta mais adiante junto ao rio, a uns quinhentos metros... Enfim, dei ao Sr. Clément o quarto azul, cuja janela se abre para esse lado. Ali é calmo, nunca passa ninguém, pois o caminho não leva a

parte alguma. Não sei por que, à tarde, quando voltou, ele me perguntou se eu não tinha um outro quarto, com vista para o pátio. Eu não tinha nada livre. No inverno se pode escolher, há poucos hóspedes, apenas viajantes de comércio que fazem visitas em data fixa... Mas no verão... Acredita que a maioria dos meus hóspedes são parisienses? Nada melhor do que a vista do Loire... Assim, eu disse ao Sr. Clément que era impossível e observei que o quarto dele era o mais agradável... No pátio há galinhas e gansos... A todo momento vão tirar água do poço, e a corrente, mesmo lubrificada, range, faz barulho. Ele não insistiu. Mas suponha que eu tivesse um quarto voltado para o pátio... Ele não teria morrido!

— Por quê? Murmurou Maigret.

— Não lhe disseram que o tiro foi dado a mais de seis metros de distância?... O quarto só tem cinco. Portanto, o assassino estava do lado de fora. Ele se aproveitou de que o caminho das urtigas é deserto. E não poderia ter penetrado no pátio para dar o tiro. Ali o teriam ouvido... Mais um conhaque, senhores? Claro que é por minha conta.

— Dois! Pediu o comissário.

— Dois o quê? Perguntou Grenier.

— Dois acasos! Primeiro o de haver festa na praça para abafar a detonação; depois, todos os quartos que dão para o pátio estarem ocupados... Ele se virou para o Sr. Tardivon, que terminava de encher os copos. — Quantos hóspedes tem no momento?

— São 34, incluindo as crianças.

— Ninguém foi embora, depois do crime?

— Sete pessoas, como eu lhe disse. Uma família do subúrbio de Paris, de Saint-Denis, eu acho... Uma espécie de mecânico, com a mulher, a sogra, a cunhada e os filhos pequenos... Pessoas mal-educadas, se diga de passagem, que não me importei de ver se mudarem para o Commerce... Cada hotel com sua clientela. Aqui, todos lhe dirão, só há gente fina.

— Como o Sr. Clément ocupava seus dias?

— Seria difícil lhe dizer... Saía andando a pé. Cheguei a pensar que tivesse nos arredores um filho natural. Simples suposição, porque, sem

querer, buscamos fazer uma ideia das coisas. Era um homem muito cortês, sempre com uma aparência triste. Nunca o vi comer na mesa redonda do restaurante, que usamos no inverno. Preferia se instalar num canto, sozinho.

Maigret tirou do bolso uma caderneta de apontamentos vulgar, coberta de uma lona preta. Anotou a lápis:

1. *Telegrafar Rouen;*
2. *Telegrafar casa Niel;*
3. *Visitar o pátio;*
4. *Tomar informações sobre propriedade Saint-Hilaire;*
5. *Impressões digitais faca;*
6. *Lista de locatários;*
7. *Família mecânico Hotel du Commerce;*
8. *Pessoas que deixaram Sancerre domingo, 26;*
9. *Anunciar pelo pregoeiro da cidade recompensa aos que tiverem visto o Sr. Gallet no sábado, 25.*

Seu colega de Nevers, com um sorriso forçado nos lábios, seguia com os olhos seus menores movimentos.

— Então? Já tem uma ideia?

— De modo algum! Dois telegramas a enviar e vou dormir.

No café não havia mais ninguém senão homens do vilarejo que terminavam uma partida de bilhar. Maigret foi dar uma espiada no caminho das urtigas, que havia sido a entrada de uma propriedade da nobreza e conservara duas fileiras de belos carvalhos. Uma espessa vegetação cobria agora tudo e, àquela hora, nada se enxergava. Grenier estava de saída rumo à estação, e Maigret retornou para se despedir.

— Boa sorte!... Mas, cá entre nós, é uma história sem interesse, não? Nada de sensacional, nada a que se prender!... Na verdade, desejo

boa sorte tanto para o senhor quanto para mim.

O comissário foi conduzido até um quarto do primeiro andar onde os mosquitos logo começaram a zumbir em volta de sua cabeça. Ele estava de mau humor. A tarefa que tinha em vista era aborrecida, vulgar, pouco apaixonante. No entanto, ao se deitar, em vez de dormir, se pôs a evocar os traços de Gallet, do qual via apenas uma face ou então a parte inferior do rosto.

Virou-se umas dez vezes de um lado a outro nos lençóis úmidos. Podia ouvir o murmúrio do rio, se arrastando ao longo dos bancos de areia. Cada caso criminal tem sua característica, que se percebe mais ou menos depressa e em geral fornece a chave do mistério. Não seria a característica desse caso a mediocridade? Mediocridade em Saint-Fargeau! Casa de loteamento medíocre! Ambiente tacanho, com o retrato do garoto na primeira comunhão e do pai com uma casaca muito apertada, sobre o piano! Mediocridade ainda em Sancerre, local de veraneio barato! Hotel de segunda classe! Todos os detalhes vinham intensificar esse quadro monótono. Representante da casa Niel: falsa prataria, falso luxo, falso estilo! Uma festa na praça, tiro ao alvo e rojões ainda por cima... Até mesmo a distinção afetada da Sra. Gallet, o chapéu ornado por um falso brilhante, caíra na poeira do pátio da escola!

Foi um alívio para Maigret ficar sabendo, de manhã, que a viúva havia tomado o primeiro trem para Saint-Fargeau e que o caixão contendo os restos mortais de Émile Gallet se dirigia numa caminhonete alugada para Les Marguerites. Ele tinha pressa de terminar. Todos haviam partido: o juiz, o médico dos sete convidados e o inspetor Grenier. Assim, estava sozinho e com tarefas precisas. Primeiro, esperar a resposta dos telegramas expedidos na véspera à noite. Depois, examinar o quarto onde o crime fora cometido. Por fim, se ocupar de todos os que poderiam ter cometido o crime e que, portanto, eram suspeitos. A resposta de Rouen não tardou. Vinha da polícia dessa cidade:

Interrogado pessoal Hotel de la Poste. Empregada recepção, Irma Strauss, declarou um certo Émile Gallet lhe enviava envelope com cartões-postais a expedir. Recebia cem francos por mês. Fazia essa operação há cinco anos e acredita empregada anterior também o fizesse.

Meia hora mais tarde, isto é, às dez da manhã, chegava um telegrama da casa Niel:

Émile Gallet não mais pertence à casa desde 1912.

Era o momento em que o pregoeiro começava a percorrer a cidade. Maigret, que terminara o desjejum, examinava o pátio do hotel onde nada havia de especial quando vieram lhe anunciar que um operário da conservação de estradas queria falar com ele.

— Eu estava na estrada que conduz a Saint-Thibaut, explicou, — Quando vi esse Sr. Clément, que eu conhecia por tê-lo encontrado algumas vezes e principalmente por causa da casaca. Um moço acabava de descer o caminho da encosta, e eles se viram frente a frente. Eu estava a uns cem metros deles, mas percebi que discutiam...

— Eles se separaram em seguida?

— Não. Subiram juntos um trecho da encosta. Depois o velho reapareceu, sozinho. Meia hora mais tarde, na praça, voltei a ver o moço no Hotel du Commerce.

— Como ele era?

— Alto e magro... Com um rosto comprido e óculos...

— Que roupas usava?

— Não sei dizer. Mas pareciam da cor cinza, ou pretas... Então, tenho direito aos cinquenta francos?

Maigret pagou a recompensa e se dirigiu ao Hotel du Commerce onde, na véspera, ao anoitecer, havia tomado o aperitivo. O moço havia

almoçado ali no sábado, 25 de junho, mas o garçom que o servira estava de folga em Pouilly, a uns vinte quilômetros.

— Tem certeza de que ele não dormiu aqui?

— Seu nome estaria em nosso registro...

— Ninguém mais se lembra dele? A moça do caixa lembrava que alguém pedira massa sem manteiga e que fora preciso prepará-la especialmente.

— Um moço que estava sentado ali, à esquerda do pilar, e que tinha um aspecto doentio.

Começava a fazer calor e Maigret já não sentia mais a indolência aborrecida da manhã.

— Uma cabeça comprida?... Lábios finos?

— Sim, um certo desdém na boca... Não quis tomar café nem licor... Há clientes assim, o senhor sabe... Por que Maigret acabava de evocar o retrato do jovem na primeira comunhão?

O comissário tinha 45 anos. Havia passado a metade da vida nos serviços mais diversos da polícia: costumes, via pública, estações, casas de jogos... Era o suficiente para matar qualquer veleidade de misticismo e para perder a fé na intuição. Mesmo assim, os dois retratos, o do pai e o do filho, o perseguiram havia mais de 24 horas, juntamente com uma frase banal da Sra. Gallet: “Ele estava de regime...”. Foi sem uma ideia bem-definida que ele se dirigiu à agência dos Correios e pediu uma ligação telefônica para a prefeitura de Saint-Fargeau.

— Alô! Aqui é da Polícia Judiciária. Poderia dizer quando será o enterro do Sr. Gallet?

— Amanhã às oito horas.

— Em Saint-Fargeau?

— Sim, aqui.

— Mais uma pergunta. Quem está no aparelho?

— O professor municipal...
— Por acaso conhece o Sr. Gallet, filho?
— Já o vi algumas vezes. Ele compareceu esta manhã para tratar dos papéis.

— Como é a aparência dele?
— O que está querendo saber?
— Ele é alto, magro?
— Sim, um pouco.
— Usa óculos?
— Deixe ver se me lembro... Óculos de aro de tartaruga!
— Sabe se ele está doente?
— Como eu poderia saber? É um sujeito pálido, é verdade...
— Eu lhe agradeço. Dez minutos mais tarde, o comissário entrava de novo no Hotel du Commerce.

— Diga-me, senhora, o seu cliente do sábado usava óculos? A empregada do caixa fez um esforço para lembrar, acabou por sacudir a cabeça.

— Sim... Não... Não sei mais... No verão vem tanta gente!... Foi sobretudo a boca que me impressionou. Cheguei a dizer ao garçom que ele tinha uma boca de sapo...

Demorou um pouco mais para reencontrar o operário da conservação de estradas, que gastava em bebida seus cinquenta francos com colegas num pequeno boteco atrás da igreja.

— Você me disse que seu homem usava óculos.
— O moço. O velho, não.
— Que tipo de óculos?
— Aqueles redondos, o senhor sabe, grossos e pretos.

Ao se levantar de manhã, Maigret ficara contente de saber que o morto havia partido, assim como a Sra. Gallet, o juiz, o médico e os policiais. Esperava enfim lidar com um problema objetivo, não tendo mais que evocar a estranha cabeça do velho de barbicha. Às três da tarde,

tomava o trem para Saint-Fargeau. Logo de início, vira apenas uma fotografia de Émile Gallet. Depois se defrontara com a metade do rosto. Agora não encontraria mais do que um caixão definitivamente fechado. No entanto, quando o trem se pôs em marcha, ele teve um pouco a impressão incômoda de correr atrás do morto. Em Sancerre, o Sr. Tardivon, decepcionado, confiava a seus melhores clientes, enquanto lhes oferecia um copo de conhaque:

— Um homem que parecia tão sério, um homem da nossa idade!... E foi embora sem ter sequer entrado no quarto!... Não quis ver o lugar onde o homem morreu... Foram só os policiais de Nevers que fizeram isso. Ao levarem o corpo, eles desenharam com giz seu contorno no chão. Disseram para não tocarmos em nada!... A gente nunca sabe aonde esses casos podem levar.

* * *

Três

As Respostas de Henry Gallet

MAIGRET, que passara a noite em sua casa, no Boulevard Richard-Lenoir, chegou a Saint-Fargeau na quarta-feira pouco antes das oito da manhã. Já estava fora da estação quando se lembrou de voltar atrás para perguntar ao funcionário:

— O Sr. Gallet tomava seguidamente o trem?

— O pai ou o filho?

— O pai.

— Viajava todo mês, ficando fora umas três semanas. Pegava um de segunda classe para Rouen.

— E o filho?

— Ele vem quase todo sábado à noite, de Paris, num vagão de terceira classe, e parte de volta no último trem de domingo... Quem podia prever!... Ainda posso vê-lo, no primeiro domingo de junho, participando da abertura da temporada de pesca...

— O pai ou o filho?

— O pai, é claro!... Olhe! É dele o barquinho azul que se vê ali entre as árvores... Um barco que todo mundo vai querer comprar, pois foi ele mesmo que fez, em madeira de carvalho, e inventou não sei quantos aperfeiçoamentos... Vivia inventando coisas...

Maigret acrescentou conscienciosamente essa pequena pincelada à imagem ainda tão incompleta que possuía do morto. Olhou o barquinho, o rio, fez um esforço para imaginar o homem de barbicha imóvel, durante horas, com um caniço na mão. Depois se dirigiu até Les Marguerites, não sem observar que um carro fúnebre de segunda classe, vazio, seguia o mesmo caminho que ele.

Não havia ninguém nos arredores da casa, exceto um homem que empurrava um carrinho de mão e que parou ao ver o carro fúnebre e ficou esperando, por certo curioso de ver o cortejo. O sino no portão fora coberto por um pano. Na porta de entrada estava pendurado um tecido preto com as iniciais do defunto, bordadas em prateado. Maigret não esperava tanto aparato. À esquerda, no corredor, sobre uma bandeja, um único cartão com a ponta dobrada, o do prefeito de Saint-Fargeau. A sala onde o comissário estivera havia se transformado em capela-ardente, e os móveis tiveram de ser transportados para a copa. Tapeçarias escuras cobriam as paredes; o caixão estava colocado no centro, cercado de velas. Havia algo de misterioso, de equivocado, não se podia dizer bem por quê. Seria porque faltava um visitante e se sabia que ele não viria, embora o carro fúnebre já estivesse à porta? Aquele único cartão de visita, em falsa litografia! Todos aqueles ornamentos de prata! E, de cada lado do caixão, uma figura: a Sra. Gallet à direita, vestida de luto, com um véu sobre o rosto e um terço de contas foscas entre os dedos; Henry Gallet à esquerda, também trajado de preto.

Maigret avançou sem ruído, se inclinou, molhou um ramo de buxo na água benta e o aspergiu sobre o caixão. Sentiu que a mãe e o filho o seguiam com os olhos, mas nenhuma palavra foi pronunciada. Depois ele foi até um canto, prestando atenção ao mesmo tempo nos ruídos de fora e nas expressões fisionômicas do jovem. De vez em quando os cavalos batiam os cascos no chão da aleia. Os agentes funerários conversavam em voz baixa, ao sol, perto da janela. E, na câmara mortuária, que somente as velas iluminavam, o rosto irregular do filho parecia ainda mais irregular, por causa da roupa preta que

destacava a brancura doentia da pele. Os cabelos, separados por uma risca, estavam colados à cabeça. Tinha a testa alta, protuberante. Atrás das lentes grossas dos óculos com aro de tartaruga, era difícil perceber o olhar inquieto de míope. Às vezes a Sra. Gallet cobria os olhos com o lenço, debaixo do véu. E as pupilas de Henry não se fixavam em parte alguma. Passavam pelas coisas e evitavam sempre o comissário, que ouviu com alívio os passos dos agentes funerários.

Um pouco mais tarde, o caixão esbarrava nas paredes do corredor. Um pequeno soluço saiu da garganta da Sra. Gallet, a quem o filho se limitou a dar um tapinha no ombro, olhando para outro lado. Era violento o contraste entre o luxo do carro fúnebre e as duas figuras que se punham em marcha, precedidas de um mestre de cerimônias desconcertado. Continuava fazendo calor. O homem do carrinho de mão se persignou e foi embora tomando um caminho lateral, enquanto o cortejo, mínimo, seguia por uma aleia bastante larga para ver desfilar regimentos. Enquanto a cerimônia religiosa se desenrolava na igreja e um pequeno grupo de camponeses se reunia na praça, Maigret entrou na prefeitura, onde não encontrou ninguém. Precisou ir buscar em sua classe o professor, que era também o assessor do prefeito, e as crianças foram abandonadas por um momento.

— Tudo o que posso lhe dizer é o que está nos nossos registros. Veja:

“Gallet, Émile Yves Pierre, nascido em Nantes em 1879, casado em Paris, em outubro de 1902, com Aurore Préjean... Um filho, Henry, nascido em Paris em 1906 e registrado no cartório do 9º arrondissement ...”

— As pessoas daqui não gostam deles?

— Os Gallet construíram sua casa em 1910, quando foi criado o loteamento no bosque, e nunca quiseram ver ninguém. São muito orgulhosos... Aconteceu-me de pescar todo um domingo no meu

barquinho, a menos de dez metros do de Gallet. Se eu precisasse de alguma coisa, ele me dava, mas não conseguiria lhe arrancar mais de cinco frases seguidas...

— Como avalia a situação financeira dele?

— Não sei exatamente, pois ignoro o que gastava em viagem. Mas, considerando apenas aqui, suponho uns dois mil francos por mês. Se viu a casa, o senhor pôde constatar que não falta nada. Eles fazem vir quase todas as suas compras de Corbeil ou de Melun.... Uma outra coisa que...

Mas nesse instante, pela janela, Maigret avistou o cortejo que saía da igreja e entrava no cemitério. Ele agradeceu a seu interlocutor e ouviu, da rua, a primeira pá de terra caindo sobre o caixão. Evitou se mostrar, fez um desvio para retornar à casa do loteamento, onde teve o cuidado de chegar um pouco depois dos Gallet. A empregada que abriu a porta olhou para ele, hesitante.

— Madame não pode... Começou.

— Diga ao Sr. Henry que preciso falar com ele.

A empregada de olhos estrábicos o deixou do lado de fora. Alguns instantes depois, a silhueta do jovem apareceu no corredor. Ele avançou até a entrada e perguntou, sem olhar diretamente para Maigret:

— O senhor não pode deixar essa visita para um outro dia? Minha mãe está muito abatida...

— Preciso falar com você hoje. Perdoe minha insistência.

Henry deu meia-volta, dando a entender assim que o policial só precisava acompanhá-lo. Hesitou diante das portas e empurrou por fim a da copa, onde os móveis da sala haviam sido amontoados, de modo que ali era difícil circular. Maigret viu o retrato da primeira comunhão deitado sobre a mesa, procurou em vão o de Émile Gallet. Henry não se sentou, não disse nada, mas retirou os óculos para limpar as lentes com

um ar aborrecido, enquanto os olhos piscavam, surpreendidos pela luz direta.

— Certamente sabe que fui encarregado de descobrir o assassino do seu pai.

— Por isso me surpreendo de vê-lo aqui num momento em que seria mais decente deixar-nos a sós, minha mãe e eu!

E Henry recolocou os óculos, ajeitou o punho engomado da camisa que pendia sobre a mão coberta dos mesmos pelos ruivos que havia no peito do cadáver de Sancerre. No seu rosto ossudo, de traços bem desenhados, com uma expressão tristonha e um pouco cavalhar, não havia o menor movimento. Ele apoiava o cotovelo no piano trazido da sala, do qual se via a parte de trás coberta por um pano verde.

— Eu gostaria de lhe pedir algumas informações tanto sobre seu pai quanto sobre a família em geral. Henry não abriu a boca, não se mexeu, permaneceu de pé no mesmo lugar, rígido, fúnebre. — Poderia me dizer, primeiro, onde estava no sábado, 25 de junho, por volta das quatro da tarde?

— Antes eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. Sou obrigado, eu, num momento como este, a recebê-lo e a lhe responder? Sempre uma voz neutra, entediada, como se cada sílaba lhe desse um cansaço.

— É livre para não responder. No entanto devo lhe observar...

— Em que lugar sua investigação lhe revelou que eu estava?

Maigret não respondeu e, na verdade, ficou atordoado por essa intervenção inesperada, tanto mais inesperada quanto era impossível perceber a menor sutileza nas feições do jovem. Henry deixou passar alguns segundos. Ouse viu a voz da empregada que, de baixo, respondia a um chamado do andar de cima: “Já estou indo, madame!”.

— E então?

— Como o senhor sabe, eu estava...

— Em Sancerre? Henry continuou impassível. — E teve uma discussão com seu pai, na estrada do velho castelo...

Maigret era quem estava mais nervoso, pois parecia que seus golpes caíam no vazio. Sua voz não tinha ressonância, suas suspeitas não tinham eco. O mais desconcertante era o silêncio de Henry Gallet, que não tentava se explicar, que esperava.

— Pode me dizer o que fazia em Sancerre?

— Fui ver minha amante, Éléonore Boursang, que passa férias na Pensão Germain, na estrada de Sancerre a Saint-Thibaut. Ele ergueu imperceptivelmente as sobrancelhas, espessas como as de Émile Gallet.

— Não sabia da presença de seu pai em Sancerre?

— Se soubesse, teria evitado encontrá-lo. Sempre um mínimo de explicações, forçando o comissário a perguntas repetidas.

— Seus pais estavam sabendo desse caso amoroso?

— Meu pai suspeitava. Ele era contra.

— Qual foi o assunto da conversa de vocês?

— Sua investigação é sobre o assassino ou sobre a vítima? Articulou lentamente o jovem.

— Conhecerei o assassino quando conhecer bem a vítima. Seu pai lhe fez censuras?

— Eu é que o censurei por me espionar.

— E depois?

— Nada. Ele me chamou de filho ingrato. Eu lhe agradeço por me lembrar disso hoje.

Maigret ouviu com alívio passos na escada. A Sra. Gallet apareceu, tão digna como da outra vez, com um pesado colar de três fileiras de pedrarias no pescoço.

— O que está acontecendo? Ela perguntou, olhando alternadamente para Maigret e para o seu filho. — Por que não me chamou, Henry? A empregada entrou, após bater à porta.

— São os tapeceiros, vieram retirar o material.

— Vigie-os...

— Vim buscar algumas informações que julgo indispensáveis para a descoberta do culpado, disse Maigret, com uma voz um pouco seca demais. — Certamente o momento é mal escolhido, como seu filho me observou. Mas cada hora que passa torna a prisão do assassino mais problemática. Ele buscou com o olhar Henry, que continuava obstinadamente apático. — Quando se casou com Émile Gallet, senhora, tinha uma fortuna pessoal? Ela se empertigou um pouco e pronunciou, com um tremor de orgulho na voz:

— Sou filha de Auguste Préjean.

— Perdoe-me, mas...

— O ex-secretário do último príncipe de Bourbon. O diretor do jornal legitimista Le Soleil... Meu pai gastou até o último centavo para fazer publicar esse jornal, que pregava o bom combate.

— Ainda se relaciona com sua família?

— Não os vejo mais desde o meu casamento.

— Esse casamento lhe foi desaconselhado?

— O que acabo de dizer deveria ajudá-lo a compreender. Toda a minha família é partidária da monarquia. Meus tios ocuparam e alguns ainda ocupam cargos importantes. Não gostaram de me ver casada com um representante de comércio.

— Quando seu pai morreu, a senhora estava sem fortuna?

— Meu pai morreu um ano depois do meu casamento... Meu marido possuía, no momento de nossa união, cerca de trinta mil francos.

— E a família dele?

— Não os conheci. Ele evitava falar disso. Tudo o que sei é que teve uma infância difícil e que passou vários anos na Indochina. Havia uma sombra de sorriso de desprezo nos lábios do filho.

— Se faço essas perguntas, senhora, é porque fiquei sabendo que há dezoito anos seu marido não pertence mais à casa Niel... Ela fixou o comissário, depois Henry, e protestou vivamente:

— Senhor...

— Obtive a informação do próprio Sr. Niel.

— Talvez seria melhor, senhor... Começou o jovem, dando um passo em direção a Maigret.

— Não, Henry! Quero provar que isso é falso, que é uma odiosa mentira... Venha, comissário... Por favor, me acompanhe...

E, febril pela primeira vez, ela se dirigiu até o corredor, onde esbarrou nos panos e tapetes que os tapeceiros enrolavam. Conduziu Maigret até o primeiro andar, o fez atravessar um quarto de dormir com móveis de nogueira encerada, onde se via ainda, no cabide, um chapéu de palha de Émile Gallet e também uma roupa de brim que ele devia usar para a pesca. Passando esse quarto, havia uma pequena peça transformada em gabinete de trabalho.

— Veja!... Aqui estão suas amostras... E esses talheres, por exemplo, do terrível estilo moderno, não datam de dezoito anos atrás, não é mesmo?... Aqui está o registro de encomendas que meu marido atualizava a cada fim de mês... Aqui estão cartas com o timbre da casa Niel, que ele recebia com regularidade...

Maigret mal olhava. Estava convencido de que precisaria voltar a essa peça e preferia se impregnar da atmosfera. Também ali ele tentou imaginar Émile Gallet, numa cadeira giratória colocada junto à mesa. Sobre esta última havia um tinteiro em metal branco, uma bola de cristal que servia de pesa-papéis. Pela janela se via a aleia central do loteamento e o telhado vermelho de uma casa desabitada.

As cartas com timbre da casa Niel eram escritas à máquina, segundo um modelo mais ou menos uniforme:

Caro senhor,

Recebemos sua carta de 15 do corrente, bem como a lista dos pedidos para janeiro. Esperamos sua visita no final do mês para a

liquidação de contas, como de hábito, e lhe daremos então algumas indicações acerca da extensão do seu campo de atividade.

Cordialmente,

Assinado: Jean Niel.

Maigret passou os olhos por mais algumas dessas cartas.

— O que me diz agora? Perguntou a Sra. Gallet, com um ar de desafio.

— O que é isto?

— Nada... Meu marido gostava de trabalhos manuais. É um velho relógio que ele desmontou... Na garagem há um monte de objetos que ele mesmo fabricou, principalmente artigos de pesca... Todo mês dedicava oito dias inteiros a esses trabalhos; suas anotações de comércio lhe tomavam apenas uma hora ou duas de manhã.

Maigret abriu as gavetas, ao acaso. Numa delas viu uma volumosa pasta cor-de-rosa, com esta menção: Soleil.

— Papéis do meu pai, explicou a Sra. Gallet. — Não sei por que os conservamos. Naquele armário há toda a coleção, até o último número, do jornal que obrigou meu pai a vender seus títulos de crédito.

— Permite que eu leve a pasta? Ela se virou para a porta, como para consultar o filho, mas Henry não os havia acompanhado.

— O que pode obter disso? É uma espécie de relíquia... Se quiser... Mas diga, comissário, é impossível o que o Sr. Niel afirmou, não é mesmo?... É como esses cartões-postais! Chegou mais um ainda ontem!... E é a escrita dele, tenho certeza!... Está datada de Rouen, como o anterior... Leia!...

E bruscamente lhe veio um choro, mas de uma brevidade incrível. Dois ou três soluços. Ela levou um lenço preto à boca e disse com uma voz abafada:

— Vamos sair daqui.

Foi preciso atravessar de novo o quarto de dormir, simples mas de boa qualidade, com armário de porta espelhada, duas mesas de cabeceira, um falso tapete persa. No corredor do térreo, Henry olhava sem ver os tapeceiros que colocavam seu material numa caminhonete. Ele nem mesmo virou a cabeça para Maigret e a mãe, que desciam a escada encerada cujos degraus estalavam. Reinava na casa um clima de desordem. Com uma garrafa de vinho tinto e copos na mão, a empregada entrou na sala, para onde dois homens em roupas de trabalho arrastavam o piano.

— Isso não fará mal! Ele ouviu a Sra. Gallet pronunciar com uma voz indiferente.

E Maigret teve uma impressão que ainda não tivera e que o desconcertava. Pareceu-lhe que toda a verdade estava ali, espalhada ao redor. Nada do que ele via era indiferente. Mas ele sentia necessidade de ver de outra forma que não através dessa bruma deformadora, bruma que persistia, criada ao mesmo tempo por essa mulher que controlava sua emoção, por Henry, cujo rosto comprido era mais fechado que um cofre, pelas tapeçarias que partiam, por tudo, enfim, e principalmente pelo constrangimento do próprio Maigret, que sentia sua presença deslocada. Ele sentia vergonha dessa pasta cor-de-rosa que levava como um ladrão e cuja utilidade teria dificuldade de explicar. Gostaria de ter ficado mais tempo lá em cima, sozinho, no gabinete de trabalho do morto, vagar pela garagem onde Émile Gallet trabalhava nos seus engenhos de pesca aperfeiçoados.

Houve um momento de hesitação. Todos estavam ao mesmo tempo no corredor. Era a hora do almoço e não havia dúvida de que os Gallet esperavam a partida do policial. Um cheiro de cebola refogada vinha da cozinha. A empregada não era a menos desamparada. O único recurso de cada um era olhar os tapeceiros que recolocavam a sala em

ordem. Um deles encontrou o retrato de Gallet debaixo de uma bandeja.

— Permite que eu o leve? Interveio Maigret, se virando para a viúva. — Posso precisar... Ele sentiu que Henry o seguia com um olhar de desprezo acentuado.

— É necessário? Tenho muito poucas fotografias dele...

— Prometo devolvê-la. Ele não se decidia a partir. No momento em que os operários transportavam sem cuidado um enorme vaso, em falsa porcelana, a Sra. Gallet se precipitou:

— Cuidado!... Vai bater na moldura da porta!

E era sempre a mesma mistura de dor e de grotesco, de drama e de mesquinaria que pesava nos ombros de Maigret, nessa casa desolada onde acreditava ver vagar, silencioso, com olheiras causadas pela doença do fígado, com o peito afundado e a casaca mal ajustada, Émile Gallet, que ele não conhecera em vida. Pôs o retrato dentro da pasta rosa. Hesitou.

— Queira me desculpar outra vez, senhora... Estou indo embora... Mas gostaria que seu filho me acompanhasse por um trecho do caminho.

A Sra. Gallet olhou para Henry com uma angústia mal reprimida. Ela também devia perceber, apesar de suas maneiras dignas, de seus gestos comedidos, do seu triplo colar de pedras no pescoço, que havia alguma coisa... Mas o jovem, indiferente, foi pegar no cabide seu chapéu com uma fita de crepe. Essa partida se assemelhava a uma fuga. A pasta era pesada e apenas uma capa de papelão continha os papéis, que corriam o risco de escapar.

— Não quer um jornal para envolvê-la? Perguntou a Sra. Gallet.

Maigret já estava na rua. A empregada se dirigia à copa com uma toalha e talheres. Henry caminhava em direção à estação, alto, silencioso, de olhar inacessível. Quando os dois estavam a uns trezentos metros da casa e os tapeceiros colocavam o motor da caminhonete em marcha, o comissário falou:

— Tenho apenas duas informações a lhe pedir: o endereço de Éléonore Boursang em Paris... O seu e o do banco onde trabalha. Ele pegou um lápis e anotou na capa rosa que tinha na mão:

Éléonore Boursang, 17, Rue de Turenne.

Banco Sovrinos, 117, Boulevard Beaumarchais.

Henry Gallet, Hotel Bellevue, 19, Rue de la Roquette.

— É tudo? Perguntou o jovem.

— Sim. Eu lhe agradeço.

— Nesse caso, espero que agora o senhor vá se ocupar do assassino... Ele não tentou julgar o efeito produzido. Tocou com a mão a beirada do chapéu e subiu de volta a avenida central do loteamento.

A caminhonete ultrapassou Maigret um pouco antes de sua chegada à estação. O último elemento recolhido nesse dia aconteceu por acaso. Maigret chegou à estação uma hora antes da passagem do trem. Ficou sozinho na sala de espera deserta, cercado de uma nuvem de moscas. Viu um carteiro chegar de bicicleta, com o pescoço violeta de apoplético, e colocar sua sacola em cima de uma mesa que servia para as bagagens.

— É você que leva a correspondência para Les Marguerites? Perguntou o comissário, que o carteiro não tinha visto. O homem se virou prontamente.

— O que disse?

— Polícia! É uma informação que lhe peço. O Sr. Gallet recebia muita correspondência?

— Muita, não. Cartas da casa na qual esse pobre senhor trabalhava e que chegavam em data fixa. E jornais...

— Que jornais?

— Jornais de província... Sobretudo do Berry e do Cher... Também revistas: A vida no campo, Caça e pesca, A vida no castelo... O comissário notou que o interlocutor evitava seu olhar.

— Há uma posta-restante em Saint-Fargeau?

— O que está querendo dizer?

— O Sr. Gallet não recebia outras cartas? O carteiro ficou de repente perturbado.

— Já que o senhor sabe e já que ele morreu... Balbuciou. — Sem contar que nem mesmo estou infringindo o regulamento... Ele apenas me pedia para não lançar na caixa algumas cartas e para conservá-las até seu retorno, quando estava em viagem...

— Que cartas?

— Ah! Não eram muitas... Uma a cada dois meses... Envelopes azuis, baratos. O endereço era escrito à máquina.

— Não tinham o endereço do remetente?

— O endereço, não. Mas lembro que no verso estava escrito, também à máquina: Rem.: Sr. Jacob. Será que agi mal?

— De onde vinham essas cartas?

— De Paris.

— Não sabe de qual arrondissement?

— Observei. Mas a cada vez era diferente.

— Quando chegou a última?

— Deixe ver... Hoje é 29, não? Quarta-feira... Então foi quinta no fim da tarde... Mas eu só vi o Sr. Gallet na sexta de manhã, quando ele saía para pescar.

— E ele foi pescar?

— Não. Voltou para dentro de casa, depois de me dar cinco francos, como de costume... Fiquei aflito quando soube que o haviam matado. O senhor acha que a carta...?

— Ele partiu naquele dia mesmo?

— Sim... Ouça! É o trem de Melun que está esperando? Acabou de apitar na passagem de nível... O senhor será obrigado a falar desse assunto?

Maigret teve apenas o tempo de correr na plataforma e de entrar no único vagão de primeira classe.

* * *

Quatro

O Vigarista

AO CHEGAR pela segunda vez ao hotel de la Loire, Maigret respondeu sem entusiasmo ao Sr. Tardivon, que o acolheu com ares confidenciais, conduziu-o a seu quarto e lhe mostrou grandes envelopes amarelos chegados a seu endereço. Havia ali o relatório do médico-legista, os autos de processo da delegacia e da polícia de Nevers. A polícia de Rouen, por sua vez, enviara informações complementares sobre Irma Strauss, a empregada do hotel.

— E não é tudo! Exultou o dono do hotel. — Um gendarme da delegacia veio procurá-lo. Pediu que telefonasse para ele assim que chegasse... E há ainda uma mulher que já apareceu três vezes, certamente por causa do anúncio do pregoeiro da cidade.

— Que mulher?

— A Sra. Canut, mulher do jardineiro que trabalha ao lado. Eu lhe falei do pequeno castelo, lembra?

— Ela disse alguma coisa?

— Não é boba! Sabendo que há uma recompensa, não deixaria vazar a informação, ainda que soubesse alguma coisa... Maigret havia colocado em cima da mesa a pasta rosa e a fotografia de Gallet.

— Mande procurar essa mulher e peça uma ligação para a delegacia.

Um pouco depois, Maigret falava por telefone com o gendarme que, segundo as instruções recebidas, recolhera todos os vagabundos num perímetro de dez léguas e os mantinha à sua disposição.

— Há alguns que interessam?

— São vagabundos, se limitou a responder o gendarme.

Durante três ou quatro minutos, Maigret ficou sozinho no quarto, diante do monte de papéis. E ele esperava outros! Havia telegrafado a Paris para pedir informações sobre Henry Gallet e sobre sua amante. Para todos os efeitos, também escrevera a Orléans, a fim de saber se havia na cidade um Sr. Clément. Enfim, ainda não tivera tempo de examinar o quarto do crime, nem as roupas do morto que haviam sido deixadas nesse quarto após a autópsia. No início, parecia se tratar de um caso sem a menor importância. Um homem, com todas as aparências de um mero pequeno-burguês, fora morto por um desconhecido num quarto de hotel. Mas cada informação que chegava complicava o problema, em vez de simplificá-lo.

— Devo fazê-la subir até seu quarto, comissário? Gritou uma voz no pátio. — É a Sra. Canut.

Uma comadre forte e digna, que parecia ter posto roupas melhores do que de costume para a circunstância, entrou pouco depois, procurando Maigret com um olhar desconfiado de camponesa.

— A senhora tem algo a me dizer? A propósito do Sr. Clément?

— A propósito do senhor que morreu e cujo retrato saiu no jornal. É verdade que me dará cinquenta francos?

— Se o tiver visto no sábado, 25 de junho, sim.

— E se o vi duas vezes?

— Bem, talvez então receba cem. Fale.

— Primeiro preciso que o senhor prometa nada dizer ao meu marido. Não é tanto por causa do patrão dele, e sim pelos cem francos

que ele gastaria em bebida... Mas claro que eu gostaria muito que o Sr. Tiburce não soubesse que eu falei. Pois foi com ele que vi o senhor que mataram... A primeira vez de manhã, por volta de onze horas. Os dois passeavam juntos no jardim do pequeno castelo...

— Está certa de tê-lo reconhecido?

— Tão certa como eu reconheceria o senhor. Não há muitos como ele... Ficaram conversando durante uma hora. Depois, à tarde, pela janela da sala, vi que os dois pareciam discutir...

— Que horas eram?

— Havia acabado de dar cinco horas... Foram duas vezes, não foram? E ela não tirou os olhos da mão de Maigret, que pegou uma nota de cem francos na carteira. Depois suspirou, como se lamentasse não ter, naquele sábado, seguido os passos do Sr. Clément.

— Acho que o vi uma terceira vez, ela disse com hesitação. — Mas certamente isso não conta. Alguns minutos depois, o Sr. Tiburce o conduziu até o portão.

— De fato, não conta, concluiu Maigret, levando-a até a porta.

Ele acendeu um cachimbo, pôs o chapéu na cabeça e, ao passar no café, perguntou ao Sr. Tardivon:

— O Sr. de Saint-Hilaire mora há muito tempo no pequeno castelo?

— Uns vinte anos.

— Que tipo de homem ele é?

— Um homem muito simpático. Gordinho, bem-educado e simples. Quando tenho hóspedes, no verão, não o vejo muito, porque, afinal, ele pertence a um outro meio. Mas, na temporada de caça, ele vem aqui seguidamente.

— Tem família?

— É viúvo. Nós o chamamos quase sempre de Sr. Tiburce, por ser um nome pouco comum. É o proprietário de todos os vinhedos que se podem ver na encosta, dos quais ele mesmo se ocupa. De vez em

quando vai a alguma festa em Paris e retorna para calçar as botas... Que foi que a Sra. Canut lhe contou?

— Acha que ele está em casa?

— É possível. Não o vi passar no seu carro hoje.

Maigret foi até o portão de entrada do pequeno castelo e tocou, não sem observar que, como o Rio Loire fazia uma curva a partir do hotel e a propriedade era a última do vilarejo, ali era possível entrar e sair sem ser visto. Para além do portão de entrada, o muro do castelo se prolongava por uma extensão de trezentos ou quatrocentos metros, depois dos quais havia apenas mata de corte. Um homem de bigodes caídos, com avental de jardineiro, veio abrir e, como cheirava a álcool, o comissário concluiu que era provavelmente o marido da Sra. Canut.

— Seu patrão está?

No mesmo momento, Maigret avistou um homem em mangas de camisa que examinava uma regadeira mecânica. O olhar do jardineiro lhe mostrou que aquele era o Sr. Tiburce de Saint-Hilaire, o qual, aliás, abandonando o instrumento, se virou para o visitante e esperou. Como Canut parecia um tanto acanhado, ele mesmo se aproximou, depois de juntar o casaco deixado na relva.

— É comigo que deseja falar?

— Comissário Maigret, da Polícia Judiciária. Poderia fazer a gentileza de me conceder uns instantes de conversa?

— Ainda o crime? Resmungou o castelão, com um movimento do queixo em direção ao Hotel de la Loire. — O que posso fazer pelo senhor?... Acompanhe-me. Não o convido a entrar na sala porque o sol bateu nas paredes o dia todo. Estaremos melhor debaixo desse caramanchão... Baptiste!... Copos e uma garrafa de vinho espumante!... Da fileira do fundo!

Era realmente como o hoteleiro havia descrito: baixo, gordinho, tez avermelhada, mãos curtas e pouco cuidadas, uma roupa cáqui como as que se vendem em série para a caça e a pesca, fabricadas em Saint-Étienne.

— Conhece o Sr. Clément? Perguntou Maigret, se sentando numa das cadeiras de ferro.

— Segundo o jornal, não seria esse o seu verdadeiro nome. Ele se chamaria... Como é mesmo?... Grelet?... Gellet?

— Gallet, sim! Mas pouco importa. O senhor o conhecia? Maigret teria jurado nesse instante que seu interlocutor não estava à vontade. Aliás, Saint-Hilaire sentiu necessidade de se inclinar para fora do caramanchão e murmurar:

— Esse imbecil do Baptiste é capaz de pegar um meio-seco! E o senhor deve preferir beber um seco, como eu... É vinho da propriedade, tratado segundo o método camponês... A propósito desse Sr. Clément, se devo continuar a chamá-lo assim, o que lhe direi? Afirmar que o conhecia seria um exagero. Dizer que nunca o vi tampouco seria exato...

Enquanto ele falava, Maigret pensava num outro interrogatório, o de Henry Gallet. Os dois tinham uma atitude completamente oposta. O filho da vítima nada fazia para parecer simpático e pouco se preocupava com sua atitude estranha. Esperava as perguntas com um ar de suspeita, dava um tempo, pesava as palavras. Já Tiburce falava pelos cotovelos, sorria, agitava as mãos, ia e voltava, se fazia tão bonachão quanto possível. Mas tanto num quanto noutro havia uma mesma angústia latente, o medo, talvez, de não conseguir esconder alguma coisa.

— O senhor sabe... Nós, castelães, recebemos gente de todo tipo. E não falo apenas dos vagabundos, dos viajantes de comércio, dos vendedores ambulantes... Para voltar a esse Sr. Clément... Ah, aqui está o vinho!... Tudo bem, Baptiste... Pode cair fora... Daqui a pouco irei ver a regadeira. Cuide para não tocar nela!

Enquanto falava, retirou lentamente a rolha, encheu os copos sem desperdiçar uma gota de espuma.

— Enfim, ele veio aqui uma vez, já faz muito tempo... Certamente o senhor sabe que os Saint-Hilaire são uma família muito antiga, da qual sou atualmente o último rebento... E é um milagre que não tenha me tornado um escrevente em algum escritório de Paris ou de outra parte. Se não tivesse herdado de um primo que fez fortuna na Ásia... Enfim, gostaria de lhe dizer que o meu nome figura em todos os anuários da nobreza. Meu pai, há uns quarenta anos, se fez destacar por suas opiniões legitimistas. Eu, como sabe...

Ele sorriu, bebeu seu vinho espumante, fazendo estalar a língua de uma forma muito democrática, e esperou que Maigret esvaziasse seu copo para enchê-lo de novo.

— O nosso Sr. Clément, que eu nunca tinha visto nem mais gordo nem mais magro, veio me procurar, me fez ler cartas de recomendação de nobres franceses e estrangeiros, depois me deu a entender que ele era algo como o representante oficioso do movimento legitimista na França... Deixei que falasse. E ele acabou chegando onde queria chegar. Pediu-me dois mil francos para a propaganda do movimento. Como recusei, ele falou de não sei que antiga família na miséria e de uma subscrição aberta em favor dela. De dois mil francos chegamos a cem. Acabei por lhe dar cinquenta!

— Há quanto tempo foi isso?

— Há alguns meses, não sei precisar. Era a temporada de caça. Quase todo dia havia uma caçada nos castelos dos arredores. Ouvi falar desse sujeito um pouco em toda parte e me convenci de que era um especialista nesse tipo de vigarice. Mas eu não ia apresentar queixa por cinquenta francos, ia?... À sua saúde!... Outro dia ele teve o topete de voltar.

— Que dia?

— No último fim de semana.

— Sim, sábado. Inclusive veio duas vezes, se não me engano...

— O senhor é um fenômeno, comissário! Duas vezes, é verdade! De manhã me recusei a recebê-lo. De tarde ele me surpreendeu no jardim...

— Queria dinheiro?

— Evidentemente. E nem sei mais para quê. Mas sempre histórias de restauração da monarquia... Vamos, esvazie seu copo! Não vale a pena deixar na garrafa!... Mas, diga, não acha que ele pode ter se suicidado? Devia estar com os recursos esgotados.

— O tiro foi dado a sete metros, e o revólver não foi encontrado.

— Nesse caso... Evidentemente!... O que o senhor acha? Um vagabundo teria passado por aqui e...?

— Difícil de imaginar. O caminho para o qual dão as janelas do quarto conduz apenas à sua propriedade.

— A uma entrada abandonada! Protestou o Sr. de Saint-Hilaire.

— Há anos o portão do caminho das urtigas não é aberto, e eu teria muita dificuldade de dizer onde se encontra a chave... Que tal se eu mandasse vir uma segunda garrafa?

— Obrigado... Suponho que não ouviu nada.

— Ouvi o quê?

— A detonação, no sábado à noite.

— Absolutamente nada! Deito-me cedo. Só soube do crime no dia seguinte, por meu mordomo...

— E não pensou em falar à polícia da visita do Sr. Clément?

— Claro que não... Para esconder sua perturbação, ele tentou rir.

— Disse a mim mesmo que o pobre coitado já fora suficientemente punido. E, quando se tem um nome como o meu, ninguém gosta muito de vê-lo nos jornais, a não ser na coluna social.

Maigret continuava com a mesma sensação vaga e desagradável, obstinada como um ritornelo: a sensação de que, em torno da morte de Émile Gallet, tudo soava falso, tudo desafinava, o próprio morto, a voz do seu filho, até a risada de Tiburce de Saint-Hilaire!

— Está hospedado no hotel do Tardivon? Sabe que ele é um ex-cozinheiro do castelo? Desde então enriqueceu!... Não quer mesmo mais um copo?... Esse jardineiro idiota fez pifar a regadeira mecânica e, quando o senhor chegou, eu tentava consertá-la. No campo é preciso fazer de tudo... Se ficar por aqui mais alguns dias, comissário, apareça à noite, para bater um papo. Com essa quantidade de turistas, a vida deve ser impossível no hotel...

No portão ele pegou uma mão que não lhe fora estendida, apertou-a com uma cordialidade exagerada.

Enquanto costeava o Loire, Maigret anotou dois pontos no seu espírito. Em primeiro lugar, Tiburce de Saint-Hilaire, que não podia ignorar o anúncio feito pelo pregoeiro da cidade e, portanto, a importância que a polícia dava aos atos do Sr. Clément durante o dia do sábado, havia esperado ser interrogado e só falou, em suma, quando viu que seu interlocutor já sabia da visita. Em segundo lugar, ele mentiu pelo menos uma vez. Pois afirmou que no sábado de manhã havia recusado receber o visitante e que à tarde fora surpreendido por ele no jardim. Ora, havia sido de manhã que os dois homens passearam no jardim. E à tarde voltaram a conversar na sala do pequeno castelo.

— Assim o resto também deve ser falso, concluiu o comissário.

Ele se aproximava do caminho das urtigas. De um lado se elevava o muro rebocado a cal que cercava o jardim de Saint-Hilaire; do outro se erguia uma ala, de um único piso, do Hotel de la Loire. O chão estava juncado de ervas altas, espinheiros, urtigas brancas, e as vespas faziam a festa. O caminho também recebia a sombra dos carvalhos e terminava, a cem metros de distância, num velho portão de estilo muito simples. Maigret teve a curiosidade de caminhar até esse portão que, segundo o proprietário, não era aberto havia anos e cuja chave estava perdida. Assim que pôs os olhos na fechadura, coberta por uma espessa

camada de ferrugem, notou que essa ferrugem fora recentemente descascada em alguns pontos. Mais: com a lupa, verificou sem erro possível as arranhaduras que uma chave deixara ao penetrar na abertura complicada.

— Mandar fotografar amanhã! Decidiu, mentalmente.

Refez o caminho, de cabeça baixa, tentando focalizar de novo no espírito a figura do Sr. Gallet, trazendo-a à luz, de certo modo. O personagem, em vez de se completar e se tornar mais compreensível, não se furtava? A fisionomia do homem da casaca apertada não se embaralhava a ponto de nada mais ter de humano? O retrato, única imagem tangível e teoricamente completa que Maigret possuía, era substituído por imagens fugazes que deveriam formar um único e mesmo homem, mas que não conseguiam se sobrepor. O comissário reviu a metade do rosto, o peito magro e peludo, no alpendre da escola, enquanto o doutor se impacientava às suas costas. Mas evocou em seguida o barquinho azul construído por Émile Gallet, em Saint-Fargeau, os instrumentos de pesca aperfeiçoados, a Sra. Gallet num vestido de seda malva, depois com um véu de luto, quintessência de pequena burguesia quieta e empolada. O armário de porta espelhada, diante da qual Gallet devia vestir sua casaca... E todas aquelas cartas com timbre da casa a que ele não pertencia mais... Os balanços mensais que traçava com cuidado dezoito anos após haver abandonado seu emprego de representante comercial...

Aquelas taças, aquelas pás de bolo que ele mesmo devia comprar!

— E sua maleta de amostras não foi encontrada! Observou também Maigret. — Deve tê-la deixado em algum lugar.

Ele havia parado maquinalmente alguns metros antes da janela pela qual o assassino alvejara sua vítima. Mas nem sequer olhou essa janela. Estava um pouco febril porque, por instantes, teve a impressão

de que um esforço seria suficiente para reunir numa só imagem todos os aspectos de Émile Gallet. E então reviu Henry, tal como o conhecera, rígido e desdenhoso, com um traje de primeira comunhão e o rosto assimétrico.

O caso, que o inspetor Grenier, de Nevers, chamara “um pequeno caso aborrecido” e que Maigret abordara apenas com mau humor, aumentava de proporção à medida que o morto se transformava até parecer funambulesco. Umas dez vezes Maigret afastou com a mão uma vespa que esvoaçava perto da sua cabeça com um ruído de avião em miniatura.

— Dezoito anos!... Pronunciou à meia-voz.

Dezoito anos de cartas falsas assinadas por Niel, de cartões-postais expedidos de Rouen, e também de uma vidinha banal, sem luxo, sem emoções, em Saint-Fargeau! O comissário conhecia a mentalidade dos malfeitores, criminosos ou vigaristas. Sabia que na base dessa mentalidade sempre se acaba encontrando uma paixão qualquer. E era precisamente o que ele buscava no rosto do homem de barbicha, com olheiras e boca muito larga.

— Ele construía instrumentos de pesca aperfeiçoados e desmontava velhos relógios! Mas Maigret não entendia. — Não é uma razão para mentir durante dezoito anos! E ninguém se obriga a uma vida dupla tão difícil de organizar!...

O mais perturbador não era isso. Há situações falsas que se consegue fazer durar alguns meses ou mesmo alguns anos. Mas dezoito anos! Gallet envelhecera! A Sra. Gallet estava mais gorda, mais digna! Henry havia crescido... Fizera sua primeira comunhão, passara no vestibular, atingira a maioridade. Estava instalado em Paris, tinha finalmente uma amante... E Émile Gallet continuava a enviar cartas da

casa Niel, a preparar com antecedência cartões-postais endereçados à esposa, a copiar pacientemente falsas listas de encomendas!

— Ele estava de regime... Maigret ouvia ainda a voz da Sra. Gallet. Estava tão absorto em seus pensamentos, que faziam acelerar sua pulsação, que deixou apagar o cachimbo. — Dezoito anos sem se deixar pegar!

Era inverossímil! O comissário, que conhecia bem seu ofício, podia imaginar melhor que ninguém. Sem o crime, Gallet teria morrido tranquilamente, em seu leito, após ter deixado todos os seus papéis em ordem. E o Sr. Niel teria recebido com surpresa um convite para o enterro!...

Algo tão fora dos padrões que o policial era lançado numa angústia indefinível, como a que provocam certos fenômenos que chocam nosso senso do real. Assim, foi por acaso que, ao levantar a cabeça, percebeu uma mancha mais escura no muro branco da propriedade, bem defronte ao quarto do crime.

Aproximou-se, reconheceu que era um espaço entre duas pedras que fora recentemente aumentado e lascado pela ponta de um sapato. Havia um traço semelhante, mas menos visível, um pouco mais acima. Alguém havia escalado o muro ali, com o auxílio de um galho que pendia... No instante em que ia reconstituir esse gesto, o comissário se virou vivamente, pois teve a impressão de uma presença insólita na extremidade do caminho, perto do rio. Teve apenas o tempo de perceber uma silhueta feminina, alta, bastante forte, cabelos louros, perfil regular e duro de estátua grega.

A jovem se pôs a caminhar no momento em que Maigret se virou, o que parecia provar que antes ela o observava. Um nome se apresentou espontaneamente ao espírito do investigador: Éléonore Boursang! Até então ele não havia tentado imaginar a amante de Henry Gallet. No

entanto, de repente, teve quase a certeza de que era ela. Apressou o passo, chegou à margem do rio quando ela desaparecia na esquina da estrada principal.

— Já volto! Disse ao dono do hotel, que tentou detê-lo quando ele passou.

Deu mais alguns passos, correndo, enquanto a fugitiva não podia vê-lo, a fim de reduzir a distância que os separava. Era não apenas a silhueta que combinava com o nome de Éléonore Boursang, mas também a mulher que um homem como Henry escolheria. Ao chegar à esquina, Maigret ficou decepcionado. Ela havia desaparecido. Em vão mergulhou o olhar no claro-escuro de uma pequena mercearia, depois numa oficina de ferreiro próxima. Pequeno azar, aliás, já que ele sabia onde encontrá-la.

* * *

Cinco

Os Amantes Parcimoniosos

O GENDARME da delegacia deve ter feito, naquela manhã, uma imagem interessante da tarefa que cabe a um policial. Ele havia levantado às quatro da madrugada e já percorrera uns trinta quilômetros de bicicleta, primeiro no friozinho do amanhecer, depois sob um sol cada vez mais abrasador, quando chegou ao Hotel de la Loire para a verificação periódica do registro dos hóspedes. Eram dez horas. A maioria dos hóspedes passeava à beira d'água ou tomava banho no rio. Dois ou três negociantes de cavalos conversavam no terraço, e o dono do hotel, com um guardanapo na mão, reordenava a posição das mesas e dos vasos de louro.

— Não vai dar um bom-dia ao comissário? Perguntou-lhe o Sr. Tardivon. E, mais baixo, num tom confidencial: — Ele está justamente no quarto do crime! Recebeu um monte de documentos e também fotografias vindas de Paris. E assim, pouco depois, o gendarme batia à porta, se desculpando:

— Foi o patrão que me sugeriu, comissário... Quando ele me disse que o senhor fazia o exame do local, fiquei interessado. Sei que emprega métodos especiais em Paris, e, se isso não lhe perturbar, eu ficaria muito contente de tomar uma lição vendo como procede...

Era um bom rapaz cujo rosto redondo e rosado refletia o desejo ingênuo de agradar. Ele se fazia tão humilde quanto possível, o que não era fácil com seus sapatos ferrados, suas polainas e o quepe que não sabia onde pôr. A janela estava amplamente aberta; o sol da manhã caía em cheio no caminho das urtigas, de modo que à contraluz o quarto estava quase obscuro. E Maigret, em mangas de camisa, cachimbo nos dentes, colarinho desabotoado e nó da gravata afrouxado, transmitia uma impressão de bem-estar que deve ter impressionado o gendarme.

— Sente-se aí, por favor!... Mas saiba que não há nada de interessante a ver...

— O senhor é muito modesto, comissário...

Era tão ingênuo que Maigret desviou a cabeça para ocultar um sorriso. Ele havia trazido para o quarto tudo o que tinha a ver com o caso. Depois de se certificar de que a mesa, coberta por uma toalha de algodão da Índia com ramagens avermelhadas, nada podia lhe revelar, havia colocado ali suas pastas, desde o relatório do médico-legista até as fotos do local e da vítima que a Identidade Judiciária lhe enviara naquela mesma manhã. Enfim, cedendo a um sentimento mais supersticioso do que científico, pusera a fotografia de Émile Gallet sobre a lareira de mármore preto ornada por um castiçal de cobre. No chão não havia tapete. O piso, em madeira de carvalho, era envernizado, e os primeiros investigadores haviam desenhado a giz o contorno do corpo tal como fora encontrado. No lado de fora, na vegetação, se elevava um murmúrio confuso, intensamente animado, feito de cantos de pássaros, farfalhar de folhagem, zumbido de insetos e cacarejar distante de galinhas na estrada, tudo escandido pelos golpes espaçados do martelo na bigorna do ferreiro. Vozes misturadas chegavam às vezes do terraço, ou então ouse via a passagem de um veículo na ponte suspensa.

— Documentos é o que não lhe falta! Eu nunca teria imaginado...

Mas o comissário não escutava. Sossegado, tirando pequenas baforadas do cachimbo, estendia no chão, no lugar onde foram encontradas as pernas do cadáver, uma calça de tecido escuro, tecido tão compacto que, tendo sido usado na certa por uns dez anos, a julgar por seu lustro, ainda poderia servir por outros dez. Maigret dispôs do mesmo modo uma camisa em percal e, no seu lugar costumeiro, um peitilho engomado. Mas o conjunto só adquiriu forma e se tornou ao mesmo tempo bizarro e emocionante quando, na extremidade das pernas da calça, colocou um par de sapatos com sola de borracha. Aquilo não se parecia com um corpo, não! Era antes sua representação caricatural, tão inesperada que o gendarme lançou um olhar ao comissário e deixou escapar um pequeno riso contido. Maigret não ria. Pesado e obstinado, ia e vinha lentamente, conscienciosamente. Examinou a casaca, colocou-a de volta no cabide após constatar que não estava furada no lugar onde a punhalada fora desferida. O colete, este rasgado na altura do bolso esquerdo, tomou seu lugar sobre o peitilho.

— Era assim que ele devia estar vestido, disse à meia-voz.

Consultou uma foto da Identidade Judiciária, corrigiu sua obra acrescentando a seu manequim inconsistente um falso colarinho muito alto, em celuloide, e uma gravata-borboleta de cetim preto.

— Está vendo, gendarme? No sábado ele jantou às oito da noite. Comeu massa, pois estava de regime. A seguir, conforme seu hábito, leu o jornal enquanto bebia água mineral. Um pouco depois das dez, entrou neste quarto e retirou a casaca, conservando os calçados e o falso colarinho. Na realidade, Maigret falava menos para o gendarme, que escutava com aplicação e acreditava dever aprovar cada frase, do que para si mesmo. — Onde podia estar a faca naquele momento? É uma faca automática, mas de um modelo de bolso, como muita gente tem o hábito de portar. Veja... Ele dobrou a lâmina da faca que se achava em cima da mesa junto com outras peças do crime, enfiou o objeto no

bolso esquerdo da calça escura. — Não, isso produz dobras onde não devia haver...

Tentou no bolso direito e ficou satisfeito.

— Aí está! Ele tem uma faca no bolso. Está vivo e, entre onze horas e meia-noite, segundo o médico, morreu. Há poeira de cal e de calcário na ponta dos seus sapatos. Ora, defronte à janela, no muro da propriedade de Tiburce de Saint-Hilaire, encontrei traços deixados por sapatos do mesmo tipo. Foi para escalar o muro que ele retirou a casaca? Pois não é um homem de se pôr à vontade, mesmo estando em casa, convém não esquecer!

Maigret dava voltas e nem sempre terminava as frases, sem olhar para o seu ouvinte, imóvel numa cadeira.

— Na lareira, de onde no verão foi retirado o aquecedor, encontro papéis queimados... Vamos retomar os gestos que ele deve ter feito: tirar a casaca, queimar os papéis, dispersar as cinzas com a base desse castiçal (pois há fuligem no cobre), escalar o muro em frente após transpor a janela e voltar para cá pelo mesmo caminho. Enfim, pegar a faca no bolso e abri-la... Não é grande coisa, mas se soubermos em que ordem esses atos e gestos se desenrolaram... Portanto, entre onze horas e meia-noite e meia, ele está novamente aqui. A janela está aberta e ele recebe um tiro na cabeça... Não há dúvida quanto a isso! O tiro precedeu a facada. E foi dado do lado de fora... Ora, Gallet pegou a faca. Não tentou sair, o que parece indicar que o assassino é que entrou, pois ninguém enfrenta à faca um adversário que está a sete metros de distância... Mais: Gallet tem a metade do rosto atingida. O ferimento sangra. E não se descobriu nenhuma gota de sangue perto da janela. Os vestígios provam que, ferido, ele não se moveu num raio de mais de dois metros... Forte equimose no pulso esquerdo! Escreve o médico que fez a autópsia. Assim, nosso homem segura a faca com a mão esquerda, e alguém pega essa mão para voltar a arma contra ele. A lâmina penetra

no coração, e ele cai morto. Solta a faca, e o assassino não se preocupa, sabendo que nela só haverá as impressões digitais da vítima. A carteira continua no bolso de Gallet; nenhum objeto é roubado. No entanto a Identidade Judiciária afirma que há, em particular sobre a valise, parcelas ínfimas de borracha, como se alguém a tivesse manipulado com luvas...

— Fantástico! Exclamou extasiado o gendarme, que seria incapaz de repetir a quarta parte do que acabara de ouvir.

— E o mais curioso é que, além desses vestígios de borracha, foi descoberto um pouco de poeira de ferrugem...

— Talvez o revólver estivesse enferrujado!

Maigret se calou, foi se postar diante da janela. Daquele jeito, com as mangas da camisa branca infladas pelo vento, com sua silhueta se destacando no retângulo luminoso, ele parecia enorme. Acima da sua cabeça subia um estreito fio de fumaça azulada. O gendarme, dócil, continuava no seu canto, hesitando em mudar a posição das pernas.

— O senhor não vai ver os meus vagabundos? Ele perguntou timidamente.

— Estão na delegacia? Solte-os! E Maigret voltou para a mesa, coçando a cabeça em sentido contrário aos pelos, pegou a pasta rosa, mudou as fotos de lugar, fixou seu interlocutor. — Está de bicicleta? Poderia dar um pulo até a estação e perguntar a que horas, no sábado, Henry Gallet, um jovem de 25 anos, alto, magro, pálido, vestindo uma roupa escura, com óculos de aro de tartaruga, pegou o trem para Paris?... Aliás, já ouviu falar de um Sr. Jacob?

— Só do Jacó da Bíblia... Arriscou o gendarme.

As roupas de Émile Gallet continuavam no chão, como uma caricatura de cadáver. No momento em que o gendarme se dirigia à porta, bateram e o Sr. Tardivon anunciou:

— Uma visita para o senhor, comissário. Uma Sra. Boursang, que gostaria de lhe dizer duas palavras... O gendarme teria preferido ficar, mas seu companheiro não o convidou a isso. Após lançar um olhar satisfeito ao quarto, Maigret falou: — Faça-a entrar. E se inclinou para o manequim murcho, hesitou, sorriu, plantou a faca no lugar do coração e amassou com o dedo o tabaco no cachimbo.

Éléonore Boursang vestia um tailleur claro, bem-cortado, que, em vez de rejuvenescê-la, lhe dava um aspecto de mulher de mais de trinta anos. Tinha as meias e os sapatos bem cuidados, cabelos louros arranjados com esmero sob um chapéu de palha branco. Usava luvas. Maigret se colocara num canto mais à sombra, curioso de ver como ela se apresentaria. Quando o Sr. Tardivon a deixou junto à porta, ela ficou um instante indecisa, pareceu desorientada pelo contraste entre a forte claridade da janela e o claro-escuro do quarto.

— Comissário Maigret? Ela falou enfim, avançando alguns passos e se virando para a silhueta que ainda não distinguia bem. — Desculpe-me por incomodá-lo, senhor... Ele se dirigiu a ela e penetrou na luz. Assim que fechou a porta, disse:

— Queira se sentar! E esperou, sem ajudá-la com sua atitude, ostentando, ao contrário, um humor meio áspero.

— Henry deve ter lhe falado de mim e por isso, estando em Sancerre, tomei a liberdade de vir importuná-lo.

Ele continuou em silêncio, sem conseguir perturbá-la. Ela falava pausadamente, com uma certa dignidade que lembrava um pouco a Sra. Gallet. Uma Sra. Gallet mais moça, certamente um pouco mais bonita do que fora a mãe de Henry, mas representativa de uma mesma classe social.

— Deve compreender minha situação. Depois desse... Desse terrível drama, eu quis deixar Sancerre, mas Henry me aconselhou, numa carta, a ficar... Vi o senhor umas duas ou três vezes. Fiquei

sabendo pelas pessoas do lugar que era o encarregado de descobrir o assassino. Assim resolvi vir lhe perguntar se descobriu alguma coisa... Minha situação é delicada, já que oficialmente nada sou para Henry nem para sua família...

Não dava a impressão de um discurso preparado. As frases lhe vinham aos lábios sem esforço e eram ditas sem precipitação. Várias vezes seu olhar pousou na faca plantada sobre a forma barroca que as roupas desenhavam no chão, mas ela não estremeceu.

— Seu amante a encarregou de me interrogar? Lançou Maigret, com uma brutalidade proposital.

— Ele não me encarregou de nada! Está arrasado com o golpe que o atingiu... E lamento muito não ter podido estar junto dele no enterro...

— Vocês se conhecem há muito tempo? Ela não pareceu notar que a conversa se transformava em interrogatório; sua voz permaneceu igual.

— Há três anos... Tenho trinta, Henry só tem 25... E sou viúva...

— É originária de Paris?

— De Lille. Meu pai era o contador-chefe numa fábrica de fiação. Aos vinte anos me casei com um engenheiro têxtil que foi morto por uma máquina, menos de um ano após meu casamento. Eu deveria ter recebido uma pensão da empresa que o empregava, mas ela afirmou que o acidente fora devido à imprudência da vítima. Assim, como eu precisava ganhar a vida e não queria trabalhar numa cidade onde todos me conhecem, me instalei em Paris. Passei a trabalhar como caixa numa casa de comércio da Rue Réaumur. Movi um processo contra a fábrica de fiação. O caso se arrastou durante anos na Justiça. Somente há dois anos obtive ganho de causa e com o dinheiro da pensão pude deixar meu emprego.

— Trabalhava como caixa quando conheceu Henry Gallet?

— Sim. Ele vinha seguidamente ver meus patrões, como corretor financeiro do banco Sovrinos.

— Nunca pensaram em se casar?

— No início pensamos, mas, se eu me casasse antes do julgamento, o tribunal teria se mostrado menos favorável a me conceder a pensão.

— E então se tornou a amante de Gallet.

— A palavra não me assusta. Somos tão unidos, ele e eu, como se tivéssemos passado pelo cartório. Há três anos nos vemos diariamente, e ele faz todas as suas refeições comigo.

— No entanto, ele não mora na sua casa na Rue de Turenne...

— Por causa da família dele. São pessoas de princípios rígidos, como meus pais. Henry preferiu evitar conflitos com os pais dele ocultando nossa ligação. Mas sempre concordamos que, quando não houver mais obstáculos e tivermos do que viver no sul da França, nos casaremos.

Mesmo diante das perguntas mais indiscretas, não havia embaraço algum na atitude dela. Em certo momento, quando o olhar do comissário passou por suas pernas, ela baixou o vestido, com um gesto simples.

— Sou obrigado a entrar em detalhes... Era na sua casa que Henry fazia as refeições. Ele rachava as despesas?

— É muito simples. Eu fazia as contas, como toda dona de casa organizada, e no fim do mês ele me pagava a metade do que fora gasto em comida.

— Você falou em viver no sul da França. Henry reservava algum dinheiro para isso?

— Assim como eu. Deve ter observado que ele não tem uma constituição muito forte. Os médicos lhe recomendam o ar livre. Mas ninguém vai viver ao ar livre quando precisa ganhar a vida e não tem um ofício manual. Eu também gosto da vida no campo... Assim vivemos modestamente. Eu lhe disse que Henry é corretor financeiro. O Sovrinos é um pequeno banco que se ocupa principalmente de especulação. Portanto, está bem informado, e tudo o que podemos economizar é aplicado na Bolsa.

— Contas separadas?

— Naturalmente! Não podemos saber, não é mesmo? O que o futuro nos reserva...

— Qual o capital que você formou desse modo?

— É difícil de precisar, pois o dinheiro é em títulos que mudam de valor de um dia para o outro. De quarenta a cinquenta mil francos...

— E Gallet?

— Mais. Ele nem sempre ousava me envolver em especulações muito arriscadas, como as minas de prata na Bolívia, em agosto último... Ele deve ter, atualmente, uns cem mil francos.

— E em qual quantia decidiram parar?

— Quinhentos mil. Esperamos trabalhar ainda mais três anos...

Maigret a olhava agora com um sentimento que beirava a admiração. Mas uma admiração particular, fortemente marcada de repulsa. Ela tinha 30 anos, e Henry, 25. Eles se amavam ou, pelo menos, haviam decidido viver juntos. E suas relações eram reguladas como as de dois sócios num empreendimento comercial! Ela falava disso com simplicidade, até mesmo com um certo orgulho.

— Faz tempo que está em Sancerre?

— Cheguei em 20 de junho para ficar um mês.

— Por que não se hospedou no Hotel de la Loire ou no Commerce?

— É muito caro para mim. Na Pensão Germain, na saída do vilarejo, pago apenas 22 francos por dia.

— Henry veio no dia 25? A que horas?

— Ele só tem folga aos sábados e domingos. E reserva o domingo para passar o dia em Saint-Fargeau. Ele chegou aqui no sábado de manhã. Partiu de volta no último trem da noite.

— Ou seja?

— Às 23h32. Eu o acompanhei até a estação.

— Sabia que o pai dele estava aqui?

— Henry me disse que o havia encontrado. Estava furioso, pois achava que o pai viera só para nos espionar. E Henry não queria ver sua família envolvida no nosso caso.

— Os Gallet ignoravam a existência dos cem mil francos?

— É claro! Henry é maior de idade, tem o direito de fazer o que quiser da sua vida...

— Em que termos seu amante costumava falar do pai dele?

— Criticava-o um pouco por sua falta de ambição. Dizia que era sinistro, na idade dele, vender ainda o que Henry chamava suas “quinquilharias”. Mas sempre se mostrou muito respeitoso, sobretudo com a mãe.

— Então ele ignorava que Émile Gallet era, na verdade, um vigarista?

— Um vigarista?... Ele?

— ...E que havia dezoito anos não se ocupava mais de suas “quinquilharias”?

— Não é possível! Desempenhava ela um papel ao olhar o lúgubre manequim com uma espécie de admiração? — Estou desconcertada, comissário!... Ele!... Com suas manias, suas roupas ridículas, seu jeito de aposentado pobre!...

— O que fez na tarde de sábado?

— Passeamos pelas colinas, Henry e eu. Foi quando me deixou para ir ao Hotel du Commerce que ele encontrou o pai... Voltamos a nos ver às oito da noite e saímos para passear, desta vez, do outro lado do rio, até a partida do trem.

— Não passaram nas proximidades deste hotel?

— Era melhor evitar um encontro.

— Você voltou sozinha da estação. Atravessou a ponte...

— E virei imediatamente à esquerda para chegar à Pensão Germain. Não gosto de andar sozinha à noite...

— Conhece Tiburce de Saint-Hilaire?

— Quem é? Nunca ouvi falar desse nome... Espero, comissário, que não esteja suspeitando de Henry...

Seu rosto se animara, mas ela conservava o sangue-frio.

— Se estou aqui, é em grande parte porque conheço Henry. Ele sempre teve a saúde frágil, e seu caráter se tornou sombrio, desconfiado. Juntos, às vezes ficamos horas sem falar... É uma coincidência que ele tenha encontrado o pai justamente aqui. Mas uma coincidência, eu sei, que pode parecer suspeita. Henry é muito orgulhoso para se defender. Não sei o que ele lhe disse, se é que respondeu a suas perguntas... Mas o que posso jurar é que ele não me deixou das oito da noite até o momento de pegar o trem. Estava nervoso. Tinha medo de que a mãe ficasse sabendo do nosso caso, pois sempre teve muito afeto por ela e previa que ela tentaria afastá-lo de mim. Não sou mais uma moça! Há uma diferença de cinco anos entre nós. Enfim, sou a amante dele. Quero que o assassino seja logo preso, sobretudo por Henry, que é bastante esperto para compreender que seu encontro com o pai fatalmente faz nascer suspeitas odiosas...

Maigret continuava a olhar para ela com o mesmo espanto. E se perguntava por que esse discurso, bastante meritório, em suma, não conseguia comovê-lo. Mesmo pronunciando as últimas frases com um pouco de veemência, Éléonore Boursang permanecia senhora de si. Maigret deu um jeito de fazê-la ver uma grande foto da Identidade Judiciária que mostrava o cadáver tal como fora encontrado, e o olhar da mulher passou sem se deter nessa imagem impressionante.

— Não descobriu nada?

— Conhece o Sr. Jacob? Ela lhe ofereceu um olhar no qual o convidava a ler sua sinceridade.

— Não conheço esse nome. Quem é? O assassino?

— Talvez! Ele falou, enquanto caminhava até a porta. Ao sair, Éléonore Boursang perguntou:

— Permite, comissário, que eu volte para lhe pedir notícias?

— Quando quiser.

O gendarme esperava pacientemente no corredor. Quando a visitante desapareceu, ele lançou um olhar interrogador ao comissário.

— O que lhe disseram na estação? Este perguntou.

— O jovem pegou o trem de Paris às 23h32, com um bilhete de volta, de terceira classe.

— E o crime foi cometido entre onze horas e meia-noite e meia! Murmurou pensativamente o comissário. — Andando depressa, é possível ir daqui à estação em dez minutos. O assassino pode ter cometido o crime entre 23h e 23h20... Se em dez minutos se chega à estação, é preciso o mesmo tanto para voltar. Assim, Gallet pode ter sido morto entre quinze para a meia-noite e meia-noite e meia por alguém que voltava da estação... Só que há também a história do portão! E além do mais, que diabos Émile Gallet foi fazer no muro?

O gendarme se sentara no mesmo lugar que antes e aprovava com a cabeça, esperando a continuação. Mas não houve continuação.

— Vamos tomar um aperitivo! Disse Maigret.

* * *

Seis

O Encontro Junto ao Muro

- Ainda nada?
- Óbolo!
- Que palavra você disse há pouco?
- Preparativos! Pelo menos é o que suponho. Falta o final, tivos, pode ser também ção...

Maigret suspirou, ergueu os ombros, abandonou o quarto fresco onde, desde a manhã, um rapaz alto, magro e ruivo, de rosto gracioso e fleuma nórdica, estava debruçado sobre a mesa, entregue a um trabalho que teria desencorajado um monge. Chamava-se Joseph Moers, e seu sotaque indicava origens flamengas. Empregado no laboratório da Identidade Judiciária, viera a Sancerre a pedido de Maigret e se instalara no quarto do morto, onde dispusera seus instrumentos, entre os quais um estranho fogareiro a álcool. Desde as sete da manhã, só levantava a cabeça quando o comissário entrava bruscamente ou passava o torso pela janela que dava para o caminho das urtigas.

- Nada?
- Eu lhe...
- Como?
- Acabo de encontrar. Eu lhe... Mas sem o e final...

Ele dispusera sobre a mesa lâminas de vidro, muito finas, que revestia aos poucos com uma cola fluida aquecida no fogareiro. De tempo em tempo, ia até a lareira, colhia delicadamente um dos pedaços de papel queimado e o colocava sobre uma placa. As cinzas eram frágeis, quebradiças, a ponto de se esfarelarem. Era preciso às vezes cinco minutos para amolecê-las, envolvendo-as com vapor d'água. E então eram coladas no vidro. À sua frente, Joseph Moers tinha um estojo que era um verdadeiro laboratório portátil. Os pedaços maiores de papel carbonizado chegavam a ter de sete a oito centímetros. Os menores eram quase poeira. Óbolo... Prepara... Eu lhe... Era esse o resultado de duas horas de trabalho, mas, contrariamente a Maigret, Moers se mostrava paciente e não resmungava à ideia de que só havia examinado a centésima parte do conteúdo da lareira. Durante algum tempo, uma grande mosca azulada, de reflexos metálicos, zumbiu ao redor de sua cabeça. Por três vezes pousou na sua testa enrugada, e ele não fez um gesto para enxotá-la, talvez sequer a tenha percebido.

— O problema é que, quando entra pela porta, o senhor provoca uma corrente de ar, ele observou a Maigret, — E com isso já me fez perder um bocado das cinzas!

— Está bem! Entrarei pela janela. Não era um gracejo. Ele passou a fazer assim.

As pastas continuavam nesse mesmo quarto, que Maigret escolhera como gabinete de trabalho e onde ninguém havia tocado sequer nas roupas estendidas no chão, com o punhal cravado. O comissário estava impaciente para conhecer o resultado do exame que mandara fazer e, enquanto esperava, não conseguia ficar quieto.

Durante um quarto de hora, ia de um lado a outro do caminho das urtigas, de cabeça baixa e mãos às costas. Depois introduzia o torso pela janela, com a pele aquecida pelo sol, enxugava o suor e resmungava:

— Está demorando muito!...

Moers ouvia? Seus gestos eram tão preciosos como os de uma manicure, e ele só se inquietava com as placas de vidro que se cobriam de manchas escuras, de contornos irregulares. Maigret estava inquieto sobretudo porque não tinha nada a fazer, ou melhor, preferia nada tentar antes de examinar os papéis queimados na noite do crime. E, enquanto percorria o caminho onde a folhagem dos carvalhos fazia dançar manchas de sombra e de luz sobre seu corpo, voltava sem cessar às mesmas ideias.

— Henry e Éléonore Boursang podem ter matado Gallet antes de irem até a estação... Éléonore pode ter vindo matá-lo sozinha, após a partida do amante... Enfim, há esse muro e uma chave! E ainda por cima um certo Sr. Jacob, cujas cartas Gallet ocultava medrosamente...

Um dez vezes ele foi examinar a fechadura do portão sem nada descobrir de novo. Depois, quando passava pelo lugar onde o muro fora escalado por Émile Gallet, tomou uma súbita decisão, tirou o casaco e pôs a ponta do pé direito numa junção entre as pedras. Ele pesava uns cem quilos. Mas não teve nenhuma dificuldade em agarrar um galho que pendia e, desse modo, completar sua subida. O muro era feito de pedras irregulares recobertas por uma camada de cal. No alto havia uma fileira de tijolos dispostos horizontalmente. O musgo se espalhara e brotavam inclusive gramíneas ali. Desse lugar, Maigret distinguiu perfeitamente Moers ocupado em decifrar alguma coisa com a lupa.

— Alguma novidade? Gritou.

— Um s e uma vírgula...

Acima da sua cabeça, o comissário tinha não mais a folhagem de um carvalho, mas a de uma enorme faia cujo tronco se erguia na propriedade ao lado. Ele se ajoelhou, pois o muro não era largo e havia

o risco de perder o equilíbrio. Examinou o musgo à esquerda e à direita, resmungou:

— Aí está!

A descoberta não era sensacional. Ele constatou apenas que o musgo fora pisado e mesmo arrancado em parte num local preciso, bem acima das arranhaduras na pedra, mas em nenhuma outra parte. Esse musgo era frágil, como ele percebia, o que lhe deu a certeza absoluta de que Émile Gallet não havia andado sobre o muro, não havia sequer percorrido um metro num sentido ou noutro.

— Resta saber se ele desceu para o lado da propriedade...

Ali não havia mais, propriamente falando, um jardim. Certamente por causa das muitas árvores, o terreno servia naquele ponto como local de despejo. A uns dez metros de onde estava Maigret, se amontoavam barris vazios, desmontados ou desprovidos dos seus aros. Viam-se também garrafas velhas, várias de material farmacêutico, uma máquina de cortar grama em mau estado, ferramentas enferrujadas, pacotes de antigos jornais amarrados com cordão que, molhados de chuva, secos e desbotados pelo sol, sujos de terra, tinham um aspecto lastimável. Antes de descer do outro lado do muro, Maigret se certificou de que, abaixo dele, isto é, do lugar onde Gallet estivera, não havia nenhum vestígio no chão. Para não correr o risco de arranhar o muro, ele saltou, mesmo se arriscando a cair de quatro. Da casa de Tiburce de Saint-Hilaire se viam apenas algumas manchas claras através da filigrana da folhagem. Ouse via o ruído de um motor que servia, como Maigret soube de manhã, para levar a água do poço até os reservatórios da casa. Por causa dos detritos, havia uma quantidade de moscas naquele canto. A todo instante o comissário precisava enxotá-las, o que fazia com um mau humor crescente.

— Primeiro o muro...

Esse exame foi fácil. De ambos os lados, o muro da propriedade fora pintado de cal na primavera. Ora, sob o local onde Émile Gallet escalara, não se via nenhuma mancha, nenhum arranhão. Também não havia sinais de passos a menos de dez metros. No entanto, nas proximidades dos barris e das garrafas, o policial notou que um barril fora arrastado por uma distância de dois ou três metros para ser encostado ao pé do muro. Ele ainda se achava ali. Maigret subiu nesse barril, e sua cabeça ultrapassou o alto do muro, mais ou menos a dez metros do lugar onde Gallet estivera. De onde estava, ainda conseguia ver Moers trabalhando, sem dar um tempo para enxugar o suor.

— Nada?

— Clignancourt... Mas acho que achei um fragmento melhor...

O musgo do muro, acima do barril, não fora arrancado, mas estava esmagado como o teria sido por braços que nele se apoiaram. Maigret fez um teste: apoiou o cotovelo e obteve um resultado idêntico um pouco mais adiante. Ou seja, Émile Gallet sobe no muro mas não desce até o lado do jardim. Em contrapartida, alguém vindo do interior da propriedade sobe nesse barril, mas não vai mais acima e não sai do terreno, pelo menos não por esse caminho... Se o encontro noturno fosse entre um rapaz e uma moça, a coisa teria sido mais ou menos compreensível. Aquele dos dois que estivesse no interior da propriedade poderia levar o barril para mais perto do companheiro. Mas não podia ser o caso de um encontro de amor. Um dos dois personagens, sem a menor dúvida, era o Sr. Gallet, que tirara a casaca expressamente para se entregar a esse exercício tão incompatível com sua personalidade. O outro seria Tiburce de Saint-Hilaire? Os dois homens se viram primeiro de manhã, depois à tarde, sem se ocultarem. Era pouco provável que tivessem escolhido semelhante meio para se verem mais uma vez, na obscuridade! E a dez metros de distância! Não teriam sequer podido se ouvir, falando à meia-voz!

— A menos que tenham vindo separadamente, primeiro um, depois o outro...

Mas qual dos dois subiu primeiro no muro? E os dois homens se encontraram? Do barril até o quarto de Gallet, a distância era de cerca de sete metros, ou seja, a distância da qual o tiro foi dado. Ao se virar, Maigret viu o jardineiro, que o olhava com um ar subjugado.

— Ah! É você... Disse o comissário. — Seu patrão está?

— Foi pescar...

— Sabe que sou da polícia, não é? Pois bem, eu gostaria de sair daqui sem precisar saltar o muro... Poderia me abrir o portão no final do caminho das urtigas?

— Não há problema! Limitou-se a dizer o homem, se dirigindo para aquele lado.

— Tem a chave?

— Não. O senhor vai ver... Quando chegou ao portão, enfiou a mão sem hesitar entre duas pedras separadas, se espantou.

— Ué!

— Que foi?

— Ela não está mais!... No entanto eu mesmo a pus neste lugar, no ano passado, quando fizemos sair por aqui três carvalhos que foram derrubados...

— Seu patrão sabia disso?

— Com certeza!

— Não se lembra de tê-lo visto passar por aqui?

— Não desde o ano passado...

Uma nova versão dos fatos se esboçava automaticamente no espírito do comissário: Tiburce de Saint-Hilaire, erguido sobre um barril, disparando na direção de Gallet, dando a volta pelo portão, entrando no quarto da vítima... Mas era muito pouco provável! Mesmo supondo que a fechadura enferrujada não opusesse resistência, seriam necessários três minutos para percorrer o caminho que separa os dois

pontos. E, durante esses três minutos, Émile Gallet, com a metade do rosto ferida, não teria gritado nem caído, teria se limitado a tirar a faca do bolso para enfrentar um eventual agressor? Soava inverossímil! Tão inverossímil como abrir sem rangido um portão enferrujado! No entanto era a única hipótese logicamente formulável a partir dos indícios materiais.

— De qualquer modo, havia um homem atrás do muro!

Esse era um fato comprovado. Mas nada provava que esse homem fosse Saint-Hilaire, a não ser a história da chave perdida e o fato de o desconhecido se encontrar na propriedade. Por outro lado, duas outras pessoas muito próximas de Émile Gallet e que podiam ter interesse na sua morte estavam em Sancerre naquele momento, e nenhum álibi sério estabelecia que não haviam posto os pés no caminho das urtigas: Henry Gallet e Éléonore. Maigret esmagou um moscão na bochecha, viu Moers que se debruçava à janela.

— Comissário!

— Novidades? Mas o flamengo já desaparecera no quarto.

Antes de se decidir a dar a volta pelo caminho do rio, Maigret deu uma sacudida no portão e, contra sua expectativa, este cedeu.

— Ué! Não está fechado! Surpreendeu-se o jardineiro, se inclinando sobre a fechadura. — Curioso, não?

Maigret ia lhe recomendar não falar a Saint-Hilaire de sua visita, mas, avaliando o homem dos pés à cabeça, viu que era muito sonso e evitou complicar as coisas.

— Por que me chamou? Perguntou a Moers uns instantes depois.

Este havia acendido uma vela e olhava através de uma placa de vidro inteiramente coberta de cinzas.

— Conhece um Sr. Jacob? Ele indagou, virando a cabeça com satisfação para contemplar o conjunto da sua obra.

— Sim... E então?

— Então nada. Uma das cartas queimadas estava assinada Sr. Jacob.

— É tudo?

— Mais ou menos. Estava escrita no papel quadriculado de um caderno ou de um livro-caixa... Só encontrei algumas palavras nesse tipo de papel... Absolutamente... É o que suponho, pois faltam as duas primeiras letras... Segunda-feira... Maigret esperava a continuação, de cenho franzido, dentes cerrados sobre o tubo do cachimbo.

— E que mais?

— Há a palavra prisão, na verdade pris, sublinhada duas vezes... A menos que falte mais alguma coisa e seja prisioneiro ou prisioneira. Enfim, encontrei numer... Só sei de uma palavra que começa assim: numerário. Pois é pouco provável que a carta fale de numerador... Além disso, há também o número vinte mil...

— Nenhum endereço?

— Como eu lhe disse há pouco: Clignancourt... Infelizmente sou incapaz de reconstituir a ordem das palavras.

— A escrita?

— Não é escrito à mão, mas à máquina.

O Sr. Tardivon se habituara a servir ele próprio a Maigret e o fazia com uma discrição afetada, juntamente com uma ponta de familiaridade cúmplice.

— Um telegrama, comissário! Gritou antes de bater. Ele certamente tinha vontade de entrar no quarto, onde o misterioso trabalho de Moers o intrigava. Ao ver que o policial se apressava em fechar a porta, perguntou, cordial:

— Quer que eu lhe sirva alguma coisa?

— Por enquanto, nada! Falou Maigret, categórico, enquanto abria o telegrama.

Este vinha da Polícia Judiciária de Paris, à qual o comissário pedira um certo número de informações. Dizia:

Émile Gallet não deixa testamento. Herança se compõe casa Saint-Fargeau, avaliada cem mil com mobília e 3,5 mil francos depositados banco. Aurore Gallet recebe seguro de vida trezentos mil feito pelo marido em 1925, Companhia Abeille. Henry Gallet retomou trabalho quinta-feira banco Sovrinos. Éléonore Boursang ausente Paris. De férias no Loire.

— Mais essa! Resmungou Maigret, que fixou por um momento seu olhar no vazio e depois se virou para Moers: — Entende alguma coisa de questões de seguro?

— Depende... Respondeu modestamente o jovem, que usava um pincenê tão apertado que todo o seu rosto parecia contraído.

— Em 1925, Gallet tinha mais de 45 anos... E uma doença do fígado!... Quanto acha que ele devia pagar todo ano para obter um seguro de vida de trezentos mil francos? Os lábios de Moers se moveram sem ruído. Ficou assim por mais de um minuto.

— Cerca de vinte mil francos por ano, declarou enfim. — E mais: não deve ter sido fácil a seguradora aceitar o risco! Foi um olhar irritado que o comissário lançou ao retrato, que continuava sobre a lareira, no mesmo ângulo que antes sobre o piano de Saint-Fargeau.

— Vinte mil!... E as despesas dele mal chegavam a dois mil por mês!... Ou seja, mais ou menos a metade do que conseguia arrecadar com dificuldade junto aos partidários dos Bourbon!

Depois do retrato, ele fixou a calça escura, disforme, gasta nos joelhos, que estava estendida no chão. E evocou a Sra. Gallet, com seu vestido de seda malva, suas bijuterias, sua voz ácida. Foi como se

esperassem ouvi-lo dizer ao retrato: “Você gostava tanto dela assim?”. Enfim, sacudindo os ombros, se virou para o muro iluminado de sol onde, exatamente oito dias antes, Émile Gallet subira, sem casaca, com o peitilho engomado saltando do colete.

— Ainda há cinzas, ele disse a Moers, com um certo cansaço na voz. — Tente descobrir mais alguma coisa sobre esse Sr. Jacob... Quem foi o cretino que me disse que só conhecia o Jacó da Bíblia?

Um garoto de rosto sardento se debruçara do lado de fora da janela e sorria de uma orelha à outra, enquanto uma voz de homem ordenava frouxamente, do terraço:

— Deixe os senhores trabalharem, Émile!...

— Mais um Émile! Suspirou Maigret. — Esse pelo menos está vivo. Enquanto o outro...

Mas teve bastante controle sobre si mesmo para sair sem olhar a fotografia.

* * *

Sete

A Orelha de Joseph Moers

OCALOR do verão era intenso. Toda manhã os jornais relatavam os danos de tempestades ocorridas em diversos pontos da França, mas já fazia três semanas que em Sancerre e nos arredores não caía uma gota d'água. À tarde, o quarto que fora de Émile Gallet recebia em cheio os raios do sol e ficava inabitável. Naquele sábado, porém, Moers apenas baixou, diante da janela, a cortina de pano cru e, menos de meia hora depois do almoço, já estava inclinado sobre suas placas de vidro e suas pontas de papel queimado, trabalhando com uma regularidade de metrônomo. Durante alguns minutos, Maigret ficou rondando ao redor dele, tocando em tudo, arrastando os pés, como um homem hesitante. Por fim, suspirou:

— Escute, meu velho! Não aguento mais! Admiro seu trabalho, mas você não pesa cem quilos... Preciso ir para um lugar mais fresco...

Onde se refugiar daquele calor? No terraço havia um pouco de brisa, mas também os hóspedes do hotel e sua garotada. No café era raro passar meia hora sem ouvir o choque enervante das bolas de bilhar. Maigret foi até o pátio, que recebia sombra até a metade, chamou uma jovem funcionária que passava.

— Poderia me trazer uma espreguiçadeira?

— O senhor quer se instalar aqui? Ouvirá todo o ruído da cozinha...

Ele preferia isso, mais o cacarejar das galinhas do que as conversas das pessoas. Arrastou sua cadeira até perto do poço, abriu o jornal sobre o rosto para se proteger das moscas e, quem diria? Não tardou a ser invadido por uma voluptuosa sonolência. Aos poucos, o retinir dos talheres lavados e guardados na copa se tornava irreal, e Maigret, entorpecido, escapava ao domínio obsedante do seu morto. Em que momento exato ele percebeu como que o ruído de duas detonações? Elas não chegaram a arrancá-lo de todo do seu torpor, porque em seguida um sonho se esboçou no seu espírito, explicando esses sons intempestivos. ...Ele estava sentado no terraço do hotel. Tiburce de Saint-Hilaire passou vestindo um traje verde-garrafa, seguido de uma dúzia de cães de orelhas compridas...

— O senhor me perguntou outro dia se há caça por aqui, não foi? Ele disse. ...Com o fuzil que trazia ao ombro, atirou ao acaso e caíram um monte de perdizes como se fossem folhas mortas...

— Comissário!... Depressa! Ele teve um sobressalto, viu uma empregada do hotel à sua frente.

— Foi no quarto!... Tiros...

O comissário se envergonhou de se sentir tão pesado. Pessoas já corriam no hotel, e ele não foi dos primeiros a chegar ao quarto de Gallet, onde viu Moers de pé junto à mesa, com as duas mãos sobre o rosto.

— Que todo mundo saia! Ordenou.

— Chamo um médico? Perguntou o Sr. Tardivon. — Há sangue... Olhe!

— Sim, vá chamar! Fechada a porta, ele se dirigiu até o jovem da Identidade Judiciária. Sentia remorsos.

— O que houve, meu rapaz? E viu que havia, de fato, sangue, sangue por todo lado! Nas mãos, nos ombros de Moers, nas placas de vidro e no chão.

— Não foi grave, comissário... A orelha... Veja...

Soltou por um instante o lobo da orelha e logo o sangue esguichou. Moers estava lívido. No entanto, tentava sorrir e sobretudo conter o movimento convulsivo do seu maxilar. A cortina continuava abaixada, atenuando a luz do sol, dando um tom alaranjado à atmosfera do quarto.

— Não é perigoso, é?... Não há nada pior para sangrar do que uma orelha...

— Calma!... Respire com calma. Pois o flamengo mal conseguia falar, de tanto que seus dentes se chocavam.

— Eu não deveria ficar nesse estado... Mas não estou habituado!... Tinha acabado de me levantar para pegar novas placas... Ele tamponou a orelha ferida com o lenço ensanguentado, apoiou a outra mão na mesa. — Veja, eu estava exatamente neste lugar... Ouvei uma detonação. Juro que senti o deslocamento de ar de uma bala, que passou tão perto dos meus olhos que achei que meu pincenê fora arrancado... Joguei-me para trás... E logo em seguida, após o primeiro tiro, houve um segundo. Pensei que eu estava morto... Havia um zumbido na minha cabeça, como se o meu cérebro começasse a ferver...

Ele sorriu com menos constrangimento.

— Está vendo? Não foi nada. Um pedacinho da orelha arrancado... Eu devia ter corrido até a janela. Mas não consegui me mexer. Achei que outras balas iam ser disparadas. Eu não sabia o que era, até agora, uma bala.

Precisou se sentar. Por uma espécie de choque retardado, de medo retrospectivo, suas pernas amoleceram.

— Não se preocupe comigo... Procure-o... Gotas de suor começaram a escorrer da sua testa, e Maigret compreendeu que ele desmaiava. Correu até a porta.

— Pode se ocupar dele, Sr. Tardivon?... E o médico?

— Não está em casa. Mas este senhor aqui, um dos meus hóspedes, é enfermeiro na Santa Casa.

Maigret afastou a cortina e transpôs a janela, ao mesmo tempo em que punha maquinalmente o cachimbo vazio na boca. O caminho das urtigas estava deserto, uma metade à sombra, a outra vibrando de luz e calor. Ao fundo, o portão estava fechado. No muro branco, em frente ao quarto, o comissário nada observou de anormal. Quanto a pegadas no chão, era inútil procurá-las nas ervas secas; elas não conservavam vestígios, assim como nos lugares onde o solo nu era muito pedregoso. Ele caminhou em direção ao rio. Umas vinte pessoas estavam reunidas, hesitando em avançar.

— Algum de vocês estava no terraço quando atiraram? Várias vezes disseram: “Eu!”. Alguns, satisfeitos, se aproximaram. — Viu alguém entrar nesse caminho?

— Ninguém! Há uma hora, pelo menos. Não saí daqui, disse um homenzinho magro, de camisa multicolorida... — Vá para junto da sua mãe, Charlot!... Eu estava aqui, comissário... Se o assassino tivesse entrado no caminho das urtigas, fatalmente eu o teria visto.

— Ouvia os tiros?

— Como todo mundo. Achei que estavam caçando na propriedade vizinha... Cheguei a dar alguns passos...

— E não viu ninguém no caminho?

— Ninguém.

— Evidentemente não olhou atrás de cada tronco de árvore...

Maigret fez isso rapidamente, por descargo de consciência, depois se dirigiu até a entrada principal do pequeno castelo. O

jardineiro empurrava numa aleia um carrinho de mão com cascalho.

— Ele não está?

— Deve estar na casa do tabelião... É a hora em que eles jogam sua partida de cartas.

— Você o viu sair?

— Como estou vendo o senhor! Há uma hora e meia, mais ou menos.

— E não encontrou ninguém no jardim?

— Ninguém... Por quê?

— Onde você estava há dez minutos?

— À beira do laguinho, carregando o carrinho de mão.

Maigret olhou-o bem nos olhos. O homem parecia sincero. Além do mais, era muito sonso para saber mentir. Sem se preocupar com ele, o comissário foi até o barril encostado contra o muro, mas não descobriu nenhum indício da passagem do assassino. Examinou o portão enferrujado sem mais sorte. Não parecia ter sido aberto depois que ele mesmo o abrira de manhã. “No entanto, foram dados dois tiros!”. No hotel as pessoas haviam voltado a se sentar, mas a conversa era geral.

— Nada de grave! Disse o Sr. Tardivon, que veio ao encontro do comissário. — Fiquei sabendo que o doutor está na casa do tabelião Petit. Devo mandar chamá-lo?

— Onde é a casa do tabelião?

— Na praça, ao lado do Hotel du Commerce.

— De quem é esta bicicleta?

— Não sei. Mas pode usá-la. O senhor mesmo vai até lá?

Maigret montou na bicicleta, muito pequena para ele, as molas do assento rangeram. Cinco minutos mais tarde, acionava um sino numa casa ampla, limpa e fresca, onde uma velha doméstica de avental de quadradinhos azuis o olhou através de um postigo.

— O doutor está?

— Quem deseja vê-lo? Mas uma janela entreaberta se abriu de vez e um homem jovial, com cartas na mão, se inclinou:

— É a mulher do guarda?... Já estou indo.

— Um ferido, doutor. Poderia ir imediatamente ao Hotel de la Loire?

— Espero que não se trate de mais um crime... Três outros personagens, reunidos em volta de uma mesa onde brilhavam copos de cristal, se levantaram. Maigret reconheceu Saint-Hilaire.

— Um crime, sim... Venha depressa!...

— Morto?

— Não. Mas leve material para um curativo... Maigret não tirava os olhos de Saint-Hilaire. Percebeu que o proprietário do pequeno castelo estava muito perturbado.

— Uma pergunta, senhores...

— Um instante! Interveio o tabelião. — Por que não o faz entrar? A empregada, que havia esperado, abriu enfim a porta. O comissário atravessou o corredor e entrou na sala onde reinava um cheiro bom de charuto e de conhaque.

— O que aconteceu? Perguntou o dono da casa, que era um senhor de aparência bem cuidada, cabelos sedosos e pele branca como a de um bebê. Maigret fingiu não ter escutado.

— Eu gostaria de saber, senhores, há quanto tempo estão jogando. O tabelião lançou um olhar ao relógio de pêndulo.

— Cerca de uma hora.

— Nenhum dos senhores deixou esta peça desde então? Eles se olharam com espanto.

— Não. Somos apenas quatro... O número necessário para o bridge.

— Tem certeza absoluta? Saint-Hilaire estava vermelho como carmim.

— Quem é a vítima? Ele perguntou, com a garganta seca.

— Um empregado da Identidade Judiciária que trabalhava no quarto de Émile Gallet... Ele se ocupava precisamente de um certo Sr. Jacob...

— Sr. Jacob... Repetiu o tabelião.

— Conhece alguém com esse nome?

— Não... Deve ser um judeu...

— Tenho um favor a lhe pedir, Sr. de Saint-Hilaire. Gostaria que fizesse o impossível para encontrar a chave do portão... Se precisar, posso lhe ceder inspetores para vasculhar a casa... O gesto do castelão, que tomou num trago a bebida no seu copo, não escapou a Maigret. — Desculpem-me por tê-los incomodado, senhores.

— Não quer tomar um trago conosco, comissário?

— Noutra ocasião... Obrigado. Tornou a partir de bicicleta, virou à esquerda e logo chegou diante de uma casa em mau estado, em cujo letreiro mal se conseguia ler: Pensão Germain.

— A Srta. Boursang está? Uma mulher, com um bebê nos braços, chegou do fundo de uma peça.

— Ela saiu, como faz toda tarde. Mas o senhor certamente a encontrará na colina, perto do velho castelo, pois ela levou um livro e é o seu lugar favorito.

— Esse caminho vai até lá?

— Vire à direita depois da última casa. Na metade da encosta, ele precisou desmontar e empurrar a bicicleta. Estava mais febril do que gostaria de estar, talvez porque, mais uma vez, tinha a impressão de seguir uma pista falsa.

— Não foi Saint-Hilaire que atirou, isso é certo. No entanto...

O caminho que ele seguia atravessava uma espécie de jardim público. À esquerda, num terreno em declive, uma menina estava sentada perto de três cabras presas por uma corda em estacas.

O caminho fazia uma curva brusca e, logo acima, a cem metros, Maigret viu Éléonore instalada num banco, com um livro na mão. Ele chamou a menina, que devia ter uns doze anos.

- Conhece a senhora que está sentada lá em cima?
— Sim, senhor.
— Ela vem seguidamente ler naquele banco?
— Sim, senhor.
— Todos os dias?
— Acho que sim, senhor. Mas, quando vou à escola, não a vejo...
— A que horas você chegou hoje?
— Já faz tempo, senhor. Vim logo depois do almoço.
— E onde você mora?
— Naquela casa lá embaixo... Ficava a meio quilômetro. Era uma casa baixa, numa granja.
— A senhora já estava lá?
— Não, senhor.
— Quando ela chegou?
— Não sei, senhor. Acho que há duas horas...
— E ela não saiu dali?
— Não, senhor.
— Não passou pela estrada?
— Não, senhor.
— Ela tem uma bicicleta?
— Não, senhor.

Maigret tirou uma moeda de dois francos do bolso e pôs na mão da menina, que apertou os dedos sem olhar para ela e permaneceu imóvel no meio do caminho, de olhos voltados para ele, que voltou a montar na bicicleta e se dirigiu para o vilarejo. Ele parou na agência dos Correios, redigiu um telegrama para Paris:

Desejo saber com urgência onde estava Henry Gallet sábado quinze horas. Maigret. Sancerre.

- Deixe isso, meu rapaz!

— O senhor mesmo me disse que era urgente, comissário. E já não sinto mais nada!

Bravo Moers! O médico lhe fizera um curativo tão complicado e tão espesso como se tivesse recebido seis balas na cabeça. E o pincenê de vidros cintilantes tinha um aspecto cômico no meio de todas aquelas bandagens brancas.

Até as sete da noite, Maigret não se inquietou com ele, sabendo que o ferimento era sem gravidade, e agora o via no mesmo lugar que de manhã, diante de suas placas de vidro, sua vela e seu fogareiro a álcool.

— Não descobri mais nada sobre o Sr. Jacob. Mas acabo de reconstituir uma carta, assinada Clément, endereçada a não sei quem e que fala de um presente a oferecer a um príncipe exilado... Há duas vezes a palavra óbolo e uma vez a palavra lealdade...

— De interesse secundário.

Pois isso se relacionava evidentemente às vigarices de Gallet. O exame da pasta rosa havia informado Maigret a esse respeito, bem como alguns telefonemas dados a donos de castelo do Berry e do Cher. Numa época imprecisa, três ou quatro anos após seu casamento, talvez, um ano ou dois após a morte do seu sogro, Émile Gallet decidira se servir da velha papelada do Soleil, da qual era o herdeiro. Com uma tiragem de poucos exemplares, reservados quase exclusivamente a raros assinantes, o jornal, dirigido por Préjean, mantinha em alguns fidalgos do campo a esperança de ver um Bourbon retomar o trono da França.

Maigret havia folheado a coleção do Soleil e observado que uma meia página era sempre reservada a listas de subscrição, ora em favor de uma velha família fiel, ora para os fundos de propaganda, ora ainda para permitir festejar dignamente um aniversário. É o que deve ter dado a Gallet a ideia de tirar proveito dos legitimistas. Ele tinha seus endereços,

sabia mesmo, por essas listas, em que proporção podia lhes pedir dinheiro e a que sentimento devia recorrer para cada um em particular.

— É a mesma escrita que encontrou nos outros papéis?

— A mesma... Meu mestre, o professor Locard, lhe diria ainda mais. Escrita calma, aplicada, no entanto com sinais de febre e de desânimo no final das palavras... Um grafólogo afirmaria sem hesitar que o homem que escreveu essas cartas estava doente e sabia disso.

— Claro!... É o suficiente, Moers... Pode descansar. Maigret fixou dois buracos na cortina, os dois buracos feitos pelas balas. — Volte por um momento ao lugar onde estava há pouco... Ele reconstituiu a trajetória, sem dificuldade. — O mesmo ângulo, concluiu. — Atiraram do mesmo lugar, no alto do muro... Mas que barulho é esse?

Levantou a cortina e viu no caminho das urtigas o jardineiro, que passava um ancinho entre as ervas altas.

— Que está fazendo? Perguntou-lhe Maigret.

— Meu patrão me disse para...

— ...Para procurar a chave?

— Isso mesmo!

— E foi ele que o enviou a esse lugar?

— Ele também está procurando, no jardim... A cozinheira e o mordomo vasculham a casa... Maigret baixou a cortina com um gesto brusco e, de novo isolado em companhia de Moers, observou:

— Quer saber, meu velho?... Aposto que ele vai encontrar a chave!

— Que chave?

— Pouco importa!... Seria demorado demais para explicar... A que horas você baixou o estore?

— Assim que cheguei, por volta de uma e meia da tarde...

— E não ouviu ruídos aí fora?

— Não prestei atenção. Estava muito concentrado, pois o trabalho que eu fazia, embora pareça idiota, é na realidade muito delicado.

— Entendo, entendo!... Na verdade, a quem foi que falei do Sr. Jacob? Ao jardineiro, eu acho... E Saint-Hilaire, que saíra para pescar, voltou para o almoço, se vestiu e foi jogar sua partida de cartas... Tem certeza de que todos os outros papéis carbonizados foram escritos à mão pelo Sr. Clément?

— Certeza absoluta!

— Então não interessa. A única coisa que conta é a carta assinada pelo Sr. Jacob que fala de numerário, de segunda-feira, e que parece reclamar vinte mil francos para essa data, ameaçando de prisão o destinatário. O crime aconteceu no sábado... Às vezes o ancinho, do lado de fora, batia numa pedra. — Não foi nem Éléonore nem Saint-Hilaire que atiraram, mas...

— Achei! Ouviu-se de repente a voz do jardineiro. Maigret sorriu com orgulho, foi levantar a cortina.

— Me dê! Falou, estendendo a mão.

— Não esperava encontrá-la aqui...

— Vamos, me dê! Era uma chave enorme, de um modelo que não se encontraria noutro lugar a não ser em antiquários. Como a fechadura, estava enferrujada e tinha alguns arranhões.

— Diga apenas a seu patrão que você a entregou a mim... Vá!

— Mas é que...

— Vá! E Maigret baixou a cortina, lançou a chave em cima da mesa. — A gente poderia dizer que, descontada sua orelha, a jornada foi magnífica, não é verdade, Moers?... Sr. Jacob!... A chave!... Os dois tiros e todo o resto!... Pois bem...

— Um telegrama! Anunciou o Sr. Tardivon.

— Que foi que eu lhe disse, meu velho? Completou o comissário, após dar uma espiada no telegrama. — Em vez de avançar, a gente recua. Escute isto: Às quinze horas, Henry Gallet estava na casa de sua mãe, em Saint-Fargeau. Continuava lá às dezoito horas.

— E então?

— Então nada! Resta apenas o Sr. Jacob para ter atirado em você, e até agora esse Sr. Jacob é uma figura tão inconsistente quanto uma bolha de sabão.

* * *

Oito

Sr. Jacob

— Espere um momento, Aurore! Não convém você se mostrar nesse estado... E uma voz confusa respondeu:

— Estou exausta, Françoise... Essa visita me faz pensar na outra, há oito dias... E na viagem que fiz... Você não compreende...

— O que não compreendo é que tenha a coragem de chorar um homem como esse, que a desonrou, que lhe mentiu a vida inteira e cuja única boa ação foi fazer um seguro de vida...

— Cale-se!...

— E mais! Um homem que reduziu você a uma vida quase miserável, jurando que ganhava só dois mil francos por mês. O seguro prova que ele ganhava pelo menos o dobro e que lhe escondia isso. É bem possível que ganhasse ainda mais! Quer saber? Em minha opinião esse homem tinha duas famílias, uma amante e talvez filhos com ela...

— Por favor, Françoise!

Maigret estava sozinho na sala da casa de Saint-Fargeau onde a empregada o introduzira, esquecendo de fechar a porta. E as vozes das duas mulheres lhe chegavam da copa, cuja porta, que dava para o corredor, estava igualmente entreaberta. Os móveis e os menores objetos haviam voltado a seu lugar e o comissário não pôde olhar a grande mesa de carvalho sem pensar que alguns dias antes, coberta de um pano preto, ela suportava um ataúde e velas. A atmosfera estava

cinzenta, o tempo carregado. Uma tempestade caíra durante a noite, mas se sentia a ameaça de mais chuva.

— Por que devo me calar? Acha que isso não me diz respeito? Sou sua irmã. Jacques está para obter um importante cargo político. Suponha que as pessoas fiquem sabendo que o cunhado dele era um vigarista!...

— Então por que veio até aqui? Ficou vinte anos sem...

— Sem ver você. É que eu não queria ver seu marido! Quando você quis se casar, não escondi minha opinião, Jacques tampouco!... Quando alguém se chama Aurore Préjean e tem um cunhado que dirige uma das mais importantes fábricas de curtume dos Vosges e um outro que um dia será chefe de gabinete de um ministro, não deve se casar com um Émile Gallet!... A começar pelo nome!... E caixeiro-viajante!... Não entendo como nosso pai pôde dar seu consentimento... Ou melhor, cá entre nós, adivinho o que se passou. No final da sua vida, papai só pensava numa coisa: publicar seu jornal, custasse o que custasse... Gallet tinha um pouco de dinheiro. E assim ele decidiu envolvê-lo no negócio do Soleil... Ouse dizer que não é verdade! Mas que você, minha irmã, que recebeu a mesma educação que eu e se assemelha à mamãe, tenha escolhido essa criatura nula... Não me olhe desse jeito! Quero apenas fazê-la compreender que não tem por que chorar... Acaso foi feliz com ele?... Francamente!...

— Não sei, não sei mais...

— Confesse que tinha mais ambição do que isso!

— Sempre esperei que ele tentasse alguma coisa... Eu o instigava...

— Era como instigar uma pedra! E você se resignou!... Não sabia sequer que não ficaria na miséria quando ele morresse. Pois, sem o seguro...

— Ele pensou em mim! Disse lentamente a Sra. Gallet.

— Só faltava essa! Quem a ouve acabaria por acreditar que você o amava...

— Cale-se... O comissário pode estar nos ouvindo... Preciso recebê-lo...

— Como ele é? Eu a acompanho. No estado em que se encontra, isso é melhor... Mas por favor, Aurore, não fique com esse ar abatido! O comissário vai imaginar que você era cúmplice dele, que está triste, que está com medo...

Maigret teve apenas o tempo de dar um passo atrás. As duas mulheres entraram pela porta, mas não exatamente como, através da conversa que acabava de surpreender, as imaginara. A Sra. Gallet estava quase tão distante como por ocasião do primeiro encontro deles. Quanto à irmã, dois ou três anos mais moça, de cabelos oxigenados e rosto maquiado, dava a impressão de ter mais vigor e pretensão.

— Tem novidades, comissário? Perguntou a viúva, com lassidão.
— Sente-se, tenha a bondade... Apresento-lhe minha irmã, que chegou ontem de Épinal.

— Onde seu marido é curtidor de peles, eu acho.

— Proprietário de curtumes! Retificou Françoise, com uma voz seca.

— A senhora não estava no enterro, não é mesmo? E há três dias os jornais anunciaram que Gallet deixou um seguro de vida no valor de trezentos mil francos...

Ele falava devagar, olhando à direita e à esquerda de um jeito aparentemente sonso. Viera a Saint-Fargeau sem um motivo preciso, para farejar de novo a atmosfera e definir melhor a imagem do morto. Mas não teria se incomodado de reencontrar Henry Gallet.

— Gostaria de lhe fazer uma pergunta, falou, sem se virar para as duas mulheres. — Seu marido devia saber que, ao se casar com ele, seria banida por sua família... Foi Françoise que respondeu.

— Isso é falso, comissário! Nos primeiros tempos nós o acolhemos. Várias vezes, inclusive, meu marido o aconselhou a buscar uma outra situação, propôs ajudá-lo... Foi só quando vimos que ele seria a vida

inteira um ser subalterno, incapaz de esforço, que passamos a evitá-lo. Ele teria nos prejudicado...

— E a senhora? Perguntou docemente Maigret, se voltando para a Sra. Gallet. — A senhora o instigava a mudar de profissão? Fazia-lhe recriminações?

— Penso que isso pertence ao domínio da vida privada. Era o meu direito, não?

Quando a ouvia pouco antes através da porta, Maigret chegou a imaginar uma mulher que a dor tornava mais humana e que abandonava aquele ar de dignidade e de desdém, um ar que percebeu no primeiro dia e que agora reencontrava.

— Seu filho se dava bem com o pai? A irmã voltou a intervir.

— Henry, sim, chegará a alguma coisa! É um Préjean, embora fisicamente se pareça com o pai. E fez bem em abandonar essa atmosfera quando teve idade para isso... Ele já voltou a seu trabalho, apesar da crise de fígado da noite passada... Maigret olhava a mesa, tentava situar Émile Gallet num lugar qualquer da sala, mas não conseguia, talvez porque os moradores da casa só pusessem os pés ali quando recebiam alguém. — Tinha alguma comunicação a me fazer, comissário?

— Não... Já estou indo, senhoras, me desculpem por tê-las perturbado... No entanto... Sim, uma pergunta: teria uma foto que mostra seu marido na Indochina? Ele viveu lá antes do casamento, não é?

— Não tenho fotografia... Meu marido quase nunca falava desse período da sua vida.

— Sabe que estudos ele fez?

— Era muito instruído. Lembro que conversava seguidamente com meu pai sobre autores latinos.

— Mas não sabe em que colégio passou a juventude?

— Tudo que sei é que nasceu em Nantes.

— Eu lhe agradeço. E peço desculpas, mais uma vez. Foi pegar o chapéu no corredor e se afastou andando de costas, sem poder definir a angústia imprecisa que sentia toda vez que colocava os pés na casa.

— Espero que o meu nome não seja dado à curiosidade dos jornais, comissário! Pronunciou Françoise, num tom de voz não desprovido de impertinência. — Talvez saiba que meu marido é conselheiro-geral. Ele tem muita influência nos meios governamentais e, como o senhor é funcionário...

Ele não teve coragem de replicar. Limitou-se a olhar para ela no meio da testa, para então se despedir, suspirando. Quando atravessava o minúsculo jardim, escoltado pela empregada de olhos estrábicos, balbuciou, pensativo:

— Meu pobre Gallet!...

Passou no Quai des Orfèvres apenas para pegar a correspondência, que não continha nada relativo ao caso. Ao sair, se dirigiu, sem muita expectativa, até o setor de balística que havia examinado a bala retirada do crânio do morto, bem como as duas balas cujo alvo fora Moers.

— Terminou a perícia?

— Sim, há pouco. Eu ia redigir o relatório. As três balas foram disparadas pela mesma arma, não há dúvida alguma. Um revólver automático de precisão, de modelo corrente, provavelmente vindo da fábrica nacional de Herstal. Maigret estava tristonho. Despediu-se do perito de armas, pegou um táxi.

— Rue Clignancourt...

— Que número?

— Deixe-me numa das pontas da rua, não importa qual!

No caminho fez um esforço para afastar a lembrança viscosa da casa de Saint-Fargeau, para não ser dominado pela conversa das duas irmãs, a fim de examinar apenas os dados positivos do problema. Mas,

assim que encadeava algumas ideias simples, tornava a ver aquela Françoise, cujo marido era conselheiro-geral, ela fizera questão de dizer! E que fora até Les Marguerites ao ficar sabendo que a Sra. Gallet receberia trezentos mil francos do seguro.

— Ele prejudicava a família... E, no começo do casamento, Émile Gallet fora pressionado a pôr na cabeça que devia honrar os Préjean, como os outros genros. Um representante comercial de artigos para presentes!... — E ele teve a coragem de fazer um seguro de vida, de pagar o prêmio durante cinco anos! Extasiou-se Maigret, perturbado, atraído e repellido, ao mesmo tempo, pela fisionomia complexa do seu morto. — Então ele amava sua mulher, que deve ter lhe reprovado mais de uma vez, ela também, a humildade da sua condição? Casal estranho! Vidas estranhas! Por um instante Maigret não havia sentido, apesar de tudo, uma real afeição na Sra. Gallet?

Através da porta, é verdade! Quando compareceu diante dele, isso já havia passado. Ela voltou a ser a pequeno-burguesa desagradável e pretensiosa que o acolhera da primeira vez e que era bem a irmã de Françoise. E esse Henry, que já na primeira comunhão tinha um olhar oblíquo, refletido, desconfiado, e que aos 22 anos não se casou com Éléonore por receio de perder o benefício que ela podia obter do primeiro marido! Ele tivera uma crise hepática e mesmo assim retomara seu trabalho. Começou a chover. O motorista estacionou o carro junto à calçada.

— As três balas saíram do mesmo revólver. Donde se conclui, parece, que foram disparadas pela mesma pessoa. Mas nem Henry, nem Éléonore, nem Saint-Hilaire podem ter sido os autores dos últimos dois tiros! Um vagabundo também não! Um vagabundo não mata por matar. Ele rouba. E nada fora roubado.

O inquérito, girando em volta da figura opaca e melancólica do morto, marcava passo e se tornava cansativo, e foi com mau humor que

Maigret entrou na primeira portaria da Rue Clignancourt.

— Conhece um Sr. Jacob?

— O que ele faz?

— Não sei. Em todo caso, recebe cartas com esse nome...

A chuva continuava caindo, regular, abundante, mas o comissário não se importava muito porque essa atmosfera, a rua populosa, com lojas pequenas e construções pobres, se harmonizava mais com seu estado de espírito. Essas peregrinações de casa em casa poderiam ter sido confiadas a um subalterno qualquer, mas Maigret sentia uma repugnância, sem saber mesmo por que, em envolver um colega nesse caso.

— Sr. Jacob?...

— Não mora aqui. Veja ao lado, onde há judeus... Já havia percorrido uns cem prédios, colocando a cabeça nos guichês envidraçados das portarias, quando uma mulher gorda, de cabelos desalinhados, o olhou com um ar suspeito.

— O que quer com ele, com o Sr. Jacob?... O senhor é da polícia, não?

— Sim, Brigada Móvel. Ele está?

— Não queria que ele estivesse a esta hora, queria?

— Onde posso encontrá-lo?

— No seu trabalho, ora! Na esquina da Rue Clignancourt com o Boulevard Rochechouart... Mas não vai aborrecê-lo, vai?... Um pobre velho que certamente nada fez de mal... É porque ele não tem autorização?

— Ele recebe muitas cartas? A zeladora franziu as sobrancelhas.

— Então é por isso! Ela disse. — Eu desconfiava de que era uma história estranha. O senhor já deve saber, como eu, que ele recebia apenas uma correspondência a cada dois ou três meses...

— Registrada?

— Não. Era mais um pacotinho do que uma carta.

— Com notas de dinheiro, não é mesmo?
— Não sei de nada! Ela replicou, secamente.
— Sabe, sim. Deve ter apalpado os envelopes e também imaginou que era dinheiro...
— E daí?... Não era o Sr. Jacob que saía a gastar esse dinheiro!
— Onde é o apartamento dele?
— Está querendo dizer sua mansarda? Logo acima! E mesmo assim ele tem dificuldade de subir, todas as noites, com as muletas...
— Alguém veio alguma vez procurá-lo?
— Há uns três anos, talvez... Um senhor de barbicha que parecia um padre à paisana. Respondi do mesmo modo que estou lhe falando agora.
— O Sr. Jacob já recebia cartas?
— Tinha acabado de receber uma.
— Esse homem usava uma casaca?
— Estava vestido de preto, como um padre!
— O Sr. Jacob recebe outras visitas?
— Só a filha, que é empregada num apartamento da Rue Lepic e que vai ter um filho...
— Qual é a profissão dele?
— Como? O senhor é da polícia e não sabe? Está querendo gozar da minha cara? O Sr. Jacob é o mais velho vendedor de jornais do bairro, tão conhecido como o tal do Matusalém!...

Maigret parou na esquina da Rue Clignancourt e do Boulevard Rochechouart, diante de um bar chamado Au Couchant. Na ponta do terraço havia um vendedor de amendoins e amêndoas grelhadas que, no inverno, devia vender castanhas. Do lado da Clignancourt, um velhinho estava sentado num tamborete e repetia com uma voz rouca que se perdia no rumor da esquina:

— Intran... Liberté... Presse... aris-Soir... Intran...

Um par de muletas estava encostado contra o mostruário e, se um dos pés do homem estava calçado de couro, no outro havia apenas uma pantufa disforme. Ao ver o vendedor de jornais, Maigret compreendeu que Sr. Jacob não era um nome, mas um apelido, pois o velho tinha uma barba comprida, dividida em duas mechas pontudas, e um nariz bico de papagaio parecido com os cachimbos chamados habitualmente de Jacob... O comissário lembrou algumas palavras da carta que Moers havia reconstituído: vinte mil... Numerário... Segunda-feira... E perguntou bruscamente, se inclinando sobre o velho:

— Recebeu a última remessa? O Sr. Jacob levantou a cabeça, abriu e fechou várias vezes suas pálpebras avermelhadas.

— Quem é você? Perguntou finalmente, enquanto estendia o Intransigent a um comprador e procurava o troco num cestinho de moedas.

— Polícia Judiciária!... Vamos conversar direitinho, senão serei forçado a levá-lo. O caso é grave... O Sr. Jacob lançou um jato de saliva na calçada.

— E aí?...

— Tem uma máquina de escrever? O velho riu, desta vez cuspiu uma ponta de cigarro mascado, do qual havia toda uma coleção à sua frente.

— Não há necessidade de bancar o esperto, ele falou. — O senhor sabe muito bem que não fui eu. O que não impede o fato de que teria sido melhor eu não ter me envolvido, pelo que isso me rende!

— Quanto?

— Ela me dava cinco francos por carta... Então, não é um caso sem importância?

— Um caso que pode levá-la ao tribunal.

— Não diga!... Então eram realmente notas de mil francos?... Eu não tinha certeza: apalpava os envelopes e fazia um ruído sedoso. Tentava ver por transparência, mas o papel era muito espesso...

— O que você fazia?

— Eu os trazia para cá. Não havia sequer necessidade de aviso. Por volta das cinco da tarde, via chegar uma senhora que me comprava o Intran, punha os cinco francos no cestinho de moedas e enfiava o envelope na bolsa.

— Uma morena?

— Não, loura! Puxando um pouco para o ruivo. E muito bem-vestida!... Ela saía do metrô...

— Quando ela lhe pediu pela primeira vez para fazer esse serviço?

— Há uns três anos... Deixe-me ver: minha filha tinha acabado de ter o primeiro filho e ia levá-lo a uma creche, em Villeneuve-Saint-Georges... Sim, faz pouco menos de três anos!... Era tarde. Eu estava recolhendo a mercadoria para colocá-la nas costas... Ela me perguntou se eu tinha um domicílio e se poderia ajudá-la... O senhor sabe, em Montmartre se vê todo tipo de gente... Tratava-se de receber cartas em meu nome, de não abri-las e de trazê-las aqui, à tarde...

— Foi você que fixou o preço de cinco francos?

— Foi ela... Observei, brincando, que o negócio valia mais, considerando o preço do vinho tinto, e ela fez menção de se dirigir ao vendedor de amendoins... Um argelino, gente que trabalha por nada!... Então eu disse sim...

— Sabe onde ela mora? O Sr. Jacob piscou um olho.

— Duvido que o senhor a pegue, embora seja da polícia. Já houve um que veio investigar, nos primeiros tempos. Minha zeladora lhe disse apenas que eu vendia jornais nesta esquina. Ela me descreveu como ele era e achei que fosse o pai da jovem senhora. Ele começou por andar ao redor, sem me falar, nos dias em que chegava um envelope. Olhe, ele se escondia ali, atrás daquela banca de frutas! Depois saía andando atrás dela... Mas não adiantou. Ele acabou por vir falar comigo e me ofereceu mil francos para que eu lhe desse o endereço da mulher. Não quis acreditar que eu não a conhecia mais do que ele. Parece que ela o fazia tomar não sei quantos ônibus e metrôs, para deixá-lo à porta de um prédio de duas saídas. Um sujeito estranho, aliás. Logo vi que não era o pai dela... Ele ainda tentou por mais duas vezes. Achei que devia avisar minha cliente e imagino que ela o fez andar alguns quilômetros à toa,

pois ele não apareceu mais. Pois bem, sabe o que isso me rendeu, em vez dos mil francos do sujeito? Uma nota de vinte francos! E ainda tive de provar que não tinha troco, caso contrário só receberia dez, e ela partiu resmungando alguma coisa de descortês que não compreendi... Uma finória! Mas sovina!...

— Quando chegou a última carta?

— Há uns três meses... O senhor deveria ficar um pouco mais ao lado, senão os fregueses não veem os jornais... É tudo o que queria saber? Admita que sou um cara legal e que não tentei enganá-lo.

Maigret lançou vinte francos no cestinho de moedas, esboçou uma vaga despedida e foi embora, com um ar pensativo. Ao passar diante da entrada do metrô, fez uma careta de aversão ao pensar em Éléonore Boursang se afastando com um envelope contendo algumas notas de mil francos, após ter dado cinco francos ao velho Jacob, tomando dez linhas de metrô e de ônibus, tranquilamente, e tendo ainda o cuidado de atravessar um prédio de duas saídas antes de voltar para casa.

Que relação isso podia ter com Émile Gallet retirando sua casaca e se obstinando em escalar um muro de três metros de altura? O Sr. Jacob, em quem Maigret pusera sua última esperança, se desvanecia. Não havia nenhum Sr. Jacob! Em vez dele, devia acreditar que um casal, Henry Gallet e Éléonore Boursang, surpreendera o segredo do pai e o chantageava? Éléonore e Henry que não o haviam matado! Saint-Hilaire tampouco o havia matado, a despeito de suas contradições, do portão aberto e da chave que ele mesmo lançou no caminho das urtigas e fez ser encontrada pelo jardineiro, depois que o comissário lhe declarou que era preciso a todo custo encontrá-la.

O que não impede que duas balas tenham sido disparadas na direção de Moers e que Émile Gallet, cuja cunhada dizia que prejudicava a família, tenha sido assassinado! Em Saint-Fargeau se consolavam falando mal dele, ressaltando a mediocridade de sua

personalidade e de sua vida, e considerando que sua morte, em suma, rendia trezentos mil francos!

Henry voltara naquela mesma manhã às suas aplicações financeiras no banco Sovrinos, fazendo valer seus cem mil francos de economias que haveriam de se tornar quinhentos mil, para lhe permitir viver no campo com Éléonore! Esta, enfim, que com toda a calma trocava o envelope do vendedor de jornais por uma moeda de cinco francos, espiava, em Sancerre, as diligências de Maigret e vinha, com a fronte serena, o olhar puro, contar sua vida ao comissário! E Saint-Hilaire jogava cartas na casa do tabelião! Émile Gallet era o único a não estar mais presente! Estava solidamente encerrado num caixão, com sua face destruída pela bala e triturada pelo médico-legista dos sete convidados, com seu coração perfurado e seus olhos cinzentos cujas pálpebras ninguém pensou em fechar!

— Última ala à esquerda, perto do monumento em mármore rosa do ex-prefeito, disse o guarda do cemitério.

E o agente funerário de Corbeil deve ter coçado a cabeça diante de uma encomenda que especificava: “Uma pedra muito simples, sóbria de linhas, de bom gosto, não muito cara mas distinta”. Maigret já tinha visto coisas estranhas, mas fez um esforço para pensar que uma mulher alta, de cabelos puxando para o ruivo, não era necessariamente Éléonore Boursang e que, mesmo se fosse ela a cliente do Sr. Jacob, nada provava que Henry seria seu cúmplice.

— O mais simples é mostrar o retrato dela ao velho! Foi a razão pela qual decidiu ir até a Rue de Turenne, onde tinha quase a certeza de encontrar uma fotografia de Éléonore no seu apartamento.

— A Sra. Boursang viajou. Mas o Sr. Henry está lá em cima, disse a zeladora.

Anoitecia. Maigret subiu a escada estreita esbarrando nas paredes, abriu sem bater a porta que lhe haviam indicado. Henry Gallet, inclinado sobre a mesa, amarrava um pacote bastante volumoso. Ele levou um susto, mas logo recuperou o sangue-frio ao reconhecer o comissário. Mas não conseguiu dizer nada. Seus dentes deviam doer de tão cerrados que estavam. A mudança que ocorrera nele em uma semana era espantosa. Tinha as faces encovadas, as maçãs do rosto salientes e, sobretudo, uma tonalidade escura e doentia na pele.

— Parece que teve uma terrível crise de fígado na noite passada! Disse Maigret, com uma ferocidade não premeditada. — Afaste-se!...

O pacote tinha a forma de uma máquina de escrever. O policial arrancou a embalagem, pegou uma folha em branco no bolso, datilografou algumas palavras ao acaso, retirou-a da máquina e a pôs de volta no bolso. Por um instante o ruído da máquina rompeu o silêncio no apartamento onde panos cobriam os móveis e onde, em função das férias, folhas de jornal haviam sido coladas às vidraças. Apoiado a uma cômoda, Henry olhava para o chão, com os nervos tão tensos que era penoso de ver. Implacável, pesado, Maigret prosseguiu sua tarefa, abriu as gavetas, remexeu o conteúdo delas. Acabou por achar um retrato de Éléonore. Então, prestes a partir, com o chapéu lançado para trás sobre a nuca e com a fotografia na mão, ele se deteve por um momento diante do jovem, examinando-o dos pés à cabeça.

— Nada tem a me dizer? Henry primeiro engoliu a saliva, depois falou:

— Nada!

Maigret teve o cuidado de só chegar à Rue Clignancourt, onde o Sr. Jacob estava como sempre instalado diante de seus jornais, uma hora mais tarde. Ele queria mais uma prova? Antes mesmo de se aproximar do velho, distinguiu o rosto longo e descolorido de Henry Gallet atrás da vidraça de um boteco. Um instante depois, o Sr. Jacob confirmava:

— É exatamente ela, não há dúvida. Ela foi pega!... Maigret foi embora sem dizer nada, lançou um olhar irritado ao boteco. Poderia entrar ali, lançar Henry numa nova crise hepática simplesmente lhe pondo a mão no ombro.

— Mas o fato é que eles não o mataram!

Meia hora depois entrou no prédio onde trabalhava sem cumprimentar ninguém, encontrou em cima da sua mesa uma carta do fiscal das contribuições indiretas de Nevers.

* * *

Nove

Um Casamento de Mentira

Se quiser se dar o trabalho de passar discretamente no meu domicílio particular, na Rue Creuse, 17, em Nevers, eu lhe darei sobre Émile Gallet informações do seu mais alto interesse.

Maigret estava na Rue Creuse. Tinha à sua frente, numa sala em vermelho e negro, o fiscal das contribuições indiretas, que havia ele próprio o introduzido ali com ares de conspirador.

— Dispensei a empregada. O senhor entende, é melhor! E, para os que podem tê-lo visto entrar, o senhor é o meu primo de Beaucaire...

Ele parecia lançar olhares a Maigret para enfatizar cada uma de suas palavras. Só que em vez de fechar um olho, fechava os dois, muito rápido, o que dava a impressão de ser um tique nervoso.

— O senhor é também um veterano das colônias?... Não... Achei que fosse... Uma pena, pois teria compreendido melhor...

As pálpebras piscavam sem parar, enquanto a voz se tornava cada vez mais confidencial e a expressão fisionômica era ao mesmo tempo maliciosa e assustada.

— Passei dez anos na Indochina, no tempo em que Saigon ainda não tinha grandes avenidas como Paris. Foi lá que conheci Gallet... E o que me chamou a atenção foi a facada... O senhor logo verá por quê. Aposto que não descobriu nada!... E não vai descobrir, porque é uma história que só um veterano das colônias pode compreender. E mais: um veterano que assistiu à coisa... Maigret já havia catalogado o fiscal: sabia que com esse tipo de homem é preciso paciência, evitar interromper, aprovar com a cabeça, o que é também o único meio de ganhar tempo. — Uma figura, o nosso Gallet!... Era uma espécie de secretário de um advogado que depois acabou senador... Adorava esportes, tinha a ideia de formar uma equipe de futebol. Ele nos arregimentou à força, mas, afinal, não havia outra equipe para servir de adversário... E gostava ainda mais de mulheres do que de futebol!... E lá, ocasiões não faltam... Um companheiro!... As cantadas que sabia dar... O senhor me dá licença?

Dirigiu-se na ponta dos pés até a porta, abriu-a bruscamente para se certificar de que não havia ninguém ouvindo.

— Pois bem... Certa vez ele foi longe demais e não me orgulho de ter desempenhado, sem entusiasmo, aliás, o papel de cúmplice... Um fazendeiro havia importado uns duzentos ou trezentos trabalhadores malaios, entre os quais mulheres e crianças. Uma delas, uma mocinha que parecia esculpida no âmbar... Não lembro mais seu nome... Mas lembro que eu terminava de ler um livro de Stevenson sobre os indígenas do Pacífico e que falei disso a Gallet. Se trata de um branco que, para conquistar uma indígena resistente, organiza um falso casamento. E não é que Émile se entusiasma? Naquele tempo os malaios ainda não sabiam ler, sobretudo os pobres coitados que eram transportados como animais de carga... Gallet decide então fazer seu pedido ao pai da moça. Veste sua futura família com roupas ridículas, forma todo um cortejo que se dirige a uma casinha que já havíamos preparado. O cupincha que se fingiu de prefeito já morreu, mas poderia encontrar outros que participaram da farsa. Pois Gallet era um farsante

danado!... Não negligenciou nada para que a comédia fosse completa. Os discursos eram de rolar de rir e a certidão de casamento, entregue solenemente à noiva, totalmente sem pé nem cabeça... Uma enorme piada, que escarnecia da família, das testemunhas e do resto...

O fiscal se calou por um momento, o tempo de dar mais seriedade a seu rosto.

— Pois bem, Gallet viveu com ela, como marido e mulher, durante três ou quatro meses. Depois voltou à França e, obviamente, deixou lá sua falsa esposa. Ainda éramos jovens. Caso contrário não teríamos nos divertido tanto, pois os malaios não perdoam... O senhor não os conhece, comissário. A moça ficou esperando a volta do marido. Não sei o que aconteceu a ela a seguir, mas, passados alguns anos, voltei a encontrá-la, envelhecida, num bairro miserável de Saigon. Quando li o nome de Gallet no jornal de Nevers... E observe que havia 25 anos que eu não o revia! Não tinha mais sequer ouvido falar dele. Bastou saber da facada... O senhor adivinha agora?... Uma vingança, é claro! Aqueles malaios dariam a volta ao mundo para se vingar. E costumam usar um punhal! Suponhamos um irmão ou mesmo um filho da mulher. Mais civilizado, ele começou por se servir de um revólver, por ser prático. Depois o instinto prevaleceu...

Maigret, com um olhar tristonho, esperava, escutando com um ouvido distraído esse palavreado que era inútil interromper. Geralmente, num caso criminal, há cem testemunhas do tipo desse fiscal. Se desta vez havia se apresentado somente uma, é porque os jornais de Paris relataram o drama em poucas linhas.

— Está percebendo, comissário? O senhor não teria adivinhado, hein?... Preferi lhe pedir que viesse aqui, pois, se o assassino souber que falei...

— Você disse que Gallet jogava futebol?

— Um jogador endiabrado! E um divertido pândego!... O companheiro mais engraçado que é possível encontrar... Era capaz de contar histórias cômicas durante uma noite inteira sem nos dar um instante de folga.

— Por que ele deixou a Indochina?

— Dizia que tinha um projeto e que não havia nascido para viver com menos de cem mil francos de renda... Isso foi antes da guerra... Cem mil francos de renda, veja só!... Rimos dele, mas ele permaneceu sério como um papa. “Ainda hão de ver!”. Brincou. E ele conseguiu seus cem mil francos, não é verdade?... Quanto a mim, foram as febres que me expulsaram da Ásia. Ainda hoje tenho minhas crises... Quer beber alguma coisa, comissário? Eu mesmo lhe servirei, pois dispensei a empregada por toda a tarde...

Não, Maigret não estava disposto a beber coisa alguma, nem a suportar ainda mais os olhares ingênuos do fiscal entusiasmado por sua história de vingador malaio! Pôde apenas agradecer, sorrir, um sorriso pálido de cortesia.

Duas horas mais tarde, descia do trem na estação de Tracy-Sancerre, onde já tinha seus hábitos. E, enquanto seguia o caminho até o Hotel de la Loire, falava consigo mesmo:

— Suponhamos que hoje é sábado, 25 de junho... Sou Émile Gallet... O calor é sufocante, meu fígado me faz sofrer... E tenho no bolso uma carta do Sr. Jacob que ameaça revelar tudo à polícia se eu não lhe enviar na segunda-feira vinte mil francos... Os legitimistas nunca me dão vinte mil francos de uma só vez. A média das quantias que é possível arrecadar oscila entre duzentos e seiscentos francos. Raramente mil! No Hotel de la Loire, peço um quarto voltado para o pátio... Por que para o pátio?... É porque tenho medo de ser assassinado?... Por quem?...

Ele caminhava de cabeça baixa, a passos lentos, fazia um verdadeiro esforço para se colocar na pele do morto. — Será que sei quem é, na realidade, o Sr. Jacob? Há três anos ele me chantageia, há três anos venho pagando... Interroguei o vendedor de jornais na esquina da Rue Clignancourt. Segui uma mulher louca que me deixou perdido diante de um prédio com duas saídas... Impossível suspeitar de Henry, cujo caso amoroso ignoro. E também ignoro que ele já juntou cem mil francos, mas que precisa de quinhentos mil para ir viver no sul da França... O Sr. Jacob, portanto, continua sendo uma terrível entidade escondida atrás da figura do velho jornalista... Esboçou um gesto parecido ao de um professor que passa o apagador sobre um problema escrito no quadro-negro.

Ele gostaria de esquecer todos os dados, de recomeçar o inquérito desde o início.

— Émile Gallet era um divertido pândego! E forçava seus colegas a formar uma equipe de futebol...

Passou na frente do hotel sem entrar, foi tocar a campainha no portão principal da propriedade Saint-Hilaire. O Sr. Tardivon, que estava na entrada do hotel e a quem Maigret não cumprimentou, o seguiu com um olhar de reprovação. O comissário precisou esperar bastante tempo na rua. Por fim um mordomo veio abrir o portão, e Maigret lhe perguntou bruscamente:

— Há quanto tempo está na casa?

— Um ano... Mas... É o Sr. de Saint-Hilaire que deseja ver? Este, de uma janela do andar de baixo, dirigiu um sinal amistoso a Maigret.

— E então?... A chave?... Afinal a descobrimos!... Quer entrar um momento?... E o inquérito?

— Desde quando o jardineiro está a seu serviço?

— Três ou quatro anos... Não quer entrar? O dono do castelo notou a mudança que se produzira em Maigret, que tinha as feições

duras, o cenho franzido e, no olhar, uma expressão inquietante de irritação e cansaço. — Mando trazer uma garrafa e...

— O que foi feito do antigo jardineiro?

— Tem um boteco, a um quilômetro daqui, na estrada de Saint-Thibaud... Um velho canalha, que fez o pé-de-meia em minha casa antes de se instalar por conta própria...

— Obrigado.

— Já vai?

— Voltarei... Disse isso quase sem pensar e, preocupado, caminhou de volta ao portão e se afastou na direção da estrada principal. — Eram necessários vinte mil francos de imediato!... Ele não buscou obter essa quantia entre suas vítimas habituais, isto é, os donos de castelo dos arredores... Visitou apenas Saint-Hilaire... Duas vezes no mesmo dia!... Depois escalou o muro!... Interrompeu-se, praguejando. — Que droga! Mas por que então ele pediu um quarto voltado para o pátio?... Se o tivesse obtido, não teria podido subir no muro...

O boteco do ex-jardineiro ficava perto de uma eclusa do canal lateral do Loire e estava cheio de barqueiros.

— Uma informação, por favor... Polícia... É a propósito do crime de Sancerre... Lembra-se de ter visto Émile Gallet na casa do seu ex-patrão, no passado?

— Está se referindo ao Sr. Clément?... É assim que o chamávamos... Acho que o vi, sim!...

— Com frequência?

— Não se pode dizer... Digamos a cada seis meses... Mas era o bastante para que o patrão ficasse de mau humor durante quinze dias.

— Suas primeiras visitas datam de muito tempo?

— Pelo menos dez anos. Talvez quinze... Posso lhe oferecer uma bebida?

— Obrigado... Algumas vezes eles discutiam?

— Algumas vezes, não: todas as vezes!... Cheguei mesmo a vê-los se atacarem como estivadores...

“No entanto não foi Saint-Hilaire quem matou!”, raciocinava Maigret um pouco mais tarde, ao caminhar de volta ao hotel. Não foi ele que disparou dois tiros contra Moers, pois estava na casa do tabelião. Além disso, na noite do crime, por que teria dado a volta pelo portão? Ele avistou Éléonore, não longe da igreja, mas desviou a cabeça para evitá-la. Tinha menos vontade de falar com ela do que com qualquer outro. Ouviu passos apressados às suas costas. Viu-a chegar a seu lado, com um vestido cinza, os cabelos bem-penteados.

— Desculpe-me, comissário. Ele deu meia-volta, mirou-a nos olhos de uma forma tão áspera que por um instante ela ficou sem falar.

— E então?

— Gostaria apenas de saber...

— Absolutamente nada. Não sei absolutamente nada!

E se afastou sem mais conversa, com as mãos às costas.

— Suponhamos que o quarto voltado para o pátio estivesse livre... Mesmo assim ele teria morrido? Uma bola com a qual um garoto brincava veio bater nas suas pernas; ele a pegou do chão, devolveu ao garoto sem olhar para ele. — De todos os modos, ele não tinha os vinte mil francos... Não podia obtê-los até a segunda-feira... E, no pátio, não teria podido escalar o muro! Ali teria sido impossível atirarem contra ele. Logo, não teria morrido!

Enxugou o suor da testa, embora a temperatura estivesse bem mais suportável do que na semana anterior. Tinha a sensação irritante de estar a um palmo do objetivo e, no entanto, de ser incapaz de atingi-lo. Dados, ele os possuía em quantidade: a história do muro, os tiros disparados oito dias mais tarde em direção de Moers, o caso Jacob, as visitas feitas quinze anos antes a Saint-Hilaire, a chave perdida e reencontrada providencialmente pelo jardineiro, a questão dos quartos, a facada que completou o serviço da bala alguns momentos depois, por

fim o futebol e a farsa do casamento... Pois a paixão de Gallet pelo esporte, suas histórias engraçadas e suas façanhas amorosas eram tudo o que havia a reter do confuso relato do fiscal.

— Um divertido pândego, um grande paquerador...

— Vai jantar no terraço, comissário? Perguntou o Sr. Tardivon. Maigret não percebera que havia chegado.

— Tanto faz...

— E o inquérito, como vai?

— Digamos que está no fim.

— É mesmo? E o assassino?...

Mas o policial seguiu adiante alçando os ombros, percorreu os corredores repletos do cheiro da cozinha e penetrou no quarto onde suas pastas continuavam amontoadas em cima da mesa, sobre a lareira e no chão. Ninguém havia tocado nas roupas que representavam o morto. Maigret se inclinou, arrancou a faca plantada no soalho e se pôs a manuseá-la, enquanto andava de um lado a outro.

O céu estava coberto de uma camada de nuvens de um cinza uniforme, tempestuoso, e o muro branco, em frente, se tornava mais brilhante, por contraste. O comissário ia da janela até a porta, da porta até a janela, lançando às vezes um olhar para a foto sobre a lareira.

— Venha até aqui um momento!... Ele falou de repente, ao chegar talvez pela trigésima vez à janela. A folhagem se moveu no alto do muro, lá onde Maigret havia adivinhado o rosto mal escondido de Saint-Hilaire. O dono do castelo, cujo primeiro movimento foi de recuo, perguntou com uma voz confusa, fazendo um esforço para gracejar:

— Devo saltar?

— Dê a volta pelo portão! É mais fácil...

A chave estava em cima da mesa, e Maigret a lançou negligentemente por cima do muro, antes de retomar seu passeio pelo quarto. Ouvia a chave caindo no jardim, entre os detritos amontoados naquele ponto. Depois houve um ruído de um barril sendo removido e de folhas e galhos agitados. A mão de Saint-Hilaire devia estar tremendo, pois a chave produziu vários tinidos na fechadura antes de se ouvir ranger a dobradiça. Mas, quando chegou junto à janela, o proprietário do pequeno castelo já havia recuperado o autocontrole e foi com uma voz brincalhona que pronunciou:

— Impossível escapar ao seu olhar de lince!... Esse caso me apaixonou tanto que, ao vê-lo chegar, tive a ideia de espia-lo, a fim de saber como procede e de incitá-lo a uma nova conversa... Dou a volta?

— Não! Entre pela janela... Saint-Hilaire a transpôs com facilidade e observou, olhando ao redor no quarto:

— Curiosa essa atmosfera na qual reconstitui os fatos... Essas roupas... Foi o senhor que organizou essa *mise-en-scène*? Maigret enchia o cachimbo com uma lentidão exagerada, comprimindo cada pitada de tabaco com uma série de movimentos do indicador.

— Tem um fósforo?

— Um isqueiro... Nunca uso fósforos... O olhar do comissário pareceu perceber três palitos de fósforo, em parte consumidos, que se achavam na lareira, perto das cinzas de papel.

— Evidentemente! Ele disse, sem que se pudesse adivinhar a que se referia essa aprovação.

— Queria me perguntar alguma coisa?

— Ainda não sei... Eu o avistei e, como estou literalmente nadando, pensei que um homem inteligente poderia me ajudar... Sentou-se a um canto da mesa, estendeu o forninho do cachimbo em direção ao isqueiro que Saint-Hilaire segurava.

— Ora! Não sabia que é canhoto...

— Eu?... Não!... É um acaso... Eu não saberia lhe dizer por que lhe apresentei esse isqueiro com a mão esquerda...

— Poderia fazer a gentileza de fechar a janela?

Maigret o acompanhou com os olhos, observou uma demora nos movimentos de Saint-Hilaire que, com uma aplicação flagrante, se serviu da mão direita para girar o fecho da janela.

* * *

Dez

O Colaborador

— Abra a janela...

— Mas o senhor acaba de me pedir...

E Tiburce de Saint-Hilaire sorriu, como para dizer: “Tudo bem, estou às suas ordens. Mas eu gostaria de saber...”. Maigret não sorria. E, se tivessem observado seu rosto, certamente teriam notado o aborrecimento como expressão dominante. Mostrava-se ríspido nos gestos, no tom de voz. Andava a passos curtos, interrompidos, levantava e baixava a cabeça, pegava um objeto num lugar para colocá-lo noutra, sem razão.

— Já que o inquérito o apaixonou, vou tomá-lo como colaborador. Portanto, não usarei de rodeios e o tratarei como a um de meus inspetores. Chame o dono do hotel! Saint-Hilaire abriu docilmente a porta e gritou:

— Tardivon!... Ei! Tardivon!... Quando o proprietário do hotel chegou, Maigret, sentado na beirada da janela, fixava o soalho.

— Uma simples pergunta, Sr. Tardivon. Sabe se o Sr. Gallet era canhoto?... Tente lembrar.

— Nunca prestei atenção. É verdade que... Será que um canhoto aperta a mão de alguém com a mão esquerda?

— Certamente!...

— Então ele não era, pois esse detalhe chama a atenção. E os hóspedes têm o costume de me apertar a mão...

— Vá perguntar às funcionárias. Elas talvez tenham notado esse detalhe. Quando Tardivon saiu, Saint-Hilaire perguntou:

— Dá muita importância a essa questão de...? Mas o comissário, sem responder, foi até o corredor e gritou ao hoteleiro:

— Aproveite para pedir uma ligação para o Sr. Padailhan, fiscal das contribuições indiretas em Nevers... Acho que ele tem telefone... Retornou ao quarto, sem um olhar ao seu companheiro; por um momento andou em volta das roupas estendidas no chão. — Agora, ao trabalho! Vejamos... Émile Gallet não era canhoto... Veremos daqui a pouco se esse detalhe pode nos ajudar... Ou melhor... Pegue essa faca... Foi a utilizada no crime... Não! Dê-me aqui, pois vejo que mais uma vez está se servindo da mão esquerda... Bem, suponhamos agora que, atacado, devo me defender! E lembremos que não sou canhoto!... Obviamente seguro o cabo do punhal com a mão direita... Venha aqui... É em sua direção que eu salto... Mas é mais forte que eu e se apodera do punhal... Vamos, pegue!... É evidente que é a mão que segura a arma que irá imobilizar!... Isso basta... Observe esta foto: é a do cadáver, tirada pela Identidade Judiciária... Ora, o que vemos? É no punho da mão esquerda que Émile Gallet tinha equimoses...

— O que há, Tardivon? Já conseguiu a ligação para Nevers?... Não?... Diz que as funcionárias estão de acordo em afirmar que Gallet não era canhoto?... Obrigado!... Pode ir.

— Voltemos a nós dois, Sr. de Saint-Hilaire... Como vai explicar isso? Gallet não era canhoto e, no entanto, era com a mão esquerda que segurava a arma!... E o exame da perícia prova que ele não tinha nada na mão direita. Vejo apenas uma solução ao problema... Observe: quero enterrar esta lâmina no coração... O que faço? Acompanhe os meus menores gestos. Pego o cabo com a mão esquerda! Essa mão só me servirá para manter a faca na direção certa... Minha mão direita é a mais forte. É a que utilizo para fazer pressão sobre a esquerda... Veja este movimento: seguro meu pulso esquerdo com os dedos da mão direita.

Aperto com muita força, porque estou agitado e é preciso resistir à dor. De tal maneira que causei em mim mesmo equimoses...

Ele atirou a faca em cima da mesa, com um gesto de desembaraço.

— Claro, para admitir essa reconstituição dos fatos, seria preciso admitir também que Gallet se matou. E ele não tinha o braço bastante comprido para disparar um revólver a sete metros do rosto, não é verdade? Cometemos um erro, como se diz no exército. Tentemos outro caminho.

Saint-Hilaire conservava o mesmo sorriso um pouco forçado nos lábios. Mas suas pupilas, maiores que o normal, se moviam agora depressa para não abandonar por um instante sequer Maigret, que não parava de ir e vir, de esboçar vários gestos aparentemente inúteis, pegando a pasta rosa, abrindo-a, tornando a fechá-la, pondo-a debaixo de uma pasta verde, para depois mudar de repente a posição de um dos sapatos do morto.

— Venha comigo... Sim, passe pela janela... Estamos aqui no caminho das urtigas. Imaginemos que é sábado à noite, que está escuro e se ouvem os ruídos da festa e do tiro ao alvo. Talvez se veja no céu reflexos das luzes móveis do carrossel de cavalinhos... Émile Gallet, que tirou a casaca, sobe até o alto desse muro, o que não é um exercício fácil para um homem da sua idade, tomado pela doença... Siga-me!...

Levou-o até o portão, que abriu e tornou a fechar.

— Dê-me a chave... Bem, este portão estava fechado, e a chave se encontrava, como de costume, no vão que vemos entre duas pedras. Foi seu jardineiro mesmo que me disse. E entramos na sua propriedade... Não esqueçamos que está escuro. Observe que apenas procuramos o sentido de certos indícios, ou melhor, tentamos conciliar indícios contraditórios... Por aqui, por favor... Imaginemos, no jardim, um

personagem preocupado com os atos de Émile Gallet. Deve haver alguns assim. Gallet é um vigarista. E sabe lá o que ainda pretende fazer... Deste lado do muro, portanto, há um homem, como você e eu, que notou que Gallet estava nervoso e que talvez saiba que sua situação é desesperadora. Nosso homem, que chamaremos X como em álgebra, vai e vem ao longo do muro e de repente vê a silhueta de Émile Gallet, conhecido por Sr. Clément, se erguer no alto, sem casaca. Do alto da casa é possível avistar essa parte do muro?

— Não!... Não compreendo onde quer...

— ...chegar? Em parte alguma!... Seguimos investigando, podendo mudar cem vezes de hipótese, se necessário. Veja, já mudei!... X não está andando. Ele vê barris vazios e, em vez de subir no muro para saber o que se passa do outro lado, arrasta um desses barris, que lhe serve de pedestal. É nesse momento que a silhueta de Émile Gallet se destaca contra o céu. Os dois homens não falam. Pois, se tivessem algo a dizer, teriam se aproximado. Para se ouvirem a uma distância de dez metros, teriam que falar alto. E pessoas que se encontram em circunstâncias tão estranhas, uma em cima de um barril, a outra em equilíbrio sobre um muro, não têm vontade de chamar a atenção. Aliás, X está na sombra. Émile Gallet não o vê, torna a descer o muro, volta a seu quarto e... Aqui a coisa se torna mais difícil. A menos que suponhamos que foi X que atirou...

— O que está querendo dizer? Maigret, que havia subido no barril, tornou a descer, pesadamente.

— Dê-me fogo!... Certo! Mais uma vez a mão esquerda!... Vamos agora, sem nos preocupar em saber quem atirou, seguir o caminho que o nosso X percorreu... Venha... Ele pega a chave no seu lugar. Abre o portão. Antes, porém, vai a algum lugar procurar luvas de borracha... Pergunte à sua cozinheira se ela costuma usá-las para descascar legumes e se elas não desapareceram... Ela é bonita?

— Não vejo qual a relação... Ouse viu ao longe uma trovoada, mas não caíram gotas de chuva.

— Prossigamos! O portão está agora aberto. X se aproxima da janela e vê o cadáver. Pois Émile Gallet está morto!... Os médicos

afirmam que a facada se seguiu imediatamente ao tiro e as manchas de sangue o comprovam... Ora, vimos há pouco que essa facada parece ter sido dada pela própria vítima... Na lareira há cinzas de papel ainda quentes. E ali encontramos palitos de fósforo de Gallet... O nosso X vasculha a valise, certamente também a carteira que torna a colocar com cuidado no bolso, vai embora, esquece de fechar o portão e de recolocar a chave no lugar...

— No entanto a chave foi encontrada nas ervas do caminho... Maigret, que havia ficado algum tempo sem olhar seu interlocutor, notou seu rosto pálido.

— Venha! Ainda não terminou... Acho que nunca vi história tão complicada e tão simples ao mesmo tempo... Sabemos, não é verdade? Que aquele que se fazia chamar aqui de Sr. Clément era um vigarista... Ora, vemos agora que ele mesmo destruiu todos os vestígios de suas vigarices, como se esperasse por um acontecimento importante ou mesmo capital. Por aqui!... Eis o pátio do hotel e ali, à esquerda, o quarto que Émile Gallet pediu para ocupar, no começo da tarde, e que não lhe pôde ser dado porque não estava vago. Ora, à tarde a situação era a mesma que à noite. Ele precisava a todo custo de vinte mil francos até segunda-feira, caso contrário os que o chantageavam o entregariam à polícia. Suponhamos que tivesse obtido esse quarto... Não haveria mais como atravessar o caminho das urtigas e escalar o muro! Portanto, para ele não era uma necessidade chegar a esse muro. Ou, se preferir, isso podia ser substituído por outra coisa, outra coisa que o pátio lhe oferecia... O que vemos nesse pátio? Um poço!... O senhor me dirá, talvez, que ele tinha vontade de se jogar nesse poço. Mas a isso responderei que ele podia, ao sair do quarto que ocupou, atravessar o corredor e vir se afogar do mesmo jeito... Não! Era preciso a combinação de um poço e de um quarto...

— O que é, Sr. Tardivon?

— Nevers ao telefone.

— O fiscal?

— Ele mesmo.

— Venha, Sr. de Saint-Hilaire. Já que quer me ajudar, é justo que assista a todas as fases do inquérito... Pegue o aparelho de escuta... Alô, aqui é o comissário Maigret... Não se preocupe! Liguei apenas para lhe fazer uma pergunta que me ocorreu há pouco. O seu amigo Gallet era canhoto?... O que diz?... Canhoto de mãos e pés?... No futebol jogava na ponta esquerda?... Tem certeza disso, não é?... Não, é tudo. Obrigado... Ah, um detalhe: ele sabia latim?... Por que está rindo?... Um mau aluno?... A esse ponto?... Sim, é curioso!... Diga-me, chegou a ver a fotografia do morto?... Não?... Evidentemente ele mudou desde Saigon... O único retrato que possuo foi tirado quando estava de regime... Mas um dia desses eu talvez lhe apresente alguém que se parece com ele... Obrigado!... Sim!...

Maigret desligou, deu uma risada meio boba, suspirou.

— Está vendo como a gente pode se entusiasmar em vão! Tudo o que dissemos até agora dependia de uma condição: que o nosso Émile Gallet não fosse canhoto... Pois, se fosse canhoto, poderia ter usado o punhal contra o seu agressor... Eis o que dá confiar nas afirmações de um dono de hotel e suas funcionárias...

O Sr. Tardivon, que ouviu essa observação, falou com um ar ofendido:

— O jantar está na mesa...

— Daqui a pouco. Melhor terminarmos com isso. Ainda mais que receio abusar da paciência do Sr. de Saint-Hilaire... Não se importa de voltarmos à cena do crime, como dizem?

Ao chegar ao quarto, ele falou:

— Você viu Émile Gallet ainda vivo... O que vou dizer talvez lhe faça rir... Sim, pode acender a lâmpada. Com esse céu nublado, anoitece uma hora mais cedo... Pois bem, eu que não o vi, passo o meu tempo,

desde o crime, tentando imaginá-lo vivo. Para isso fui respirar a atmosfera que ele respirava, meti o nariz entre as pessoas com quem ele convivia... Observe este retrato... Aposto que dirá como eu: “Um pobre coitado!...”. Sobretudo quando souber que o médico não lhe dava mais que três anos de vida!... Um fígado aos pedaços... E um coração fatigado que esperava apenas um pretexto para parar de bater... Procurei imaginar esse homem não apenas no espaço, mas no tempo... Infelizmente só pude vê-lo a partir do casamento, pois, sobre o que precedeu essa época, ele sempre se mostrou avaro de confidências, mesmo em relação à esposa. Tudo que ela sabe é que ele nasceu em Nantes e que viveu vários anos na Indochina. Mas não trouxe de lá nenhuma fotografia, nenhuma lembrança! Nunca falava disso! É um pequeno caixeiro-viajante, que tem cerca de trinta mil francos. Aos trinta anos já é um homem debilitado, de humor melancólico. Ele conhece Aurore Préjean e resolve desposá-la. Os Préjean têm pretensões. O pai, em situação difícil, não encontra mais o dinheiro necessário para publicar seu jornal. Mas ele foi o secretário particular de um pretendente ao trono! E se corresponde com príncipes e duques! Sua filha mais moça se casou com um dono de curtume... Nosso Gallet, nesse meio, destoa. Se o toleram, é porque aceitou aplicar seu pequeno capital no jornal Soleil. Mas é malvisto. Para os Préjean, é uma decadência que um genro venda artigos que imitam prata para presentes pobres! Tentam incitá-lo a mais altas ambições. Ele resiste, não se sente preparado para uma carreira de prestígio. E seu fígado já não funciona bem nesse momento. Sonha com uma vida tranquila, no campo, com a esposa, por quem sente grande ternura. No entanto, ela também o instiga, para que as irmãs não continuem a tratá-la como parente pobre, lhe reprovando o casamento. Préjean morre, e o Soleil afunda. Émile Gallet continua vendendo suas bijuterias sem valor aos camponeses da Normandia. E ele se consola se dedicando à pesca, inventando instrumentos aperfeiçoados, desmontando relógios e despertadores. O filho herdou dele o físico e a doença do fígado, mas tem a ambição dos Préjean. E assim, um belo dia, Émile Gallet decide tentar alguma coisa. Ele possui as pastas do Soleil. Constata que muita gente está disposta a

dar quantias de dinheiro mais ou menos elevadas quando se fala da causa legitimista. Ele tenta, mas não diz nada a ninguém. Provavelmente, no início, conduz ao mesmo tempo suas ocupações de representante comercial e suas vigarices ainda tímidas. É a vigarice que rende mais. Depois de algum tempo, ele tem condições inclusive de comprar um terreno no loteamento de Saint-Fargeau, de construir ali uma casa. Traz para sua nova condição as qualidades de ordem e de pontualidade. Mas, como tem um medo terrível da sua família, finge que continua a representar a casa Niel na Normandia. Não enriquece. Pois os legitimistas não se contam aos milhões e alguns têm a mão fechada. Mas, enfim, Gallet se contentaria com isso se não lhe reprovassem, mesmo em sua casa, a estreiteza de suas ambições... Ele ama a esposa, apesar de todos os defeitos dela. Talvez ame também o filho... Os anos passam. A doença do fígado se agrava. Gallet tem crises que o fazem prever uma morte prematura. Então faz um seguro de vida bastante alto, para permitir que os familiares continuem a desfrutar, após sua morte, a mesma existência. Seus gastos aumentam. O Sr. Clément redobra as visitas aos castelos de província onde tenta arrancar dinheiro de viúvas e fidalgos do Antigo Regime. Está me acompanhando, não? Eis que, há três anos, um certo Sr. Jacob lhe escreve. Esse Sr. Jacob conhece a natureza de suas ocupações, exige dinheiro a cada dois meses em troca do seu silêncio. O que Gallet pode fazer? Ele é a vergonha da família Préjean, o parente pobre a quem se limitam a enviar um cartão no Ano-Novo, mas que os cunhados, que prosperaram, não querem ver. No sábado, 25 de junho, ele está aqui, tendo no bolso a última carta do Sr. Jacob que exige vinte mil francos para a segunda-feira seguinte... Percorri há pouco o caminho da estação ao hotel, tentando me colocar no lugar dele. É evidente que ninguém obtém vinte mil francos num dia batendo à porta dos legitimistas, mesmo sob os pretextos mais engenhosos. Aliás, ele nem tenta. Vai visitá-lo. Duas vezes! Após a segunda conversa com você, pede no hotel um quarto voltado para o pátio... Tinha ele a esperança de lhe arrancar os vinte mil? O fato é que, à noite, essa esperança está perdida. Então,

me diga o que Gallet queria fazer nesse quarto que não obteve e saberemos por que ele subiu no muro!...

Maigret não levantou os olhos para o seu interlocutor, cujos lábios tremiam.

— É engenhoso, mas... Sobretudo no que diz respeito a mim, não vejo...

— Que idade tinha quando seu pai morreu?

— Doze anos.

— Sua mãe ainda vivia?

— Ela morreu pouco depois do meu nascimento. Mas eu teria a curiosidade de saber o que...

— Foi criado por parentes?

— Eu não tinha parente algum... Sou o último Saint-Hilaire... Quando morreu, meu pai tinha apenas o dinheiro suficiente para pagar num colégio de Bourges meu pensionato e meus estudos até os dezenove anos. Sem uma herança inesperada, de um primo cuja existência todo mundo havia esquecido...

— ...E que vivia na Indochina, não é mesmo?

— Sim, de fato. Era um primo em segundo grau que não tinha sequer o nosso nome. Um Duranty de la Roche.

— Com que idade recebeu a herança?

— Aos 28 anos.

— De modo que dos 19 aos 28...

— ...Comi o pão que o diabo amassou! Não me envergonho, pelo contrário!... Mas é tarde, comissário. Acho que faríamos melhor...

— Um momento. Ainda não lhe mostrei o que se pode fazer com um poço e um quarto... Acaso tem um revólver consigo?... Pouco importa, tenho o meu... Deve haver um cordão em alguma parte... Ah! aqui está!... Siga os meus movimentos. Prendo esse cordão à coronha da arma... Digamos que ele mede de seis a sete metros, ou mais, isso não importa... Procure um cascalho grande no caminho...

Mais uma vez, Saint-Hilaire obedeceu com zelo e trouxe a pedra.

— Com a mão esquerda! Notou Maigret. — Mas prossigamos. Portanto, na outra extremidade do cordão, prendo essa pedra com firmeza... Podemos fazer a demonstração aqui, supondo que o apoio da janela seja o parapeito do poço. Faço descer minha pedra para o outro lado, dentro do poço, portanto... Tenho o revólver na mão... Atiro contra alguém, contra mim, por exemplo... E então solto a arma... O que acontece?... A pedra, que pende acima da água, desce ao fundo do poço, arrastando o cordão e o revólver preso na outra ponta... A polícia chega, encontra um cadáver, mas nenhum vestígio de arma... O que ela conclui?

— Que houve um crime!

— Exatamente.

E Maigret, sem ter mais necessidade do isqueiro de Saint-Hilaire, acendeu o cachimbo com a caixa de fósforos que tirou do bolso. Enquanto recolhia do chão as roupas de Gallet, como homem aliviado de ter terminado um longo trabalho, ele pronunciou com sua voz mais natural:

— Agora vá buscar o revólver.

— Mas... O senhor não o soltou, está com ele na mão...

— Eu quis dizer: vá buscar o revólver que matou Émile Gallet... Vamos, ande!

E pendurou a calça e o colete no cabide, ao lado da casaca lustrosa nos cotovelos que já se achava ali.

* * *

Onze

Um Negócio

QUANDO MAIGRET lhe virou as costas, Saint-Hilaire não forçou mais a expressão do rosto, no qual se podia ver uma curiosa mistura de angústia, ódio e, não obstante, uma certa segurança.

— O que está esperando?

Ele se decidiu a sair, pela janela, foi até o portão do caminho das urtigas, desapareceu no jardim, tão lentamente que o comissário, um pouco inquieto, fez um esforço para ouvir. Era o momento em que, do lado do rio, se via o halo luminoso do terraço e ouse via o tinido de garfos e facas, junto com o murmúrio das vozes dos hóspedes do hotel. De repente, houve o ruído de galhos remexidos no jardim. Estava tão escuro que Maigret mal pôde ver a silhueta de Saint-Hilaire no alto do muro. Mais um estalo de galhos e um chamado, à meia-voz:

— Quer pegá-lo?

O comissário ergueu os ombros e não se mexeu, de modo que Saint-Hilaire precisou refazer o caminho em sentido inverso. Quando entrou no quarto, ele começou por colocar uma arma em cima da mesa. Estava calmo. Tinha o torso aprumado e tocou o braço de Maigret num

gesto quase de desenvoltura, no qual havia, porém, um imperceptível acanhamento.

— O que diria de duzentos mil francos?... Preciso tossir. Gostaria de parecer um grande senhor, muito tranquilo, mas não pôde evitar de corar e de ter a garganta obstruída. — Hum!... Quem sabe trezentos...

Mas quando Maigret o olhou, sem emoção, sem cólera, apenas com um pequeno traço de ironia entre suas espessas pálpebras, ele se desconcentrou, recuou, lançou ao redor um olhar circular, como para se agarrar em alguma coisa. A transformação foi rápida. Ele conseguiu apenas esboçar um sorriso vulgar que não impediu o rosto de ficar vermelho, enquanto as pupilas brilhavam de ansiedade. O papel de grande senhor fracassara, e ele tentava um outro, mais cínico, mais prosaico.

— Tanto pior para o senhor!... Aliás, fui muito ingênuo. O que poderá fazer?... Há prescrição!...

Aquilo soava igualmente falso e, por contraste, Maigret nunca havia dado tamanha impressão de força tranquila, confiante. Ele parecia enorme. Quando passava debaixo da lâmpada suspensa ao teto, roçava-a com a cabeça e seus ombros eram suficientes para ocupar o retângulo da janela, como os senhores da Idade Média, com mangas bufantes, que tocam a moldura dos quadros antigos. Continuava a pôr o quarto em ordem, lentamente.

— Pois o senhor sabe que não matei, não sabe? Inflamou-se Saint-Hilaire. E tirou o lenço do bolso, se assoando ruidosamente.

— Sente-se, disse Maigret.

— Prefiro ficar de pé.

— Sente-se!

Como um garoto medroso, obedeceu, no momento em que o comissário se voltava para ele. Tinha o olhar esquivo, o rosto desfeito de um homem que se sente inferior e que procura se recompor.

— Suponho, começou Maigret, — Não ser necessário fazer vir o fiscal de Nevers para reconhecer seu velho companheiro Émile Gallet, não é mesmo? Eu teria chegado à verdade sem ele. Teria demorado um pouco mais, só isso... Havia muito eu sentia que alguma coisa não colava nessa história... Não tente entender!... Quando todos os indícios materiais contribuem para complicar as coisas em vez de simplificá-las, é que eles são falsos... E tudo, sem exceção, soava falso nesse caso... O tiro e a facada... O quarto junto ao pátio e o muro... A equimose no punho esquerdo e a chave perdida... E mesmo os três culpados possíveis! Mas sobretudo Gallet, que soava falso tanto morto quanto em vida! Se o fiscal não tivesse falado, eu estava disposto a remontar mais longe no passado do meu morto. Teria chegado ao colégio, onde ficaria conhecendo a verdade. Aliás, você não deve ter ficado muito tempo no colégio de Nantes...

— Dois anos! Fui expulso de lá!

— Claro! E já jogava futebol... E certamente corria atrás das mulheres!... Não sente pena? Olhe essa fotografia, olhe bem!... Na idade em que saltava o muro do colégio para ir encontrar suas amiguinhas, esse pobre coitado já sofria do fígado! Eu teria levado tempo a recolher provas. O que não impede que eu soubesse o principal: o homem que tinha necessidade imediata de vinte mil francos só estava em Sancerre para lhe pedir esse dinheiro. E você o recebeu duas vezes! E à noite o observou por cima do muro... Suspeitava que ele ia se matar, não é verdade? É possível até que ele lhe tenha anunciado isso...

— Não, mas me pareceu febril. À tarde, falava com uma voz agitada que me impressionou.

— Você lhe recusou os vinte mil francos?

— Eu não podia fazer de outro modo, pois era sempre a mesma coisa... No final, acho que tirei do meu bolso...

— Foi em Saigon, quando trabalhava como secretário, que soube que ele receberia uma herança?

— Sim. Um cliente estranho veio ver meu patrão. Um velho maníaco, que vivia no meio do mato havia mais de vinte anos e só via um branco a cada três anos. Estava tomado pela malária e pelo abuso do ópio. Assisti à conversa. "Vou morrer em breve", lembro que ele falou. "E não sei sequer se ainda tenho família em algum lugar. Talvez ainda reste um Saint-Hilaire, mas duvido; quando deixei a França, o último estava tão mal de saúde que já deve ter falecido. Se ele tiver um descendente e se o senhor puder encontrá-lo, será meu herdeiro universal."

— Quer dizer que já então teve a ideia de ficar rico numa única tacada! Disse Maigret, pensativo.

E através do homem de cinquenta anos, suado e pouco à vontade, que tinha à sua frente, ele acreditou ver o pândego sem escrúpulos que organizou uma cerimônia grotesca para se apropriar de uma jovem indígena.

— Continue!

— Acabei tendo de voltar à França, por causa das mulheres. Abusei um pouco, lá. Havia maridos, irmãos e pais que queriam me pegar... Tive a ideia de procurar um Saint-Hilaire. Não foi fácil, mas descobri a passagem de Tiburce pelo colégio de Bourges. Disseram-me ignorar o que fora feito dele, mas eu soube que era um jovem sombrio, fechado, que nunca tivera amigos na escola...

— Claro, observou Maigret, — Ele não tinha um centavo no bolso, apenas a pensão paga até o final dos estudos.

— Minha ideia, naquele momento, era partilhar a herança por um meio qualquer, eu ainda não sabia qual. Mas logo vi que seria mais difícil partilhar do que pegar tudo. Levei três meses até encontrá-lo, no Havre, onde tentava um emprego como garçom ou como intérprete a bordo de um navio. Não tinha mais que dez ou doze francos no bolso. Ofereci-lhe algo para beber e tentei puxá-lo pela língua. Ele respondia

apenas por monossílabos. Havia sido preceptor num castelo, revisor numa tipografia de Rouen, empregado de livraria... Já vestia uma casaca ridícula e usava uma barbicha um tanto rala, meio ruiva. Arrisquei tudo ou nada. Contei-lhe que queria fazer fortuna na América e que, lá, nada ajuda tanto um homem, principalmente junto às mulheres, quanto um título de nobreza. Paguei trinta mil francos pelo direito de me chamar Tiburce de Saint-Hilaire...

Maigret dirigiu um rápido olhar ao retrato, depois olhou seu interlocutor dos pés à cabeça, para enfim fixá-lo nos olhos, de tal modo que este recomeçou a falar com um zelo exagerado.

— Não é o que um homem de finanças faz ao comprar por duzentos francos títulos que sabe poder revender cinco vezes mais caro um mês depois?... Esperei a herança durante quatro anos! O velho louco, na sua floresta, não se decidia a morrer. E era eu que, sem dinheiro, passava fome. Tínhamos mais ou menos a mesma idade. Foi suficiente trocar nossos documentos. O outro prometeu nunca mais pôr os pés em Nantes, onde poderia encontrar alguém que me conhecesse. Quanto a mim, não precisei tomar muitas precauções. O verdadeiro Tiburce nunca tivera amigos. E na maioria das vezes, nos seus empregos, nem dava o verdadeiro nome, que o prejudicava. Há algum empregado de livraria que se chame Tiburce de Saint-Hilaire?... Finalmente li nos jornais uma pequena nota anunciando a herança e pedindo aos interessados, se houvesse, para se apresentarem. E assim tive direito a receber 1,2 milhão de francos deixados pelo velho que vivia no mato...

Ele retomava a ousadia, encorajado pelo silêncio de Maigret, e por pouco não lhe dirigiu um olhar.

— Claro que Gallet, que nesse meio-tempo havia se casado e não nadava em ouro, apareceu, me fez reprovações com um ar sombrio, por um momento achei até que ia me matar... Eu lhe dei dez mil francos e

ele se conformou. Mas seis meses mais tarde voltou. E o que é pior: ameaçava dizer a verdade. Tentei lhe demonstrar que ele seria condenado tanto quanto eu. Além do mais, ele tinha família, uma família da qual parecia ter medo... Aos poucos foi baixando o tom. Envelhecia muito depressa. Com sua casaca, sua barbicha, sua pele amarela e suas olheiras, me causava dó. Sua atitude passou a ser a de um mendigo. Começava sempre por me pedir cinquenta mil francos, é a última vez, ele jurava! Depois ia embora com uma ou duas notas de mil. Faça a conta dessas quantias pagas durante dezoito anos!... Repito-lhe que, se eu não tivesse me mostrado firme, teria acabado sem dinheiro. E eu trabalhava, eu! Fazia aplicações. Transformei em vinhedos todas as terras que vê junto à propriedade. Ele dizia viajar para uma casa de comércio, mas na realidade se limitava a pedir dinheiro. Tomou gosto por isso. Sob o nome de Sr. Clément, como sabe, ia procurar as pessoas... O que eu poderia ter feito, diga?

A voz se elevava. Maquinalmente, ele se levantou.

— No sábado em questão, ele queria vinte mil francos na hora. Mesmo se eu estivesse disposto a dar, não poderia, pois o banco estava fechado. E, afinal, eu já havia pago o bastante, não é verdade? Disse isso a ele, chamei-o de degenerado... Ele voltou à carga pela tarde, com um ar tão humilde que fiquei enojado. Pois um homem não deve se rebaixar a esse ponto. A vida é um jogo, a gente ganha ou perde! Mas mesmo assim conserva a dignidade...

— Disse isso também a ele? Interrompeu Maigret, com uma voz surpreendentemente branda.

— Por que não diria? Esperava lhe dar um pouco de fibra... Propus-lhe quinhentos francos...

Apoiado à lareira, o comissário havia puxado para si o retrato do morto.

— Quinhentos francos... Repetiu.

— Eu lhe mostrarei o caderno onde anoto todos os meus gastos e que lhe provará que, no final das contas, ele me tirou mais de duzentos mil francos... À noite, eu estava no jardim...

— Não muito à vontade...

— Eu estava nervoso, nem sei por quê... Ouvi um ruído do lado do muro. Depois o vi arranjando alguma coisa na árvore. De início achei que estava querendo fazer algo de mau contra mim. Mas, assim como veio, desapareceu... Subi num barril. Ele havia voltado ao quarto, onde estava de pé junto à mesa, voltado para o muro. Mas não podia me ver... Não compreendi. Juro que nesse momento tive medo... O tiro ressoou a dez metros do lugar onde eu estava e Gallet não se mexeu. Mas vi que sua face direita estava avermelhada... Escorria sangue... Ele continuou de pé, sempre a fixar o mesmo ponto, como se esperasse alguma coisa...

Maigret pegou o revólver, em cima da lareira. Uma corda de violão, revestida de metal, como as usadas às vezes para pescar, ainda estava presa nele. Sob o cano estava fixada solidamente uma pequena caixa de alumínio, ligada ao gatilho por um fio rígido. Maigret abriu a caixa com a ponta da unha, descobriu um mecanismo idêntico ao que é comum se encontrar no comércio e que permite fotografar a si mesmo. Basta comprimir uma mola, que se solta sozinha depois de alguns segundos. Mas, no caso, o movimento era triplo e devia provocar três detonações.

— A mola deve ter emperrado depois da primeira bala, ele disse com uma voz lenta, um pouco abafada.

E as últimas palavras do seu interlocutor ainda ressoavam nos seus ouvidos: Mas a face direita estava avermelhada... Escorria sangue... Ele continuou de pé, sempre a fixar o mesmo ponto, como se esperasse alguma coisa... As duas outras balas, claro! Ele não havia confiado na precisão do tiro. Com três balas, teria a certeza de receber pelo menos

uma na cabeça! E as outras duas não partiram! Então tirou a faca do bolso...

— Ele vacilou ao apoiar a lâmina contra o peito... Caiu muito rígido... Estava morto, naturalmente... E a primeira coisa que pensei foi em vingança, que ele havia deixado papéis que revelavam a verdade, talvez até me acusando de tê-lo matado...

— Você é um homem prudente e de sangue-frio! Foi buscar luvas de borracha na cozinha...

— Acha que eu iria deixar minhas impressões digitais no quarto?... Passei pelo portão, pus a chave no bolso... Minha visita foi inútil: ele mesmo havia queimado todos os papéis... Fiquei com medo... Seus olhos abertos me impressionavam... Voltei para casa tão precipitadamente que esqueci de fechar o portão à chave... O que teria feito em meu lugar? A partir do momento em que ele estava morto... Tive mais medo ainda no dia em que jogava cartas na casa do tabelião e soube que o revólver havia disparado de novo... Fui examiná-lo de perto. Não ousei tocar nele, pois, se viessem a suspeitar de mim, seria a prova da minha inocência. É um revólver automático de seis balas. Compreendi que o mecanismo, trancado com a detonação, voltara a funcionar por conta de influências atmosféricas, oito dias mais tarde... Mas ainda podia haver três balas, não é mesmo?... Então passei a rondar no parque, a escutar... Ainda há pouco, quando estávamos os dois aqui, eu evitava me colocar perto da mesa...

— Mas deixou que eu ficasse ali!... E foi você que lançou a chave no caminho quando o ameacei com uma visita domiciliar.

Tendo terminado de jantar, hóspedes passeavam de um lado a outro em frente do hotel e se ouviam os seus passos regulares. Da cozinha chegava um ruído intermitente de pratos sendo lavados.

— Cometi um erro em lhe oferecer dinheiro...

Por pouco Maigret não deu uma risada, e, se não tivesse se contido, certamente teria sido um riso assustador. De pé diante do seu interlocutor, que media uma cabeça menos e tinha os ombros duas vezes mais estreitos, ele o olhava de um jeito ao mesmo tempo benévolo e feroz, balançando a mão como para pegá-lo de repente pelo pescoço ou para lhe esborrachar a cabeça contra a parede. No entanto, havia algo de lastimável nesse falso Tiburce de Saint-Hilaire, na sua vontade de se justificar, de reconquistar a segurança. Um pequeno canalha, que não tivera a coragem de assumir sua canalhice, que talvez nem tenha tido consciência total dela! E que fanfarroneava, ao mesmo tempo recuando vivamente toda vez que Maigret fazia menção de se mover. Se o comissário tivesse levantado a mão, na certa ele teria caído de joelhos!

— Veja, se a mulher dele precisar de alguma coisa, estou pronto, na medida dos meus recursos, discretamente, a ajudá-la...

Ele sabia que havia prescrição. Mas mesmo assim não estava tranquilo. Teria dado um bom dinheiro em troca de uma palavra tranquilizadora do policial, que parecia brincar de gato e rato com ele!

— Ele mesmo providenciou isso...

— Sim, li nos jornais, um seguro de trezentos mil francos!... É extraordinário... Maigret não pôde se conter.

— Extraordinário, não é?... Esse homem que passou a infância sem dispor de um centavo para os menores prazeres!... Você conhece os colégios. No de Bourges estudam os filhos da maior parte dos grandes senhores do centro da França... Um belo nome! Um nome tão antigo e tão brilhante como o dele, mas com o prenome ridículo de Tiburce... E, se ele come e tem direito às lições, não pode, no entanto, comprar uma barra de chocolate, ou bolas de gude... No recreio está sozinho num canto. Talvez até os auxiliares de internato, quase tão lastimáveis quanto ele, sintam dó. Ele sai de lá. Vende livros numa livraria. Arrasta sem esperança seu nome interminável, sua casaca, sua doença do fígado. Nada tem a colocar numa casa de penhores, mas possui esse nome que

alguém, um belo dia, se oferece para lhe comprar. É ainda a miséria, agora sem o nome. Mas com o nome de Gallet ele alcança um grau mais elevado: a mediocridade... Come e bebe com mais fartura. Só que sua nova família o trata como a um cão sarnento. Tem uma mulher, um filho. E a mulher e o filho lhe censuram a incapacidade de se elevar, de ganhar dinheiro, de ser um conselheiro-geral como o cunhado. O nome que ele vendeu por trinta mil francos, de repente vale mais de um milhão... A única coisa que teve... Justamente aquela que lhe valeu misérias e humilhações, e da qual se desembaraçou. E o ex-Gallet, um cara divertido, um pândego, lhe dá, de tempo em tempo, uma esmola... Extraordinário, você disse!... Para ele nada deu certo. Passou a vida se consumindo. Ninguém, em momento algum, lhe estendeu a mão. O filho se revoltou; partiu assim que pôde, para voar com as próprias asas, deixando o velho com sua mediocridade. Somente a mulher se resignou! Não digo que o tenha ajudado, que o tenha consolado. Ela se resignou porque sentiu que nada havia a tirar dele. Um pobre homem de regime! E ele deixa para ela trezentos mil francos! Mais do que ela jamais possuiu com ele! Trezentos mil francos que fazem suas irmãs acorrerem, que lhe valem os sorrisos do conselheiro-geral. Há cinco anos ele vem se arrastando. As crises hepáticas se sucedem. Os legitimistas não lhe dão muito mais do que esmolas. Aqui ele consegue, de tempo em tempo, uma nota de mil. Mas um certo Sr. Jacob lhe arrebatou o melhor do que ele colhe dessa forma... Extraordinário, sim, Gallet-Saint-Hilaire! Pois, se deve conter seus pequenos gastos, ele paga um seguro de vida, mais de vinte mil francos por ano. Pressente que chegará um momento em que o desânimo o submergirá, a menos que o coração consinta em parar por si mesmo... Um pobre homem, sozinho, que vai e vem e não está em casa em parte alguma, a não ser, talvez, quando pesca e quando não vê ninguém. Nasceu inoportunamente, de uma família decadente que, ainda por cima, fez a loucura de destinar alguns milhares de francos para pagar seus estudos... Vendeu seu nome inoportunamente. E inoportunamente trabalhou para o legitimismo no momento em que este declinava. Casou-se inoportunamente... Seu próprio filho tem a mentalidade das cunhadas e dos cunhados... Pessoas

morrem todos os dias, sem o desejarem, quando estão felizes e saudáveis, enquanto ele, inoportunamente, não morre! E o seguro não paga se houver suicídio. Sabe como funcionam relógios, mecanismos de molas. E sabe que se aproxima a hora em que não poderá ir mais longe. Enfim o Sr. Jacob exige vinte mil francos! Ele não os tem e ninguém lhe dará. Carrega o seu mecanismo no bolso. Por desencargo de consciência, bate à porta daquele que ganhou um milhão no seu lugar... Não tem esperança, no entanto vem até aqui. Pede um quarto voltado para o pátio, porque não confia no mecanismo e prefere o procedimento mais simples do poço... Viveu uma vida grotesca, sem sorte. O quarto voltado para o pátio não está vago. Com isso ele terá ainda que escalar um muro! E duas balas não partirão!... Você disse bem: A face direita estava avermelhada... Escorria sangue... Ele continuou de pé, sempre a fixar o mesmo ponto, como se esperasse alguma coisa... Ele não passou a existência a esperar alguma coisa?... Um pouco de sorte... Nem isso!... Uma dessas pequenas alegrias que passam pelas ruas e que as pessoas não percebem mais!... Precisou ainda esperar as duas últimas balas, que não vieram. Foi obrigado a terminar ele próprio a tarefa...

O tubo do cachimbo que Maigret tinha entre os dentes se partiu; é que, ao parar de falar, ele contraíra de repente os maxilares. E seu interlocutor, com um olhar oblíquo e a voz difícil, murmurou:

— O que não impediu de ser um vigarista!

Maigret o olhou durante um minuto pelo menos, sem se mexer, de olhos brilhantes. Sua grossa mão se levantou. Ele percebeu os nervos do proprietário do pequeno castelo tensos de angústia. Deixou a mão suspensa, como para gozar desse pânico, e enfim deu um tapa no ombro do homem.

— Tem razão, era um vigarista!... Quanto a você, há prescrição, não é?

— O senhor deve conhecer a lei melhor do que eu, mas me parece que...

— Sim, sim, há prescrição! E a lei prevê que não há delito nem crime quando um filho se apodera por meios fraudulentos do bem do pai... De modo que Henry Gallet, assim como você, nada tem a temer... Até agora ele juntou cem mil francos. Com os cinquenta da amante, está com 150. E precisa de quinhentos para ir viver no campo, como os médicos lhe aconselham... Você disse bem, Sr. de Saint-Hilaire. Extraordinário!... Não há crime, não há assassino nem culpado, ninguém a pôr na prisão. Ou melhor, haveria apenas o meu morto, se ele não tivesse tido a boa ideia de se colocar ao abrigo da justiça sob uma pedra não muito cara, mas de bom gosto, distinta, no cemitério de Saint-Fargeau. Dê-me fogo!... Ah, não hesite em usar sua mão esquerda, agora... E também não há mais razão para que se recuse o prazer de fundar um clube de futebol em Sancerre. Será o presidente de honra...

E bruscamente, com o rosto mudado, articulou:

— Saia...

— Mas eu...

— Saia! Mais uma vez Saint-Hilaire ficou alguns instantes sem saber que atitude tomar.

— Acho que o senhor exagera, comissário. E se...

— Não pela porta: pela janela... Você conhece o caminho, não é?... Tome! Está esquecendo sua chave...

— Quando estiver mais calmo, eu lhe...

— Isso mesmo! Você me enviará uma caixa daquele vinho espumante que me fez degustar.

O outro não sabia se devia sorrir ou ter medo. Viu a pesada silhueta de Maigret avançar em sua direção e recuou instintivamente para a janela.

— Não me deu seu endereço.

— Enviarei num cartão-postal... Vamos, saia! Ainda continua ágil para a sua idade!...

Fechou brutalmente a janela e se viu sozinho no quarto que a lâmpada elétrica inundava de uma luz crua. A cama continuava como no dia em que Émile Gallet penetrara nessa peça. A casaca escura, tão durável no tempo, pendia frouxa na parede. Maigret pegou com nervosismo o retrato que estava sobre a lareira, enfiou-o num envelope amarelo com um timbre da Identidade Judiciária e escreveu o endereço da Sra. Gallet.

Eram pouco mais de dez da noite. Parisienses que chegavam de automóvel faziam algazarra no terraço, onde haviam posto a funcionar um fonógrafo portátil. Eles queriam dançar, enquanto o Sr. Tardivon, dividido entre seu respeito pelo carro de luxo e as reclamações dos hóspedes já deitados, argumentava com eles, tentando fazê-los entrar numa das salas.

Maigret percorreu os corredores, atravessou o café onde um carroceiro jogava bilhar com o professor municipal, chegou à rua no momento em que um casal, que dançava um foxtrote, parou de repente.

— O que ele disse?

— Que os hóspedes já estão deitados. Ele quer que façamos menos barulho... Viam-se os dois lampiões da ponte suspensa e às vezes um reflexo no rio.

— Não podemos dançar?

— Só lá dentro.

— Mas seria tão poético!

O Sr. Tardivon, que acompanhava com calma essa conversa e olhava, suspirando, o carro desses hóspedes difíceis, avistou Maigret.

— Mandei preparar sua mesa no pequeno salão, comissário!... E então, novidades?

O fonógrafo continuava a tocar. No primeiro andar, uma mulher, vestindo uma camisola com babados, olhava os intrusos e gritava ao marido, que devia estar deitado:

— Vamos, desça! Faça-os se calarem! A gente não consegue dormir!

Já um outro casal, o vendedor de um grande magazine e uma datilógrafa, certamente os defendia, com a esperança de fazer amizade com eles e de passar uma noite menos banal que de costume.

— Não vou jantar, anunciou Maigret. — Faria o favor de levar minhas bagagens à estação?

— Para o trem das 23h32?... Está de partida?

— Estou.

— Mas... Leve alguma lembrança. Já tem o cartão-postal do hotel?

E o Sr. Tardivon tirou do bolso um cartão que já devia ter mais de dez anos, a julgar pela má qualidade da reprodução e pelas modas femininas. A imagem representava o Hotel de la Loire, com uma bandeira hasteada no primeiro andar e o terraço repleto de clientes. Ele, de terno, sorria, de pé na entrada, enquanto as funcionárias, com pratos na mão, haviam se imobilizado diante da objetiva.

— Eu lhe agradeço.

Maigret pôs o cartão no bolso e se virou, por um instante, em direção ao caminho das urtigas. No pequeno castelo, uma luz acabava de se acender, e Maigret imaginou que Tiburce de Saint-Hilaire, enquanto se despia, devia estar murmurando frases como estas, para recuperar seu equilíbrio:

“...Afinal, temos que ser razoáveis... Em primeiro lugar, há prescrição... Ele sentiu que eu conhecia o direito civil tanto quanto ele... Além do mais, Gallet não passava de um vigarista... E o que foi que eu fiz?... Sim, do que podem me censurar?”

Mas será que ele não olhava com um certo pavor os cantos escuros da peça?

Em Saint-Fargeau, a luz devia estar se apagando no quarto onde a Sra. Gallet, tendo soltado os cabelos, esquecia as preocupações com sua dignidade e apalpava o lugar vazio nos lençóis ao lado, talvez soluçando docemente, antes de adormecer. Para consolá-la, não havia as irmãs, os cunhados, um dos quais era conselheiro-geral, e que a acolhiam de novo no reconfortante círculo familiar?

Maigret apertou frouxamente a mão de um Sr. Tardivon distraído, que seguia com os olhos os parisienses dispostos a jantar e a dançar no interior do hotel. A ponte suspensa, deserta, ressoou sob seus passos. Mal se ouvia, em volta dos bancos de areia, um murmúrio de água corrente. Então ele se pôs a imaginar, num cenário parecido, um Henry alguns anos mais velho, com a tez mais amarelada, a boca mais larga e mais estreita, em companhia de uma Éléonore cujos traços se endureceriam com a idade e cuja imagem se tornaria imperceptivelmente ridícula. E eles discutiriam! A respeito de tudo e de nada! Sobretudo a propósito dos quinhentos mil francos deles! Pois estes os teriam vencido!...

— Diga o que quiser, mas seu pai era um...

— Proíbo-a de falar do meu pai... O que era você, você, quando a conheci?

— O que não quer dizer que você soubesse muito bem...

Ele dormiu até Paris um sono pesado, repleto de figuras indistintas, de um bulício enjoativo. Na hora de pagar um café que bebeu no bar da

estação de Lyon, tirou do bolso o cartão-postal do Hotel de la Loire. Ao lado dele, uma costureirinha comia um croissant que molhava numa xícara de chocolate. Ele deixou o cartão em cima do balcão. Ao sair do bar, se virou e viu a moça olhando sonhadoramente para a extremidade da ponte suspensa e para algumas árvores que emolduravam o hotel do Sr. Tardivon. “Talvez ela vá se hospedar lá”, ele imaginou. E Saint-Hilaire, com seu traje de caça esverdeado, a convidaria a beber um vinho espumante de sua propriedade!...

— Parece estar voltando de um enterro! Observou a Sra. Maigret quando ele chegou à sua casa no Boulevard Richard-Lenoir. — Jantou, pelo menos?

— Tem razão... Ele articulou para si mesmo, olhando com prazer o cenário familiar. — Agora que ele está enterrado...

E acrescentou sem que ela pudesse compreender:

— Mas eu preferia me ocupar de um verdadeiro morto, que um verdadeiro assassino tivesse matado... Acorde-me às onze da manhã. Preciso fazer meu relatório ao chefe.

Ele não confessou que não tinha a intenção de dormir, preocupado com o que dizer nesse relatório. A verdade pura e simples, que arrebataria da Sra. Gallet os trezentos mil francos do seguro? Que a faria se insurgir contra o filho, contra Éléonore, contra Tiburce de Saint-Hilaire, e colocaria de novo as irmãs e os cunhados contra ela? Toda uma desordem de interesses, de ódios, de processos sem fim... Talvez até um juiz escrupuloso mandaria exumar para um novo exame! Émile Gallet do seu túmulo!... Maigret não tinha mais o retrato do seu morto, mas não havia mais necessidade daquela imagem. ...A face direita estava avermelhada... Escorria sangue... Ele continuou de pé, sempre a fixar o mesmo ponto, como se esperasse alguma coisa...

— A paz, é claro! É isso que ele esperava! Resmungou Maigret, se levantando bem antes da hora fixada.

E, com os ombros meio inclinados, disse ao chefe, um pouco mais tarde:

— Sem solução!... Só resta arquivar esse maldito caso insignificante. No entanto, calculou: — O médico afirma que ele não teria vivido mais que três anos. Digamos que a seguradora perde uns sessenta mil francos... E o capital dela é de noventa milhões...

Fim